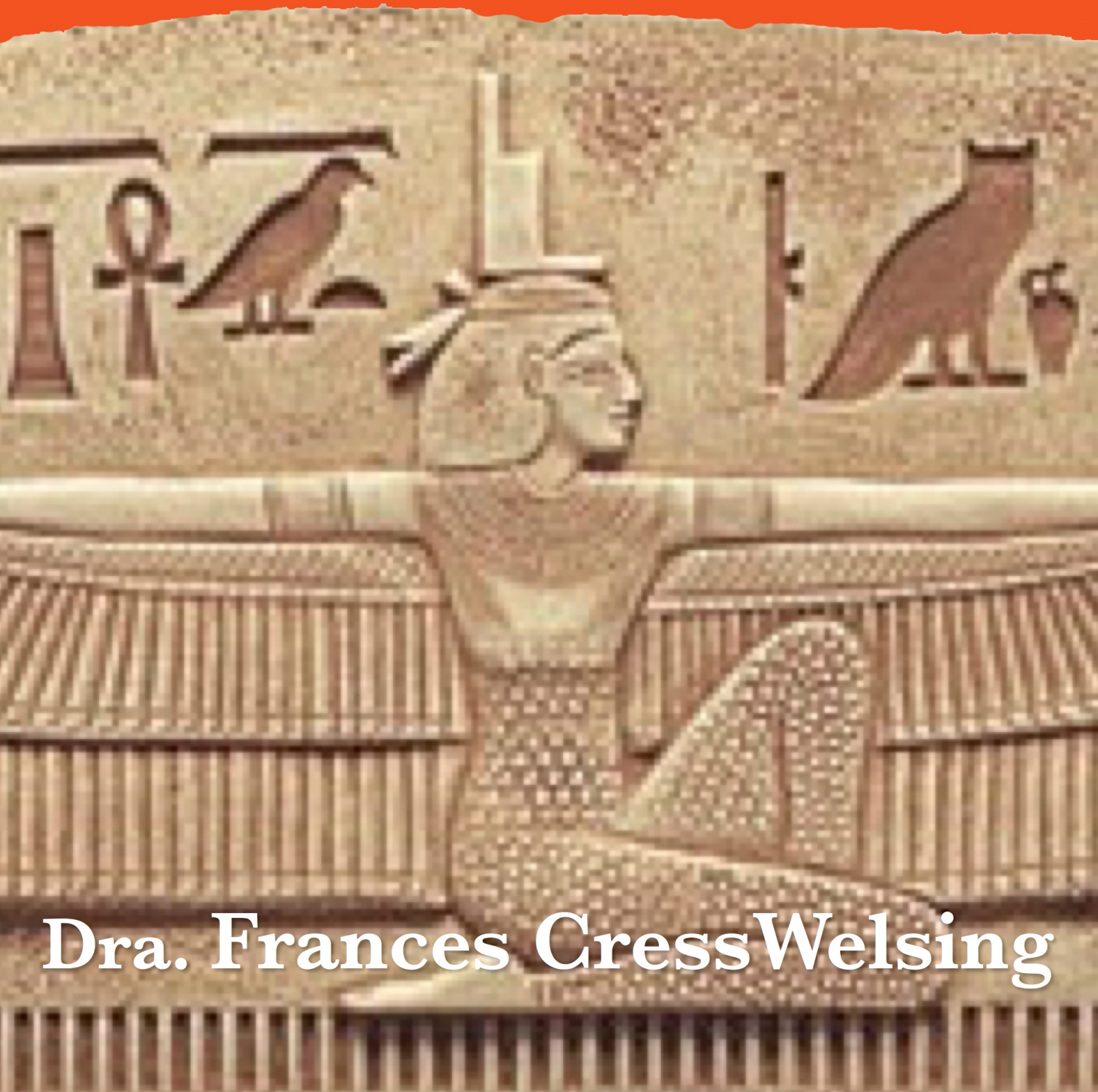


Os Papéis de Isis

As Chaves para as Cores



Dra. Frances CressWelsing

Os Papéis de Isis (Yssis)

As Chaves para as Cores

Dra. Frances Cress Welsing

Wellington Agudá, Rio de Janeiro

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às vítimas do sistema global de supremacia branca (racismo), todas as pessoas não-brancas em todo o mundo, passado e Presente, que resolveram acabar com esta grande farsa e trazer a justiça, então a paz ao planeta Terra.

"Se você não entender a Supremacia Branca (o Racismo) – o que é, e como ele funciona – tudo o mais que você entenda, só irá confundi-lo"

– Neely Fuller, Jr. (1971).

The United Independent Compensatory Code/System/Concept (O Conceito/Sistema/Código de Compensação Independente Unido).

Nenhuma pessoa que se classifique como branca na área do mundo conhecida como os Estados Unidos da América (ou para essa matéria, em qualquer outra região do mundo) deve presumir a dizer a qualquer pessoa negra (ou qualquer outra pessoa não-branca) o que é ou não é racismo, até que tenha lido completamente a obra de Kenneth O'Reilley, *Racial Matters: The FBI's Secret File on Black America* (Questões Raciais: Arquivo Secreto do FBI sobre a América Negra), 1960-1972.

Nenhuma pessoa negra vivendo na região do mundo conhecida como os Estados Unidos da América deve discursar sobre o racismo ou negar as dimensões conspiratórias do sistema local e global do racismo até que ele/ela tenha lido Questões Raciais completamente.

Todas as pessoas não-brancas (preto, marrom, vermelho e amarelo) deveriam ler e discutir as implicações do livro, Questões Raciais; as implicações para si mesmos como indivíduos e as implicações para sua coletiva deveria ser discutido com profundidade. Em seguida, todas as pessoas não-brancas deveriam assistir ao docudrama, *A Conferência de Wannsee* (que pode ser alugado), para observar exatamente como um governo supremacista branco senta-se calmamente e planeja a destruição de um povo que é classificado como não-branco. A Conferência de Wannsee teve lugar na Alemanha, em 1941, para finalizar os planos para a destruição de 11.000.000 de semitas (não-brancos) da religião judaica. Os supremacistas brancos alemães conseguiram matar seis milhões.

Após terem sido tomadas as medidas acima referidas, todas as pessoas não-brancas em todo o mundo devem ler a obra de Neely Fuller, *The United Independent Compensatory Code/System/Concept*, a

textbook/workbook for thought, action and/or speech for victims of racism (white supremacy) (O Conceito de Sistema de Código de Compensação Independente Unido, um livro/pasta de trabalhos para o pensamento, ação e/ou discurso para as vítimas do racismo (supremacia branca)).

Frances Cress Welsing
Washington, DC.
Agosto de 1989

Sumário

Prefácio	<i>i</i>
Introdução	<i>viii</i>
1 A Teoria Cress de Confronto de Cor e Racismo (Supremacia Branca)	1
2 A Origem da Alienação, Angústia e Narcisismo	13
3 Teoria Psiquiatra do Campo Unificado	30
4 Aprendendo a Enxergar os Símbolos	
5 O Simbolismo de Cristo, da Cruz, do Crucifixo, da Comunhão e dos Feriados Cristãos	
6 As Políticas por Trás da Inércia do Homem Negro, Efeminação, Bissexualidade e Homossexualidade	
7 Sobre o que Freud realmente estava falando a respeito O Conceito de Inveja do Pênis	
8 Armas e Símbolos	
9 O Filho da Puta e o Filho da Puta Original	
10 Jogos de Bola Como Símbolos: A Guerra das Bolas	
11 O Simbolismo de Fumar Objetos	

12	O Fracasso do Compromisso Analítico (Ideológico)
13	O Conceito e a Cor de Deus e a Saúde Mental dos Negros.
14	O simbolismo e o Significado de Estupro
15	O Simbolismo, Lógica e Significado de "Homicídio Justificável" nos anos 80
16	Notas e Ouro como Símbolos
17	O Simbolismo do Pugilismo e do Couro Preto
18	A Teoria Cress do Holocausto
19	As Bases Neuroquímicas da Maldade
20	Crianças Negras e o Processo de Inferiorização
21	Racismo e a Inferiorização dos Jovens e das Crianças Negras
22	Crianças Negras Pais: O Novo Fator do Genocídio
23	A Crise no Relacionamento homem negro/mulher negra: Esse Problema é Falso?
24	Mulher Negra Rumo ao Século XXI
25	O Sistema da Supremacia Branca, A Mentalidade da Supremacia Branca e o Holocausto da AIDS

Prefácio

Estamos, agora, chegando a última década do século XX. O grande Africano na América, o sociólogo-historiador W.E.B. Du Bois, identificou o problema deste século como o "problema da linha de cor" (*Souls of Black Folk*, 1903). Assim, felizmente, na última década do século XX foi produzida uma base para a solução para o problema da linha de cor. Esta base repousa em uma análise adequada da natureza da linha de cor, a natureza exata do racismo local e global. Em última análise, a decisão consciente por pessoas de cor em todo o mundo (a esmagadora maioria da população do mundo) para basear seu comportamento em relacionamentos em uma análise exata e definição do racismo como a supremacia branca vai mudar sua aparência e atividade no planeta Terra. Assim como o problema da linha-de-cor (racismo) tem controlado eventos no século XX (e séculos anteriores), a solução para o problema irá regulamentar eventos no século XXI e além à medida que entramos na era de justiça.

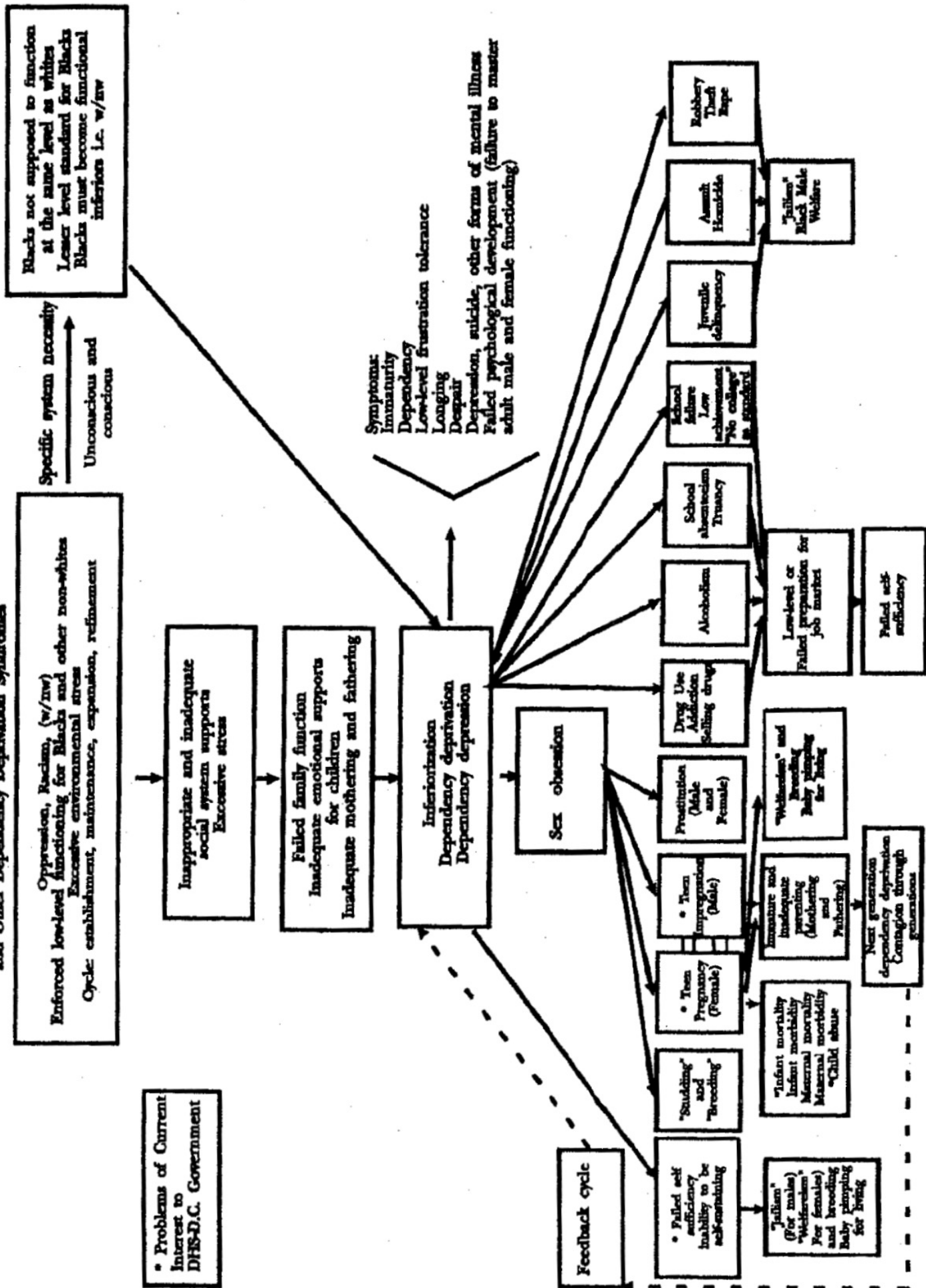
Recentemente, houve um desmoronamento e uma análise da questão central do primeiro sistema poder global de opressão de massa, o sistema de poder do racismo (supremacia branca). Uma vez que a vítima coletiva entenda esta questão fundamental, a organização final de todos os comportamentos apropriados necessários para neutralizar a grande injustiça do sistema de poder da supremacia branca será apenas uma questão de tempo. O período de tempo necessário para neutralizar a supremacia branca global será inversamente proporcional a 1) o nível de compreensão do fenômeno, mais 2) a evolução da auto-estima e de grupo, a vontade, determinação e disciplina para praticar o apropriado comportamento contra-racista por parte das vítimas não-brancas da supremacia branca. Assim, o século XXI, e de fato, o fim do século XX, será um tempo, talvez, de grande devastação. Mas, sem dúvida, será um momento de grande mudança. E o fator mais crítico nessa mudança de circunstâncias serão as pessoas não-brancas cada vez mais entendidas sobre o fenômeno comportamental da supremacia branca global como um sistema de poder terrorista.

No entanto, deve ser entendido que altos níveis de auto-estima, vontade e determinação, sem uma adequada compreensão, análise e definição de racismo como o sistema de poder que oprime, não serão suficiente para trazer o objectivo há muito procurado de neutralizar essa injustiça e estabelecer justiça e paz para todos os povos. Portanto, é fundamental ter uma análise abrangente e definição da força adversária. Como uma cientista do comportamento Negro e praticando psiquiatria geral e infantil, a minha definição funcional atual do racismo (supremacia branca) é a seguinte: o sistema de poder local e global estruturada mantido por uma pessoa que se classifique como branca, consciente ou inconscientemente

determinado, este sistema é composto por padrões de percepção, a lógica, a formação do símbolo, pensamento, fala, ação e reação emocional, como realizado simultaneamente em todas as áreas de atividade de pessoas (economia, educação, entretenimento, trabalho, direito, política, religião, sexo e guerra). O objetivo final do sistema é impedir a aniquilação da genética branca na Terra, um planeta em que a esmagadora maioria das pessoas são classificadas como não-brancas (preto, marrom, vermelho e amarelo) por pessoas de pele branca. Todas as pessoas não-brancas são geneticamente dominante (em termos de coloração de pele) em comparação com as pessoas de pele branca geneticamente recessivas.

Quando esta definição de racismo como uma estratégia de sobrevivência genética branca for dominada, pode-se compreender com precisão não só as presentes formações globais de poder e realinhamentos (isso é, E.U.A/U.R.S.S. de ligação e unificação europeia), mas também todas as epidemias atuais em centros urbanos (não-brancos). Estou falando das crises urbanas simultâneas de consumo de droga, de dependência de drogas, assassinatos relacionados com as drogas, gravidez na adolescência, mortalidade infantil, sub quantidade de negros na academia, desemprego de adolescentes negros, desemprego de negros adultos, encarceramento de homens negros, pais solteiros (liderados por mulheres) agregados familiares, dependência crônica de assistência social, pobreza, AIDS e falta de moradia. (Ver o Diagrama I.) Estas preocupantes formas patológicas de comportamentos destrutivos (individuais e de grupo) são os subprodutos indiretos e diretos de um sistema de poder comportamental estruturado fundamentalmente para a sobrevivência genética branca local e globalmente.

Etiology
Dynamic Causation of Black "Teen Pregnancy - Teen Impregnation" and Other Dependency Deprivation Syndromes



A dominação da supremacia branca e a opressão de todas as pessoas não-brancas é essencial para a sobrevivência global da genética branca. A prevenção da aniquilação genética branca é perseguida por todos os meios, incluindo a guerra química e biológica. Hoje, a sobrevivência da genética branca imperativa, em vez de usar produtos químicos em câmaras de gás, está usando produtos químicos nas ruas – crack, crank (um tipo de metanfetamina), cocaína, ecstasy, PCP, heroína e Methadon (todos os "produtos químicos de grife"). Em última análise, estes produtos químicos são produzidos por brancos e disponibilizada aos negros urbanos, particularmente os homens negros sobre os quais o futuro do povo negro é dependente. A dinâmica do núcleo de sobrevivência genética branca, eventualmente, leva os brancos a um grande ato de genocídio (destruição dos genes de pessoas não-brancas), ou em direção a imperativos genocidas. Tal genocídio ocorreu na Alemanha nazista (1933-1945), em que o semita e as populações ciganas foram classificados como não-brancos e, portanto, foram destruídos.

A razão pela qual o homem preto (como recentemente simbolizada por Willie Horton) é e sempre tem sido fundamental para a questão da supremacia branca é esclarecida pela definição de racismo como sobrevivência genética branca. Na psique coletiva branca, homens negros representam a maior ameaça para a sobrevivência genética branca porque apenas os machos (de qualquer cor) podem impor a relação sexual, e homens negros têm o maior potencial genético (de todos os homens não-brancos) para causar a aniquilação da genética branca. Assim, os homens negros devem ser atacados e destruídos em um sistema de poder projetado para assegurar a sobrevivência genética branca. Na mentalidade da supremacia branca, consciente ou sub-conscientemente, homens negros devem ser destruídos em números significativos, assim como eram em antigamente, quando haviam linchamentos abertos e castração de homens negros generalizado, ou durante a Experiência de Sífilis de Tuskegee (Tuskegee Syphilis Study), 1932-1972, quando um grande número de homens negros foram usados e destruídos por brancos.

Hoje nós estamos testemunhando uma abordagem sistêmica mais sutil para a sobrevivência genética branca. A destruição de homens negros agora é indireta, por isso as vítimas masculinas negras próprias podem ser levadas a participar - e, em seguida, serem acusadas - de suas próprias mortes em massa. No entanto, através de um estreito exame e uma compreensão de que o objectivo final da supremacia branca como a sobrevivência coletiva da genética branca, as etapas para a massiva morte masculina negra podem ser mapeadas. A cadeia de eventos começa com a negação de emprego em grande escala e avanço para os homens negros, de modo que eles não possam se sustentar, suas esposas e seus filhos, de forma adequada. Por sua vez, um grande número de crianças negras do sexo masculino crescem sem orientação de seus pais. Isto leva à frustração, depressão e fracasso escolar. Uma vez que este ambiente é estabelecido, as drogas são colocadas

deliberadamente na comunidade negra. As drogas são então usadas para um 'tratamento de rua' da frustração e depressão masculina negra. Os preços elevados qual as drogas são vendidas fornecem a população masculina preta a ilusão de que, finalmente, eles estão começando a fazer algum dinheiro e a participarem do "sonho americano". As armas são então colocadas à disposição das mesmas pessoas do gênero masculino negro, supostamente para ajudá-los a fazer cumprir o pagamento pela a venda de drogas. Mais importante, a estratégia é para homens negros matarem e destruírem um ao outro e, em seguida, levarem a culpa. (Deve-se ter em conta que não há homens negros fabricando químicos para o uso de drogas, tampouco os homens negros fabricam armas.)

O mesmo sistema de poder do racismo tem tão arraigado uma imagem negativa e conotação de negritude em geral (ou seja, segunda-feira negra, chantagem (blackmail em inglês), ovelha negra, dia negro), e do homem negro em particular, que, para os homens negros matarem uns aos outros nas ruas diariamente significa quase nada, na verdade, isso é tratado como desejável e aceitável. "Se livrar de lixo ruim." ("Good riddance of bad rubbish": expressão inglês). Isto está em forte contraste com a urgência, alarme e preocupação que é gerado na mesma sociedade quando apenas 25 jovens homens brancos cometem suicídio no decurso de um período de 24 meses.

Falhar em compreender o contexto ambiental do sistema da supremacia branca e seu objetivo final de sobrevivência genética branca, as pessoas negras também não conseguem entender o sentido mais profundo do que realmente está ocorrendo na frente de nossos olhos. Nós não damos conta de que as mortes massivas de homens negros constituem o genocídio do povo negro (que leva os homens negros a fazerem bebês Negro e assegurar futuras gerações Negras).

A destruição de homens negros com o propósito da sobrevivência genética branca é a razão por trás do que sempre crescente disparidade entre o número de mulheres negras que entram e graduam-se em escolas e instituições de ensino superior em comparação com o número bem menor de homens negros. Isso se torna uma faceta adicional do genocídio negro. Além disso, a sobrevivência genética branca é a dinâmica por trás da alta taxa de encarceramento de homens negros nos EUA, que é apenas a segunda à da África do Sul. A alta taxa de encarceramento masculino negro contribui de forma genocida para a prevenção do nascimentos de negros e o apoio masculino ao desenvolvimento negro de todas as crianças negras, especialmente os meninos.

O genocídio dos não-brancos deve ser entendido como uma tática necessária de um povo (branco), que é uma minoria da população do mundo e que, por não dispor da capacidade genética para produzir níveis significativos de melanina, é geneticamente recessivo em termos de coloração de pele, em comparação com o preto, marrom, vermelho e amarelo, maiorias no mundo. Assim, a minoria branca global deve agir

genocidamente contra as pessoas de cor com a finalidade da sobrevivência genética branca. Esta é a mentalidade do "mate ou morra". Esta é a razão que as pessoas que se classificaram como "brancas" se comportaram genocidamente em relação aos semitas do holocausto na Alemanha nazista e na Europa (1933-1945). (A palavra semita é a partir do prefixo latino, semi significando "metade" - metade preta e metade branca, e isso significa mulato (não-branco). Esta é também a razão pela qual as pessoas que classificaram a si mesmas como "branca" comportaram-se (e ainda se comportam) genocidamente contra os habitantes indígenas do Hemisfério Ocidental que foram classificados como vermelhos (não-brancos).

Só a vontade dos povos não-brancos em todo o mundo de reconhecer, analisar, compreender e discutir abertamente a dinâmica genocida trará um fim à essa injustiça. Mais importante, homens negros devem ajudar-se mutuamente a entender que eles estão sendo conduzidos pela dinâmica da supremacia branca para infligir danos extremos em si mesmos, uns aos outros e, finalmente, a raça negra. Homens negros têm de compreender que, ao contrário do que é dito, a guerra que está sendo conduzida em centros urbanos não é contra as drogas, mas contra negros do sexo masculino - para fins de sobrevivência genética branca. As drogas são usadas simplesmente como os meios para atingir esse fim. É por isso que as drogas são abundantes, enquanto os homens negros estão morrendo em números cada vez mais altos! (A proposta recente de tratar viciados em drogas em bases militares é apenas a primeira etapa para uma colocação mais formal de campo de concentração, mais formal do que o gueto.)

Dominando a definição acima do racismo como uma estratégia para neutralizar a supremacia branca, permitirá decodificar com precisão o simbolismo no novo vídeo de Madonna "Like a Prayer", concebido de forma consciente e/ou inconsciente por brancos para massagear, estimular e melhorar ainda mais o instinto coletivo para a sobrevivência genética branca. O mesmo poderia ser dito sobre os últimos filmes de "Traição" e "Mississippi em Chamas". Além disso, tal entendimento ajudará a esclarecer os comportamentos persistentes e até mesmo violentos por parte de pessoas associadas com o chamado "movimento de direito à vida", que visa prevenir abortos, especialmente entre os brancos. Reconhecer o racismo como a luta pela sobrevivência genética branca ajuda a entender o que está acontecendo na África do Sul; que é eufemisticamente chamado de "apartheid" são apenas as táticas e estratégias da população branca minoritária, com numeração de apenas quatro milhões de pessoas, que tentam sobreviver geneticamente, embora cercados por uma população majoritariamente negra de cerca de 26 a 30 milhões. Este é um microcosmo do que está acontecendo em todo o planeta.

Finalmente, chegou o momento de revelar a verdadeira natureza da supremacia branca (racismo). Por esta razão, eu intitulei este trabalho, Os Papéis Isis (YSSIS): As Chaves para as Cores. Isis era a deusa mais importante da antiga África (especificamente, Egito). Ela era a irmã/esposa

do deus mais importante do Egito, Osiris ("Senhor da perfeição Negra"), e mãe de Horus. Na interpretação astral dos deuses egípcios, Isis foi igualada à estrela de cão Sirius (Sothis). De acordo com a antiga estória Africana, após o assassinato e desmembramento de Osíris por seu irmão mal, Set (Seth), Isis descobriu o crime, recuperou os pedaços do corpo de Osíris, e colocou-os juntos novamente, restaurando sua existência e seu poder. Segundo a lenda, Isis admirava a verdade e a justiça e fez a justiça mais forte do que o ouro e a prata.

Na presente época, a verdade e a justiça foram esmagadas pelo sistema de poder global da supremacia branca, fazendo a existência da paz no planeta impossível sob este reinado de terror. A tentativa neste trabalho de revelar alguns aspectos em profundidade da verdade sobre o sistema de poder da supremacia branca com o propósito final de estabelecer a justiça e a paz no mundo está na tradição da grande deusa Africana, Isis.

Espero que, com este conhecimento, as pessoas não-brancas (preto, marrom, vermelho e amarelo) do mundo irão trabalhar de forma mais eficaz para neutralizar esta global e mais monstruosa forma de injustiça e de caos. Qualquer pessoa não interessada em uma definição, análise e compreensão mais profunda da supremacia branca em todo o mundo deve ter um interesse (consciente ou inconsciente) na manutenção da mesma.

O subtítulo deste trabalho, As chaves para as Cores, veio de uma declaração feita a mim por um paciente em uma clínica de saúde mental pública, em Washington, DC, no final de 1960. O paciente era alto, magro, homem de pele negra de meia-idade que, de uma maneira um pouco confusa, falou seriamente comigo sobre os problemas que ele tinha experimentado em sua vida. Ele disse: "Doutora, se pudéssemos encontrar as chaves para as cores!" E ele repetiu lentamente. Foi uma declaração que eu nunca fui capaz de esquecer. Este trabalho é uma parte da minha resposta.

Frances Cress Welsing, Doutora Médica
Washington, DC.
1989

Introdução

Os Papéis Isis (Yssis): As Chaves para as Cores é uma coletânea de ensaios que tenho escrito ao longo dos últimos 18 anos, seguindo a apresentação e publicação de meu primeiro trabalho, A Teoria Cress de Confronto de Cor e Racismo (Supremacia Branca). Esse primeiro trabalho foi uma declaração teórica, uma teoria psicogenética e visão de mundo sobre a origem e o significado do sistema de supremacia branca global. A teoria resume e esclarece nossa experiência como Povo Negro (não-branco) em um planeta atualmente dominado por um povo que se classifica como "branco", e que são uma minoria de pessoas do mundo.

A Teoria Cress foi baseada no trabalho criterioso de Neely Fuller Jr., The United Independent Compensatory Code System Concept (O Conceito de Sistema de Código de Compensação Independente Unido), um livro/pasta de trabalho para o pensamento, ação e/ou discurso para as vítimas do racismo (supremacia branca). Fuller, fundador do conceito de racismo/ contra-racismo, foi a primeira vítima de racismo a entendê-lo como um sistema global de comportamento organizado (pensamento, fala e ação) para a dominação da supremacia branca em todas as áreas de atividade das pessoas (economia, educação, entretenimento, trabalho, direito, política, religião, sexo e guerra). Em outras palavras, ele reconheceu que toda a atividade e comportamento abrangidos pelo sistema de supremacia branca teve e tem sua origem na dinâmica do racismo. Além disso, Fuller entendeu que o racismo continha as sementes e origem do contra-racismo, o comportamento dinâmico de libertação para os não-brancos vítimas de supremacia branca. Seu trabalho levou-me a questionar a necessidade do coletivo branco global de se evoluir para um sistema desse tipo de comportamento injusto. O resultado foi A teoria Cress de Confronto de Cor e Racismo (Supremacia Branca). (Cress é o meu nome de solteira.)

Esta tese me proporcionou uma abordagem de "teoria do campo unificado" e entendimento, no sentido de Einstein, a todos os fenômenos comportamentais manifestados com alta frequência no sistema local e global do racismo. O grande físico, Albert Einstein, em O Significado da Relatividade (The Meaning of Relativity, 1922) teve o seguinte a dizer sobre o "campo unificado".

O objeto de todas as ciências, sejam ciências naturais ou psicológica, é coordenar as nossas experiências e trazê-las em um sistema lógico - a única justificativa para os nossos conceitos e sistema de conceitos é que eles servem para representar o complexo de nossas experiências; depois disso, eles não têm legitimidade.

A Teoria Cress me permitiu ver e compreender muitas formas de actividade (por parte dos brancos e suas vítimas não-brancos) que tenham sido ou

ignorados ou concedidas. Esses comportamentos, que pode ser visto como simbólico do objectivo fundamental de sobrevivência genética branca, encontra-se na reflexão social do sistema de poder da supremacia branca - a cultura da supremacia branca. Juntos, o sistema e a cultura de supremacia branca produzem o fenómeno do racismo. Assim, ao longo deste livro, os termos sistema e cultura, em referência a supremacia branca, são usados alternadamente.

Esta investigação profunda e compreensão é essencial se negros e outros povos não-brancos estão tendo sucesso em jogar o "lado negro do tabuleiro de xadrez" (defesa-ataque) em contraste com o "lado branco do tabuleiro de xadrez" (ataque-defesa) no jogo de xadrez planetário (a supremacia branca) que está sendo disputado afora entre brancos e não-brancos. Atualmente, os jogadores do lado negro do tabuleiro de xadrez estão em um estado contínuo de xeque-mate (uma série de derrotas que dura longos séculos). Isso aconteceu por causa da nossa incapacidade de compreender o jogo. Até agora, as pessoas não-brancas não decodificaram a sobrevivência genética branca.

Depois de apresentar a Teoria Cress, minha computação cerebral foi inundada com novos entendimentos especificamente relacionados ao sistema global de supremacia branca. Muitas coisas que eu - como a maioria das pessoas - via como banal, eu comecei a ver sob uma luz diferente. Era como se uma enorme janela tivesse sido aberta em um quarto que estivesse sem a luz do Sol. Eu reconheci muitos dos itens que eu revi como símbolos no sistema de supremacia branca. Talvez porque eu seja uma psiquiatra geral e infantil com uma considerável experiência na interpretação do jogo simbólico das crianças e dos símbolos em sonhos de crianças e adultos, eu tenha ficado sensível aos símbolos no sistema de comportamento da supremacia branca, uma vez que tenham sido definidos e decodificados.

Embora símbolos sejam entidades geralmente visuais, eles também assumem a forma de discurso, ou podem ser encontrados em atividades como jogos. Símbolos são específicos para as pessoas e as suas experiências, suas culturas e circunstâncias evoluídas. Como tal, os símbolos são as entidades que transportam mensagens altamente compactadas relativas à origem, identidade e sobrevivência dos indivíduos e dos povos coletivos.

Sob a forma de entidades visuais, padrões de fala e/ou de atividades, símbolos contêm mensagens complexas destiladas a partir dos níveis conscientes do computador cerebral. Estas mensagens têm sido reduzidas à sua essência no funcionamento subconsciente; lá, estas mensagens altamente codificadas são armazenadas e continuamente referidas pela existência e sobrevivência. Uma vez que um símbolo evolui no subconsciente de uma pessoa, essa pessoa usa o símbolo com alta frequência e tem pouco ou nenhum necessidade de compreensão consciente do seu significado.

Um símbolo compartilhado fala muita coisa, embora contido em um pacote visual ou auditivo relativamente pequeno. Um símbolo fala em voz alta, ou mesmo grita seu significado, sem emitir um som. Símbolos se

comunicam a partir do subconsciente de uma pessoa para o subconsciente de outra que compartilha a mesma identidade e necessidade de sobrevivência. Tal comunicação transparece em níveis subconscientes quando os níveis conscientes do funcionamento da computação cerebral não pode suportar resolver certas questões. A supremacia branca é um tema que poucos podem ou ousam discutir em profundidade no nível consciente do funcionamento da computação cerebral. Poucos se atrevem a se aprofundar ou a investigar a supremacia branca, pois isso poderia levar ao desmantelamento do sistema. Portanto, não é de estranhar que existam tantos símbolos no sistema de supremacia branca que revelem que suas raízes estão na luta pela sobrevivência genética branca.

No sistema de supremacia branca (muitas vezes referida como cultura ou civilização ocidental), há pouco foco consciente em símbolos, sua formação, utilização e interpretação. Contrariando, os povos não-brancos em suas culturas originais tendem a se concentrar em símbolos e interpretação dos sonhos como aspectos essenciais de suas vidas (ou seja, os bens culturais africanos referidos como arte Africana, sistemas Egípcios [Africanos] de hieróglifos e os símbolos e interpretação de sonhos nas histórias bíblicas). Portanto, como uma Africana, é difícil para mim explicar a capacidade de ver e compreender os símbolos; no entanto, estou ciente de fazer uma determinada mudança para uma menor frequência de funcionamento da computação cerebral (longe do que a frequência necessária para o ordinário funcionamento consciente do dia a dia), a fim de ver e interpretar os símbolos. Mas devo repetir que a minha capacidade de explicar um processo para interpretação de símbolo é derivado de minha busca contínua por uma firme compreensão do contexto global em que esses símbolos evoluem - o sistema/cultura de supremacia branca.

Talvez hajam pessoas, Negras, bem como brancas, que deixam de apreciar a linguagem dos símbolos. Haverão aqueles que rebaixarão a tentativa de decodificar símbolos e ridicularizarão seus valores e minhas interpretações. Além disso, haverão aqueles que procuram identificar e decodificar símbolos, mas não conseguem. No entanto, estou apresentando certos aspectos simbólicos do sistema/cultura da supremacia branca em um esforço para aumentar a nossa compreensão do racismo e, assim, ajudar a trazer justiça ao mundo.

Um exame do monumento de Washington (em Washington, DC) e reconhecimento deste como um símbolo de poder branco - especificamente, o poder masculino branco (assim, um pênis gigantesco branco ou símbolo fálico) - pode ajudar quem tem dificuldade com a compreensão de símbolos. A lei que determina que nenhum edifício no Distrito de Columbia pode ser mais alto do que o monumento branco de Washington em forma de falo (que, por sinal, parece um manto Ku Klux Klan) não é mera coincidência. O significado subjacente do monumento e da lei é que não pode haver nenhum desafio ao poder branco. Não é sem significado que o Monumento de Washington, como um símbolo fálico, se eleva sobre uma população

predominantemente negra na cidade capital do governo mais poderoso do sistema de supremacia branca global.

Se isso não for suficiente, aqueles que não conseguem entender o símbolo deve ir para a ala leste da Galeria Nacional de Arte (National Gallery of Art), em Washington, DC e ver a pintura (especificamente encomendada para aquela construção) feita pelo artista Robert Motherwell, intitulada "Elegia de Reconciliação". Este trabalho é uma continuação da série de pinturas anterior de Motherwell, "Elegia para a República Espanhola." Toda a série "Elegia" consiste em formas negras maciças, algumas redondas ou ovais, alguns maciças ou verticais, posicionadas ao lado uma da outra. Todas as formas são negras, contra um fundo branco. No livro *Elegia Reconciliação*, Motherwell afirma:

Branco sempre me transmitiu o esplendor da vida, de modo que se alguém - embora isso seja muito literal - se tiver as Elegias como uma metáfora para a "vida e morte", então, obviamente, um sentido de vida como liberdade e de a morte como o vivificador terminal, pode ser uma obsessão e preocupação sem fim. De uma maneira curiosa na Elegia de Reconciliação, minhas formas pretas, as formas de vida-morte, estão se tornando personagens, em vez de pedras pretas... o preto e branco estão começando a se fundir... A morte tem sido uma presença viva contínua para mim.

A palavra elegia significa um poema de lamento ou elogios aos mortos. As formas ovais e verticais pretas enormes, formas simbólicas que representam a morte, obsessivamente pintadas ao longo de toda a série "Elegia" foram imediatamente vistas por meus olhos (os olhos de uma pessoa negra) como a genitália imponente (testículos e pênis) do sexo masculino Negro, dominando um fundo branco (simbólica do coletivo branco global). Embora tenha referido aos objetos redondos que pintou como "pedras", Motherwell parecia não perceber que a palavra "pedra" é um termo antigo para testículos. No entanto, em sua própria descrição, Motherwell fala da pintura preto e branco como uma metáfora para a "vida e morte" (branco como a vida e preto como morte). Certamente ele não está pensando conscientemente de suas pinturas de genitália masculina negra como símbolos de morte branca através aniquilação genética branca (causada pela genitália masculina negra e material genético Negro). Mas símbolos não surgem de níveis conscientes de pensamento. Ainda assim, no entanto, é surpreendente que Motherwell é incapaz de ver suas formas como genitália Negra masculina e nomeá-las abertamente como tal. Mas será que Motherwell conscientemente compreende a supremacia branca?

De acordo com o Motherwell, a primeira parte da sua série, "Elegia à República Espanhola" (ao nível do seu pensamento consciente), refere-se ao resultado da derrota do exército republicano espanhol pelos fascistas espanhóis, em 1935, na Guerra Civil Espanhola. No entanto, em um nível muito mais profundo, ocorreu-me que a Espanha também foi conquistada por 700 anos (do século VIII ao XV, CE) por homens negros do norte da África, os Mouros. Durante a ocupação da Espanha, os mouros danificaram

os esforços de sobrevivência genética branca, fazendo com que os espanhóis se tornassem mais escuro na cor da pele (em comparação com o resto dos europeus) por causa da mistura a longo prazo com o material genético Africano (Negro). Só com esta compreensão faz a pintura obsessiva de formas simbólicas do falo e testículos negros em uma série intitulada "elegia" (poema para os mortos) fazem sentido fatal. Não compreender o medo subjacente de aniquilação genética branca (na psique branca individual e coletiva) faz se ter uma mera interpretação superficial das pinturas (mesmo na mente do próprio artista). O fracasso em alcançar a questão central de sobrevivência genética branca (ressoando no subconsciente), que é mais ameaçada pelo poder da genética na genitália do Homem Negro, relega interpretação a níveis superficiais com uma falha em ver e entender os símbolos decorrentes desse núcleo subconsciente.

Motherwell abordou a questão da sobrevivência branca (ocidental) em seus comentários sobre a série "Elegia", especificamente na "Elegia da Reconciliação".

No contexto do possível holocausto nuclear, devemos ainda nos reconciliar com o fato de que o homem ocidental na escolha séculos atrás explorar a natureza, em vez de se casar com ela, foi condenando a si mesmo - com uma tecnologia industrial para a qual não tem nem a sabedoria nem o mecanismo político para controlar...

No entanto, depois de ter dito tudo o que precede, Motherwell ainda permanece inconsciente das formas simbólicas em suas pinturas. Na verdade, a tecnologia industrial e as armas nucleares dos quais Motherwell fala são projetados pelo coletivo Ocidental (branca) como proteção contra a aniquilação genética branca. Outras pinturas Motherwell de figuras negras contra fundos brancos ostentam títulos como "África", "Estudo para Kilimanjaro" e "Presença Ancestral".

Esta mesma preocupação e ameaça inconscientemente percebida (na psique branca) sobre o Homem Negro (via genitália masculina Negra) para a sobrevivência genética branca é pasta pra fora no simbolismo da tourada. No ringue dos touros, o touro é geralmente preto. O toureiro é geralmente um homem

branco ou qualquer homem em um "terno de luzes", que signifique branco. O touro é perseguido e atormentado até ele ser morto. Esta matança continua obsessivamente, como um símbolo da sobrevivência branca na presença da ameaça do Homem Negro; simbólica de homens brancos conquistando homens negros ou da sobrevivência branca em um mundo povoado majoritariamente por pessoas não-brancas. Além disso, precisamos compreender os símbolos de "comunhão" na religião cristã; o vinho e o pão que são comidos pelos comungantes são símbolos do sangue e corpo de Jesus, respectivamente. É importante ter em mente que Jesus era um Africano, um Homem Negro cuja cor foi alterada estar em conformidade com a percepção e ideologia da supremacia branca. Finalmente, King Kong,

o filme em que um macaco preto gigantesco contracenava com uma mulher branca, endereços de forma simbólica a ameaça do Homem Negro à sobrevivência genética branca. Naturalmente, King Kong é morto ao final do filme.

Os trabalhos nesta coleção foram escritos ao longo dos últimos 19 anos. Eles são datados para dar ao leitor alguma apreciação da ordem em que eles evoluíram em meus processos de pensamento. Eles são de um pano inteiro; todos são derivados do poder de sistema/cultura da supremacia branca, que até agora não tinha sido compreendido em profundidade suficiente. Vários ensaios abordam símbolos específicos no sistema/cultura da supremacia branca. Eu não inventei esses símbolos. Pelo contrário, eu olhei e lá estavam eles.

Alguns perguntaram: "Por que outros não penetraram nesses símbolos profundos da cultura ocidental? Por que só você?" Minha resposta é que eu não tinha visto esses símbolos, nem tinha compreendido seus significados, até eu ter escrito *The Cress Theory of Color-Confrontation and Racism*. Essa análise deu-me acesso ao espectro total dos produtos coletivos da computação-cerebral (símbolos, lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção) que emanam daqueles que têm criado e mantido civilização ocidental. Tendo sondado para o núcleo central da civilização ocidental, eu fui capaz de ver por dentro (en-tro) os inumeráveis fenômenos energéticos que derivam desse núcleo dinâmico. Reconhecendo a injustiça específica cometida contra pessoas não-brancas no quadro da civilização e da cultura ocidental, tornou-se claro que toda a dinâmica da civilização ocidental está fundamentalmente ligada ao medo da aniquilação genética branca e à necessidade subsequente (vivida pelo coletivo branco mundial) da batalha contínua contra a maioria global geneticamente dominante de pessoas negras, marrons, vermelhas e amarelas. A organização para que a sobrevivência não é outro senão a raça branca, que realiza o sistema global da supremacia branca.

Embora inicialmente isso venha como uma grande surpresa, é apenas lógico que as manifestações simbólicas de uma infinidade de luta pela sobrevivência genética branca abundam em toda a estrutura histórica e global da supremacia branca. Estes símbolos manifestam pra onde quer que se olha, onde quer que se vá e pra onde quer que se vire. Que estes símbolos sutis e uma vez escondidos estão em toda parte serve como a mais forte evidência da validade da teoria Cress.

É como se eu tivesse escrito: "Se a teoria Cress estiver correta, símbolos assim nos informando serão encontrados em toda a cultura e civilização ocidental". Com efeito, sem a teoria específica, pode-se olhar para os símbolos ao longo de décadas e realmente não se saber o que se está vendo, mesmo quando se está a lidar com o símbolo com as mãos nuas.

Alguém, então, pode perguntar: "Por que é necessário ler um sistema de civilização ou de poder em níveis profundos?" A cultura ocidental tem produzido muita violência e destruição do planeta. É como um câncer

destruindo o corpo. Um médico tentando tratar ou curar uma doença (ou seja, câncer) deve examinar o paciente em níveis de profundidade. É insuficiente parar naquilo que é visto a olho nu. O médico tenta resolver o problema de uma tosse persistente e problemática, em um paciente em particular pode determinar estudos de raios-X para visualizar o interior dos pulmões e da cavidade torácica. Ele/ela pode realizar um exame microscópico de culturas bacterianas e os estudos sobre a expectoração que vem dos pulmões a fim de compreender a causa da tosse. Quando a causa é compreendida, a probabilidade de que a doença possa ser tratada eficazmente e curada é amplamente melhorada, enquanto o que quando não se é compreendido em profundidade, raramente pode-se ser tratado ou curado. Da mesma forma, há sérios problemas colocados para a grande maioria da humanidade pela dinâmica específica da cultura Ocidental (supremacia branca).

Espero que esta coleção de ensaios ajude negros e todas as outras pessoas – que têm como sua responsabilidade cósmica a resolução do problema da injustiça no mundo – a identificar o problema dessa injustiça específica de forma mais clara do que nunca. Em vez de nos engajarmos em nossas práticas passadas de reclamação, gemeção, choro, imploração, bateção de palmas e cantar "We Shall Overcome" quando confrontados com estes problemas causadores de morte, ridicularizadores da vida postos pela supremacia branca, o Povo Negro nos EUA deve dissecar e analisar esses problemas em seus núcleos. Com esse conhecimento, os Negros podem dar os passos necessários para eliminar o problema.

Aqueles que irão trabalhar pela justiça e que entendem esse trabalho como sua responsabilidade consciente serão encontrados em todos os lugares e em todas as esferas da vida, em todos os níveis de educação formal e a todos os níveis de renda. Não há divisões de classe, nem barreiras linguísticas para aqueles que fazem este trabalho cósmico. É tempo de resolver este problema de uma vez por todas. É tempo de justiça no planeta Terra.

A Teoria Cress de Cor-Confrontação e Racismo (Supremacia Branca)

Uma Teoria e Visão de Mundo Psicogenética (1970)

Ao contrário da religião, o corpo do conhecimento conhecido como ciência assume a posição de que todos os fenômenos observáveis podem ser explicados, ou, pelo menos, são combustíveis para uma usina de investigação, análise e compreensão pela mente humana.

No mundo muito pequeno de hoje, pelo menos, três quartos das pessoas são "não-brancas", e os membros desta maioria da população de "não-brancos" são submetidos à dominação ao longo de suas vidas, direta ou indiretamente, por uma pequena minoria de pessoas no mundo que se classificam como "brancas". Racismo (supremacia branca), então, é revelado como um dos, se não o fenômeno observável mais importante no mundo de hoje para o qual os cientistas sociais, comportamentais e todos os outros cientistas deveriam estar buscando uma explicação.

Até agora, o racismo foi definido e descrito diversas vezes, (veja Gullattee, Comer, Butts e Pinderhughes). No entanto, no meu entender, a comentário feito por Oliver C. Cox em seu premiado texto de 1.969, "Casta, Classe e Raça" (Monthly Review Press), ainda prevalece:

Não é comumente percebido que, de toda a grande massa escrevendo sobre as relações raciais, não está disponível nenhuma teoria consistente de relações raciais. A necessidade de tal explicação sociológica é tão grande que, recentemente, quando um autor bem-sucedido, com algum grau de lógica superficial, explica os fenômenos em termos de relações de casta, os livros de faculdade e periódicos de ciências sociais, quase que por unanimidade e sem questionar, rapidamente adotam a sua teoria.

Talvez os cientistas sociais e comportamentais não tenham conseguido desenvolver uma teoria sólida e consistente sobre o racismo por causa de sua tendência a serem menos exigentes e menos rigorosamente disciplinados a aderirem aos dados observáveis e mensuráveis do que os chamados cientistas "físicos" são obrigados a estar na formulação de hipóteses. Frequentemente, ao contrário de todas as premissas básicas da ciência moderna, as declarações são feitas por alguns desses cientistas "a priori" - isto é, alegavam observação independente como válida. Similarmente, a sociedade, no geral, não impõe uma significativa pressão sobre os cientistas sociais e comportamentais para que produzam teorias e definições viáveis. Tais teorias e definições subsequentemente podem estar e funcionar como ferramentas eficientes e efetivas para serem utilizadas por engenheiros

sociais como guias para mudar a realidade social. No entanto, o contrário parece ser o caso; se de qualquer modo houver qualquer pressão, é para que se mantenha o status quo social. E muitas vezes, as instituições da sociedade recompensam as teorias inconsistentes e disfuncionais superficiais da dinâmica da sociedade.

Neely Fuller, em *The United Independent Compensatory Code/System/Concept: a textbook/workbook for thought, speech and/or action for victims of racism (white supremacy)* (O Conceito/Sistema/Código de Compensação Independente Unido: um livro/obra para o discurso, pensamento e/ou ação para as vítimas do racismo (supremacia branca)), reconheceu a necessidade de uma declaração funcional sobre o racismo, que pudesse ser utilizada diariamente pelos que seriamente buscam provocar uma mudança social. Fuller observou que, ao contrário da maioria do pensamento presente, existe apenas um racismo funcionando no mundo conhecido – a supremacia branca. Ele desafia os leitores a identificarem e, em seguida, a demonstrarem a superioridade ou supremacia funcional de qualquer dos povos "não-brancos" sobre qualquer outro. Concluindo que já que não há supremacia operacional de qualquer povo composto por pessoas "de cor", Fuller revela que a única definição operacional válida do racismo é a supremacia branca. Ele observa que, apesar de todas e quaisquer declarações que povos "não-brancos" do mundo possam fazer sobre si mesmo sobre independência econômica e/ou política e similares, em última análise, todos eles são vítimas do processo de supremacia branca. Ele coloca grande ênfase sobre as atuais realidades do mundo que podem ser verificadas e testadas, e não naquilo que se poderia imaginar ser o caso (como uma supremacia preta ou amarela). Ele salienta ainda que, em vez de se concentrar em casos individuais ou em locais específicos, uma perspectiva que examine os padrões de relações entre brancos e não-brancos em todo o mundo deve ser desenvolvida.

Fuller explica que o racismo não é apenas um padrão de prática individual e/ou institucional; é um sistema operacional universal da supremacia branca e dominação em que a maioria das pessoas brancas do mundo participam. Ele desconsidera a validade das teorias que reconhecem a evolução dos sistemas econômicos como a origem deste estado das coisas. Em vez disso, ele revela a análise inadequada de tais teorias, sugerindo que vários sistemas econômicos, tais como o capitalismo, o comunismo e o socialismo - foram criadas, usadas e refinadas no esforço para alcançar o objetivo principal da dominação branca. Em outras palavras, o objetivo do sistema de supremacia branca não é outro senão o estabelecimento, manutenção, expansão e aperfeiçoamento de dominação do mundo por membros de um grupo que se classifica como a "raça" branca. Fuller, em seguida, sugere que o e palavra "raça", nesse sentido, tem pouca validade biológica, mas é traduzida mais corretamente como "organização", o único propósito que é para manter a dominação branca e controle mundial. A ênfase de Fuller sobre o conceito de cor amplifica a afirmação feita em 1903

por W.E.B. Du Bois (talvez o maior cientista social americano) em *Souls of Black Folk* (As Almas da Gente Negra), que o grande problema de face ao século 20 é o da linha-de-cor.

De um jeito, ou de outro, é emocionalmente confortável com a tese de Fuller e a taxação não é pertinente. A questão de tal conforto nunca foi a preocupação importante da investigação científica. De grande importância no trabalho de Fuller é a descrição das relações entre os povos "não-brancos" e os brancos. Fuller define e esclarece essas relações como um meio de contabilidade e iluminando muitas práticas sociais observáveis passadas e presentes. Além disso, esse exame revela que, apesar de todos os tipos de programas e pronunciamentos contrários, os últimos cem anos, as condições sociais da supremacia branca têm permanecido intactas como a realidade social dominante.

Impressionada com o fato de que o conceito de um "sistema" de dominação branca sobre povos "não-brancos" do mundo pudesse explicar a situação aparente e o dilema da realidade social de "não-brancos", eu tendia a concentrar-me, como uma psiquiatra, sobre o que seria uma possível força motivacional, operativa, tanto a nível individual, como de grupo, poderia explicar a evolução deste padrões de práticas sociais comportamentais que aparentemente funcionam em todas as áreas da atividade humana (economia, educação, entretenimento, trabalho, lei, política, religião, sexo e guerra). Enquanto Fuller sugere claramente que este "sistema" consiste em padrões de pensamento, fala e ação, praticados em vários graus pela maioria das pessoas brancas do mundo, o único comentário sobre etiologia que ele faz é que:

A maioria das pessoas brancas odeiam as pessoas negras. A razão pela qual a maioria das pessoas brancas odeiem as pessoas negras é porque as pessoas brancas não são negras. Se você sabe isso sobre as pessoas brancas, você deve saber um pouco mais. Se você não sabe disso sobre as pessoas brancas, virtualmente, tudo mais que você saiba sobre eles só irá confundí-lo.

Para levar a consideração de Fuller um passo adiante, deve-se notar que, na maioria dos casos, qualquer movimento neurótico por superioridade geralmente é fundado sobre uma profunda e penetrante sensação de inadequação e inferioridade. Não é verdade que as pessoas brancas representam em termos numéricos uma pequena minoria de pessoas do mundo? E mais profundamente, não é o "branco" por si só a própria ausência de qualquer capacidade de produzir cor? Eu argumento, então, que a qualidade da brancura é de fato uma inadequação genética ou um estado de deficiência genética relativa, baseada na incapacidade genética de produzir os pigmentos da pele de melanina (que é responsável por toda a cor da pele). A grande maioria das pessoas do mundo não são tão aflitas, o que sugere que a cor é normal para seres humanos e ausência de cor é anormal. Além disso, este estado de ausência de cor age sempre como um recessivo genético para o fator genético dominante de produção de cor. Cor sempre

"aniquila" (fenotipicamente - e geneticamente - falando) a não-cor, o branco. Os negros possuem o maior potencial de cor, com os povos castanhos, vermelhos e amarelos possuindo poucas quantidades, respectivamente. Esta é a base genética e psicológica para A Teoria Cress de Cor-Confrontação e Racismo (Supremacia Branca).

A Teoria de Confrontação de Cor afirma que os europeus brancos ou de deficiência de cor respondiam psicologicamente, com um profundo sentimento de inadequação numérica e inferioridade de cor, em seus confrontos com a maioria dos povos do mundo—todos eles possuíam graus variados de capacidade de produção de cor. Esta resposta psicológica, consciente ou inconsciente, revelou uma inadequação com base na parte mais óbvia e fundamental do seu ser, sua aparência externa. Como pode ser antecipado em termos de teorias psicológicas modernas, brancos defensivamente desenvolveram um sentido incontrollável de hostilidade e agressão. Esta atitude tem continuado a manifestar-se em toda a história de confrontos em massa entre brancos e pessoas de cor. Que a hostilidade inicial e agressão vieram apenas dos brancos está registrado em inúmeros diários, revistas e livros escritos por brancos. Além disso, os registros indicam que somente após longos períodos de grande abuso os não-brancos tiveram reagido defensivamente com qualquer forma de contra-ataque. Esta reação psicológica desconcertante dos brancos tem sido dirigida a todos os povos com a capacidade de produzir melanina. No entanto, as agressões mais profundas foram direcionadas a pessoas negras, que têm o maior potencial de cor e, portanto, são os mais invejados e temidos na competição cor genética.

A experiência de inadequação numérica e inferioridade de cor genética levou os brancos a implementarem uma série de interessantes, embora devastadoras (para povos não-brancos), mecanismos de defesa psicológicos. A manobra de defesa psicológica inicial foi a repressão da consciência dolorosa inicial de inadequação. Esta defesa de ego primária foi reforçada por uma série de outros mecanismos de defesa.

Um dos mais importantes destes mecanismos de defesa foi a formação de reação, uma resposta que converte (a nível psicológico) algo desejado e invejado mas totalmente inatingível, em algo descreditado e desprezado. Os brancos, desejando ter cor na pele, mas incapazes de alcançá-la, afirmaram (consciente ou inconscientemente) que a cor da pele era abominável para eles, e começaram a atribuir qualidades negativas a cor - especialmente a negritude. Curiosamente, o termo "não-branco" é uma dupla negativa resultando em uma indicação positiva. Este é talvez lapso freudiano, em que o uso da linguagem, em última análise, revela a dinâmica psicológica primária. O desejo dos brancos de ter uma pele de cor pode ser observado nos primeiros sinais de primavera ou no verão, quando eles começam a tirar suas roupas (tantas peças quanto a lei permitir), muitas vezes permitindo sua pele a ser queimada severamente em uma tentativa de adicionar alguma cor a seus corpos pálidos e tornando-

os vulneráveis ao câncer de pele no processo. A maioria dos cosméticos também são uma tentativa de adicionar cor à pele branca. Tal maquiagem para coloração é fornecida para o homem branco, bem como para a mulher. E, finalmente, incontáveis milhões são gastos anualmente em químicos que são anunciados como sendo capazes de aumentar o potencial de bronzeamento dos brancos.

O fato de que alguns negros têm tentado mudar a cor da sua pele para branca não atenua a força desse argumento, como pode ser demonstrado facilmente que estes não-brancos estão respondendo às condições sociais já estabelecidas da supremacia branca. Tal processo, como visto em negros e outros não-brancos, pode ser descrito como identificação com o opressor.

Outro exemplo de formação de reação defensiva é a elaboração do mito da superioridade genética branca, que continua a ser reforçada assiduamente (note as últimas elaborações de Jensen e sua aceitação em todos os níveis da estrutura social branca). Agudamente conscientes da sua capacidade genética inferior para produzir a cor da pele, os brancos construíram o mito elaborado de superioridade genética branca. Além disso, os brancos colocaram sobre a enorme tarefa de evoluir uma estrutura social, política e econômica que iria apoiar o mito da inferioridade dos negros e outros não-brancos.

Uma manobra de defesa psicológica adicional utilizada pelos brancos tem sido a da projeção. Sentindo uma extrema hostilidade e ódio contra os não-brancos, os brancos começaram o padrão de afirmar que os não-brancos os odiavam. Em muitos casos, esse mecanismo tem servido para atenuar a culpa que ocasionalmente experienciam por seu impulso de agressão a negros e outras pessoas de cor.

Outro, talvez especial, exemplo do uso de projeção é o desejo histórico e contínuo dos brancos por alianças sexuais com não-brancos – um desejo indultado por homens brancos em todo o mundo. Este desejo profundo foi projetado em homens e mulheres negros, e manifesta-se na noção de que as pessoas de cor têm desejos sexuais por homens e mulheres brancos. A Teoria da Confrontação de Cor postula que os brancos desejavam e ainda desejam alianças sexuais com não-brancos, ambos homens e mulheres, porque é somente através desta rota que os brancos podem alcançar a ilusão de serem capazes de produzir cor. A extrema raiva ventilada contra até mesmo a idéia de aliança sexual entre o homem negro e a mulher branca, que tem sido um tema dominante na cultura da supremacia branca, é vista pela teoria de Confrontação de Cor como resultado do medo intenso do macho branco da capacidade do homem negro em cumprir o maior anseio da mulher branca – a de conceber e dar à luz um produto da cor.

Há outros comportamentos sexuais praticados por alguns brancos que podem ser iluminados pela tese Cor-Confrontação. Por exemplo, em sua autobiografia, Malcolm X afirmou que a perversão sexual que ele foi convidado a realizar com frequência por homens brancos foi, para ele, como um homem, era a de ter relações sexuais com mulheres brancas em sua

presença, enquanto elas (homens brancos) assistiam. Este padrão de comportamento em parte dos homens brancos, em vez de ser descartado como uma perversão, pode ser entendido quando visto como fantasiada a identificação dos homens brancos com capacidade de homens negros para dar produtos conceituais de cor para mulheres brancas – algo que mulheres brancas desejam desesperadamente mas os homens brancos não podem cumprir. Além disso, vívido testemunho é dado por homens negros que se envolveram em relações sexuais com mulheres brancas. Estes homens relatam que um enunciado freqüente de mulheres brancas é que elas desejam ter bebês negros.

A teoria de Cor-Confrontação também explica que os testículos dos homens negros foram as partes do corpo que os homens brancos atacaram na maioria dos linchamentos: os testículos guardam o poderoso material genético produtor de cor. Do mesmo modo, o foco repetido e consistente com o tamanho do pênis dos homens negros por ambos, homens e mulheres brancos é visto por esta teoria como um deslocamento da preocupação fundamental com a capacidade de produção de cor genética residente nos testículos. Desde o fato de que a inveja da cor deva permanecer reprimida, o desejo pela cor nunca pode ser mencionado ou toda a estrutura psicológica branca entra em colapso. Portanto, a atenção é deslocada para um objeto ou símbolo menos ameaçador – o pênis.

Finalmente, a degradação do sexo na cultura da supremacia branca permite ainda outra área de conhecimento sobre as dinâmicas psicológicas fundamentais dos brancos e sua auto-alienação em relação à sua aparência física. No nível mais primordial, o sexo pode ser visto como a reprodução da imagem própria de alguém, de si e da espécie. De acordo com a teoria Cor-Confrontação, a cultura da supremacia branca degrada o ato do sexo e do processo de auto-reprodução, porque para os brancos ambos são reflexo de brancura e, por sua vez, da sua incapacidade de produzir cor. Esta auto-deficiência é claramente desprezada e indicada mais explicitamente nas filosofias religiosas e morais da cultura da supremacia branca. No entanto, este modo de degradar o ato sexual não é encontrado em culturas não-brancas. Na verdade, justamente o oposto é o caso: o ato de reprodução é mantido na mais alta estima, como refletido nas artes e práticas religiosas não-brancas. As práticas artísticas e religiosas da Índia e da África dão forte e contínuo testemunho a esse fato. Nos brancos, esse testemunho inicial de sensação de alienação de si e do ato que produziu sua imagem encontrou subsequente expressão em seus processos de pensamento, filosofias religiosas, códigos morais, atos sociais, e toda a estrutura social.

Psiquiatras e outros cientistas comportamentais freqüentemente usam os padrões de comportamento manifestos por outros como indicações do que é sentido fundamentalmente sobre si. Se o ódio e a falta de respeito para com os outros se manifestam, ódio e falta de respeito são sentidos na maioria das vezes em níveis mais profundos em relação a si. Facetas de outros padrões de comportamento no âmbito cultural da supremacia branca

apoiam esta tese. Por exemplo, muitos escritores brancos, em todas as áreas do mundo, a experienciam e escrevem sobre seu profundo sentimento de auto-alienação. Adicionalmente, alguns da atual atividade política, social e comportamental promulgada pelos brancos contra a ideologia e os valores da estrutura social branca, embora não tenham falado sobre na terminologia utilizada aqui, podem ser apreciados em um nível como uma expressão do mesmo cerne de alienação contra brancura. Assim, os hippies e yippies, ao permitirem que se acumule sujeira sobre si mesmos, em certo sentido, estão adicionando cor às suas peles. Eles também, por permitirem que proliferar pêlos faciais e em sua cabeça, cobrem-se com a única parte de seu corpo que tem cor real, seus cabelos. As presentes tentativas frenéticas feitas por brancos para conter esta sensação de alienação vinda pela forma de práticas sexuais livres e abertas e orgias sexuais. Tais tentativas não terão êxito porque, novamente, o problema central é uma sensação de alienação principalmente a partir de sua própria descoloração, e, secundariamente, a partir das práticas e estrutura sociais que brancos têm construído em torno desse núcleo psicológico ao longo dos séculos.

Racismo (supremacia branca), tendo começado como uma forma de auto-alienação, evoluiu para a forma mais altamente refinada de alienação aos outros também. A Teoria de Cor-Confrontação vê todos os presentes campos-de-batalha do mundo como reflexos vivos desta realidade; os padrões de comportamento destrutivos e agressivos que estão sendo exibidos pelos povos brancos para com todos os povos não-brancos é evidência do ódio interior, da hostilidade e da rejeição que sentem em relação a si mesmo e da profundidade da auto-alienação que evoluiu a partir do cerne genético e psicológico da inadequação de cor.

A incapacidade em massa dos brancos de viverem e frequentarem escola na presença de não-brancos é expressa nos padrões habitacionais e educacionais de negros e brancos em todo o país e no mundo. Nos termos da tese Cor-Confrontação, esta incapacidade é vista como o aparente desconforto psicológico experimentado pelos brancos em situações em que, no confronto com os seus vizinhos de cor, eles devem enfrentar sua inadequação de cor diariamente. Além disso, o mito da superioridade branca é desmascarado na presença de equitativa oportunidade social e econômica. A personalidade branca, na presença da cor, pode ser estabilizada apenas mantendo os negros e outros não-brancos em, obviamente, posições inferiores. A situação de proximidade em massa com os negros é intolerável para os brancos, porque os negros são inerentemente mais do que iguais. As pessoas de cor sempre terão algo altamente visível que os brancos nunca poderão ter ou produzir - o fator genético de cor. Sempre, na presença de cor, brancos se sentirão geneticamente inferiores.

A dificuldade que os brancos têm em ter acordo com a igualdade sócio-política e econômica dos não-brancos dentro da estrutura da supremacia branca resulta, nem de uma questão moral, nem da necessidade política ou econômica, mas do sentido fundamental da sua própria condição desigual no

que diz respeito à sua inadequação numérica e deficiência de cor. Eles podem compensar sua insuficiência de cor unicamente, colocando-se em posições socialmente superiores. A inadequação de cor da branquitude necessita de uma estrutura social baseada na superioridade branca. Apenas o tokenismo pode ser tolerado por tal estado psicológico motivacional, em que a evolução do mito do não-branco excepcional é utilizada, de novo, como um mecanismo de defesa.

O impulso no sentido de superioridade sobre as pessoas de cor, a movimentação para a acumulação de material, a movimentação para a cultura tecnológica e a movimentação para o poder são todas as pedras angulares da cultura universal da supremacia branca, e essas são vistas – nos termos da tese Cor-Confrontação – como respostas ao núcleo do sentido psicológico de inadequação. Esta inadequação não é medida em termos de tamanho de infância, enquanto que em comparação com a de adultos, como postulado por Alfred Adler. Pelo contrário, é uma inadequação enraizada na incapacidade de produzir melanina. Este estado genético é, na realidade, uma variante de albinismo.

A Teoria da Cor-Confrontação postula ainda que os brancos são vulneráveis a seu sentimento de inadequação numérica. Essa inadequação é evidente em seu movimento para dividir a grande maioria dos não-brancos em *minorias* fracionárias, bem como de atrito. Isto é visto como uma resposta comportamental fundamental dos brancos à sua própria condição de minoria. A "raça" branca tem estruturado e manipulado seus próprios processos de pensamento e padrões conceituais, bem como os de toda a maioria do mundo não-branco, de modo que a minoria numérica real (brancos) ilusoriamente sente e representa a si mesma como maioria no mundo, enquanto a verdadeira maioria numérica (não-brancos) ilusoriamente sente e vê ela própria enquanto a minoria. Curiosamente, o coletivo branco, sempre que discutindo a questão da cor, nunca discute qualquer de seus próprios grupos étnicos específicos como as minorias, mas constantemente se concentra nas variadas etnias, línguas e grupos religiosos dos povos não-brancos como as minorias. Em seguida, são feitos grandes esforços para iniciar o conflito entre esses grupos arbitrários. Este é um dos principais métodos pelos quais uma minoria pode permanecer no poder. O padrão de “dividir, atritar e conquistar”, observável ao longo da história, sempre que os não-brancos são confrontados pelos brancos, resulta principalmente da sensação de deficiência de cor branca e, secundariamente, de seu sentimento de inadequação numérica. Este padrão é, então, um ajustamento compensatório para permitir conforto psicológico através de dominação e controle. (Veja o Diagrama 1.) Do mesmo modo, o foco frenético atual no controle de natalidade para todo o mundo não-branco é outro exemplo de percepção consciente ou inconsciente das pessoas brancas do seu status de deficiência numérica.

A dinâmica psicogenética e social do racismo (supremacia branca)



Fator genético: estado de inadequação de cor (branco)
um albinismo ou variante



resposta psicológica individual e de grupo:
o desenvolvimento de mecanismos de defesa psicológicos



Sistema de lógica compensatória: supremacia branca



Práticas de comportamento compensatório: (economia, educação,
entretenimento, trabalho, direito, política, religião, sexo, guerra)



"Sistema" comportamental e cultura da supremacia branca
em escala mundial



Sistemática opressão, dominação e inferiorização de todas as
pessoas com a capacidade de produzir quantidades significativas de
pigmento melanina: povos Negros, Marrons, Vermelhos e Amarelos
da Terra

Diagrama I

Nunca há uma grande ênfase em controlar os nascimentos de brancos; na verdade, existem alguns grupos governamentais brancos que dão dividendos aos cidadãos para maior procriação.

Acima são apenas alguns exemplos selecionados a partir de milhões de grandes e pequenos padrões comportamentais praticados pelos brancos em quantidades variáveis. No entanto, estes exemplos demonstram efetivamente a necessidade neurótica individual e coletiva para se focar em cor, sexo, genética, números, superioridade/inferioridade, supremacia branca e poder. A teoria Cor-Confrontação afirma que todas as anteriores podem ser explicados com base no sentido do núcleo psicológico de deficiência de cor e insuficiência numérica. Os padrões individuais de comportamento que, ao longo do tempo, evoluíram para padrões coletivos, sociais, institucionais e sistêmicos, agora são vistos como a origem do "sistema de supremacia branca", que opera em um nível universal e é o única existente racismo eficaz e funcional no mundo de hoje. Além disso, o racismo (supremacia branca), neste período histórico, é visto como uma total contradição social e a maior dinâmica social prevalecendo sobre todas as outras em influenciar as práticas e decisões sociais universais. A teoria Cor-Confrontação reconhece o racismo como uma das forças dominantes que determinam o desenvolvimento do caráter, personalidade e tipo de formação. Portanto, uma definição funcional de racismo (supremacia branca), é a síndrome comportamental de inferioridade de cor individual e coletiva e inadequação numérica que inclui padrões de pensamento, fala e ação, como visto em membros da organização branca (raça).

Quais são então as implicações práticas desta teoria? De grande importância é o fato de que, pela primeira vez em séculos, os povos não-brancos em todo o mundo terão uma base racional para a compreensão das nuances motivacionais do comportamento branco individual e coletivo. A tese de Cor-Confrontação teoriza que a maioria das pessoas do mundo, os não-brancos, foram manipulados até posições subalternas, porque, sem nunca terem experimentado tal estado em termos de seus próprios processos e premissas de pensamento e de lógica, eles não estavam preparados para entender os padrões de comportamento dependente de uma sensação de deficiência de cor e inadequação numérica. Isso é análogo ao homem com dois olhos achando difícil, se não impossível, de entender os padrões de comportamento e motivações do homem congenitamente de um olho só, que sempre olhou para o estado do de dois olhos com um antagonismo de ciúmes e, talvez, agressão.

Armados com tal visão, conhecimento e compreensão, não-brancos deixarão de ser vulneráveis às manobras comportamentais de brancos individuais ou coletivos. Os não-brancos serão menos vulneráveis às mensagens de superioridade branca que se irradiam por todo o universo conhecido e permeiam as culturas do mundo, que são dominadas pelo sistema de supremacia branca. Este entendimento vai ter efeitos profundos sobre os egos em desenvolvimento e auto-imagens de todas as crianças não-

brancas, que sofrem danos graves sob a cultura da supremacia branca. Além disso, sempre que são confrontados com a ideologia de superioridade/supremacia branca, os não-brancos entenderão que é apenas um ajustamento psicológico compensatório devido a um estado de deficiência genética e numérica; assim, a mensagem da supremacia branca pode ser avaliada e negada mais facilmente. Isso permite que não-brancos adquiram libertação psicológica da dominação ideológica branca que afeta negativamente o funcionamento total de não-brancos. Ademais, não-brancos serão menos vulneráveis a serem manobrado em conflito uns com os outros, enfraquecendo assim a dominação continuada do sistema de supremacia branca.

Igualmente, os povos brancos do mundo, presumivelmente, também poderiam se beneficiar de tal consciência da motivação por trás dos comportamentos que muitas vezes os confundem. Se eles forem sinceros em suas tentativas de parar as práticas de supremacia branca (racismo), os brancos podem ser capazes de encontrar métodos para fazê-lo uma vez que a causa seja compreendida. Talvez algum psiquiatra irá desenvolver um método de psicoterapia de massa (isto é, teatro terapêutico contra-racista) para ajudar os brancos tornarem-se confortáveis com a sua cor e seus números. No entanto, pode-se prever um grande problema decorrente da eventual dificuldade de motivar os brancos de quitarem os ganhos secundários historicamente derivados do sistema racista.

A possibilidade das pessoas brancas aceitando esta análise do problema branco nas relações humanas não é que eu responda. Eu sei que a maioria das pessoas do mundo estão à procura de uma resposta para o dilema que já foi chamado de o "Dilema Americano". Elas estão visando uma mudança. Talvez *A Teoria Cress de Cor-Confrontação* irá ajudá-las a fazerem essa diferença. Em todo o caso, eu me lembro de uma declaração feita pelo biógrafo de Freud, Ernst Jones: "Em última análise, a justificação de cada generalização científica é que ela nos permita compreender algo que é de outra forma obscura".

E, como James B. Conant afirmou:

O teste de uma nova idéia é ... não só o seu sucesso em correlacionar os fatos até então conhecidos, mas muito mais o seu sucesso ou fracasso em estimular ainda mais a experimentação ou observação qual por sua vez é frutífera. Este aspecto dinâmico da ciência, não vista como compromisso prático, mas como o desenvolvimento de esquemas conceituais, parece-me estar perto do coração da melhor definição de ciência.

Este ensaio analisa o fenômeno comportamental universal único da supremacia branca (racismo), e coloca-o em um quadro conceitual e contexto de uma formulação teórica. Os fundamentos da dinâmica inerentes no espectro das relações cobrindo todas as áreas de atividade de vida entre pessoas que se classificam como brancas, e as pessoas a quem os brancos classificaram como não-brancas.

REFERÊNCIAS

1. Gullattee, A.C...*The Subtleties of White Racism*. A paper presented to the American Psychiatric Association Annual Meeting, Miami Beach, Florida, May 1969.
2. Comer, J...“White Racism: Its Roots, form and Function”, *The American Journal of Psychiatry*, Vol. 26: No. 6, December 1969.
3. Harrison, P.A., Butts, H.F.. “White Psychiatrists' Racism in Referral Practices to Black Psychiatrists”, *Journal of the National Medical Association*, Vol. 62, No.4, July 1970
4. Pinderhughes, Charles A. “Understanding Black Power: Processes and Proposals”, *American Journal of Psychiatry*, Vol. 125: 1552-1557, 1969.
5. Cox, O.C..“Caste, Class and Race”, New York: *Monthly Review Press*, 1959, p. ix
6. Fuller, N. The United Independent Compensatory *Code/System/ Concept*, Copyrighted, Library of Congress, 1969
7. Fuller, N. The United Independent Compensatory *Code/System/ Concept*., Copyrighted, Library of Congress, 1969
8. X, Malcolm, *The Autobiography of Malcolm X (with the assistance of Alex Haley)*. New York: Grove Press, 1966, p.120.

9. Jones, E. *Papers of Psychoanalysis*, Boston: Beacon Press, 1961, p. 73.

10. Conant, J.B. *On Understanding Science*, New York Mentor, 1953.

A origem da Alienação, Angústia e Narcisismo (Agosto de 1980)

Dedicação

Este ensaio é dedicado a Genevieve Ekaete, uma jornalista nigeriana que, por causa da profunda dor da alienação, tirou sua vida em 25 de junho de 1978, enquanto que residia nos Estados Unidos da América. O mundo perdeu uma mente brilhante e uma pessoa generosa. Pouco antes de sua morte, ela declarou: "Minha superestrutura é sólida. Eu preciso de uma fundação formidável..." Este ensaio é a minha contribuição para a nossa compreensão da dinâmica destrutiva da alienação.

A Psiquiatria como uma disciplina está debatendo sobre a sua fundação teórica e conceitual previamente estabelecida importada da Europa do século XIX. Minha contínua pergunta a mim mesma como uma precaução em psiquiatria geral e da criança no final do século XX, praticando na capital do poder do mundo (Washington, DC) é: "Pode uma maior compreensão ser alcançada no estudo do comportamento humano como ele é organizado e manifestado no sistema/cultura de poder dominante do mundo?"

A minha resposta é afirmativa. Podemos derivar um nível cada vez maior de ordem a partir do caos existente, um manual de diagnóstico e estatístico que seja mais pesado e muito verborrágico com cada esforço. Desse modo, podemos aprimorar nossas habilidades de diagnóstico e tratamento e aumentar a possibilidade de prevenção, o que nos permite servir melhor uma humanidade sofrida.

Em *Os Astrônomos Encontraram Deus?*, Robert Jastrow afirma: "Há uma espécie de religião na ciência, é a religião de uma pessoa que acredita que há ordem e harmonia no universo, e cada evento pode ser explicado de forma racional como o produto de algum evento anterior; todo esforço deve ter sua causa." Jastrow continua, tendo uma citação de Albert Einstein, "O cientista está possuído pelo sentido da causalidade universal."

Como uma cientista social e comportamental, estou convencida de que é possível compreender, em profundidade, os padrões e sistema de comportamento encontrados no individual e no coletivo amplo. A minha convicção é de que ainda podemos servir a humanidade maximamente como cientistas comportamentais e médicos apenas quando analisamos adequadamente o nexo de causalidade fundamental e lógica desses padrões de comportamento.

Três maiores focos de atenção na ciência social e comportamental Ocidental, particularmente, na psiquiatria – alienação, angústia e narcisismo

– não são independentes, isoladas abstrações síndrome, como têm sido discutidas por cientistas sociais e comportamentais ocidentais. Estes fenômenos descritos separadamente não estão apenas relacionados entre si, mas têm uma origem e causa comum; eles são derivados da mesma dinâmica causal. Embora essa dinâmica causal permanecera não identificada, a fonte desses três fenômenos é a origem da própria civilização ocidental.

Alienação. Na teoria Cor-Confrontação, afirmei que o racismo (supremacia branca), tendo começado como uma forma de alienação a si, agora evoluiu para a forma mais altamente refinada de alienação em relação aos outros também. A Teoria da Cor-Confrontação vê todos os presentes campos de batalha no mundo de hoje como reflexões vívidas desta alienação em relação aos outros. Os padrões de comportamento destrutivos e agressivos exibidos em todo o mundo por povos brancos para com todos os povos não-brancos é a evidência do ódio interior, hostilidade e rejeição que sentem em relação a si mesmos e da auto-alienação profunda que evoluiu de sua inadequação genética.

Minha definição estendida de alienação gira em torno do reconhecimento de que é uma dinâmica comportamental fundamental na civilização e cultura ocidental. A alienação é uma poderosa centrífuga, genética-psicológica e societal dinâmica que, ao longo do tempo, impulsiona os seres humanos a irem adiante e a se distanciarem de todas as efetivas, significativas, emocionalmente apoiadoras e verdadeiras comunicações entre umas com as outras. A dinâmica da alienação obriga cada vez mais pessoas a se distanciarem uma das outra como a civilização e cultura ocidental evolui, como pode ser visto através de cada geração sucessiva, desde a sua origem – incluindo civilização grega e o Império Romano. A alienação é a mesma dinâmica que empurra os seres humanos a se distanciarem de relações respeitadas e harmoniosas com o ambiente físico, levando à poluição e destruição do planeta. Mais importante, as dinâmicas de alienação força o indivíduo a se distanciar de todas as manifestações de auto-compreensão e auto-respeito, incluindo o respeito mais fundamental – respeito pela composição genética.

A *Encyclopedia Britannica* relata que as raízes da idéia de alienação são encontradas nas obras de Plotino, filósofo romano nascido no Egito, que viveu entre 205 e 270 d.C., bem como na teologia de ambos, Santo Agostinho e Martin Lutero. O último abordou a luta para afastar-se de suas próprias imperfeições pela identificação com um Ser perfeito transcendental.

Inscrições sobre alienação não apareciam nos principais livros de referência das ciências sociais até 1935, mas o conceito de alienação estava presente em textos sociológicos clássicos dos séculos XIX e início do XX nas obras de Marx, Durkheim, Tonnies, Weber e Simmel. Eric e Maria Josephson, em sua *Man Alone: Alienação Na Sociedade Moderna*, tinham o seguinte a dizer sobre alienação:

De fato, desde as grandes revoluções tecnológicas e políticas do final do século XVIII, com o seu impacto devastador sobre uma ordem social rígida e sua

promessa de liberdade individual, um dos fenômenos mais preocupantes da cultura ocidental tem sido sensação de estranhamento do homem com o mundo que ele próprio fez ou herdou – em uma palavra, a alienação do homem de si mesmo e dos outros. Este tema da alienação do homem moderno é executado através da literatura e drama de dois continentes; ele pode ser traçado no conteúdo, bem como a forma de arte moderna; ele preocupa teólogos e filósofos, e para muitos psicólogos e sociólogos é o problema central do nosso tempo. De várias maneiras, eles nos dizem que os laços têm se rompido dessa antiga fronteira entre o homem ocidental de si mesmo e do mundo sobre ele. Em linguagem diversificada, eles dizem que o homem nas sociedades industriais modernas está rapidamente tornando-se separado da natureza, dos seus antigos deuses, a partir da tecnologia que transformou seu ambiente e que agora ameaça destruí-lo; de seu trabalho e de seus produtos, e de seu lazer; das complexas instituições sociais que presumivelmente servem, mas são mais propensas a manipulá-los; da comunidade em que vive; e acima de tudo, de si mesmo – de seu corpo e seu sexo, de seus sentimentos de amor e ternura, e de sua arte – o seu potencial criativo e produtivo.

Contribuidores contemporâneos para a definição de alienação incluem pensadores como o psicanalista Erick Fromm; os filósofos Lewis Mumford e Herbert Marcuse; os existencialistas Jean Paul Sartre, Albert Camus, Paul Tillich e Martin Buber; e os sociólogos David Riesman, Robert K. Merton e Talcott Parsons.

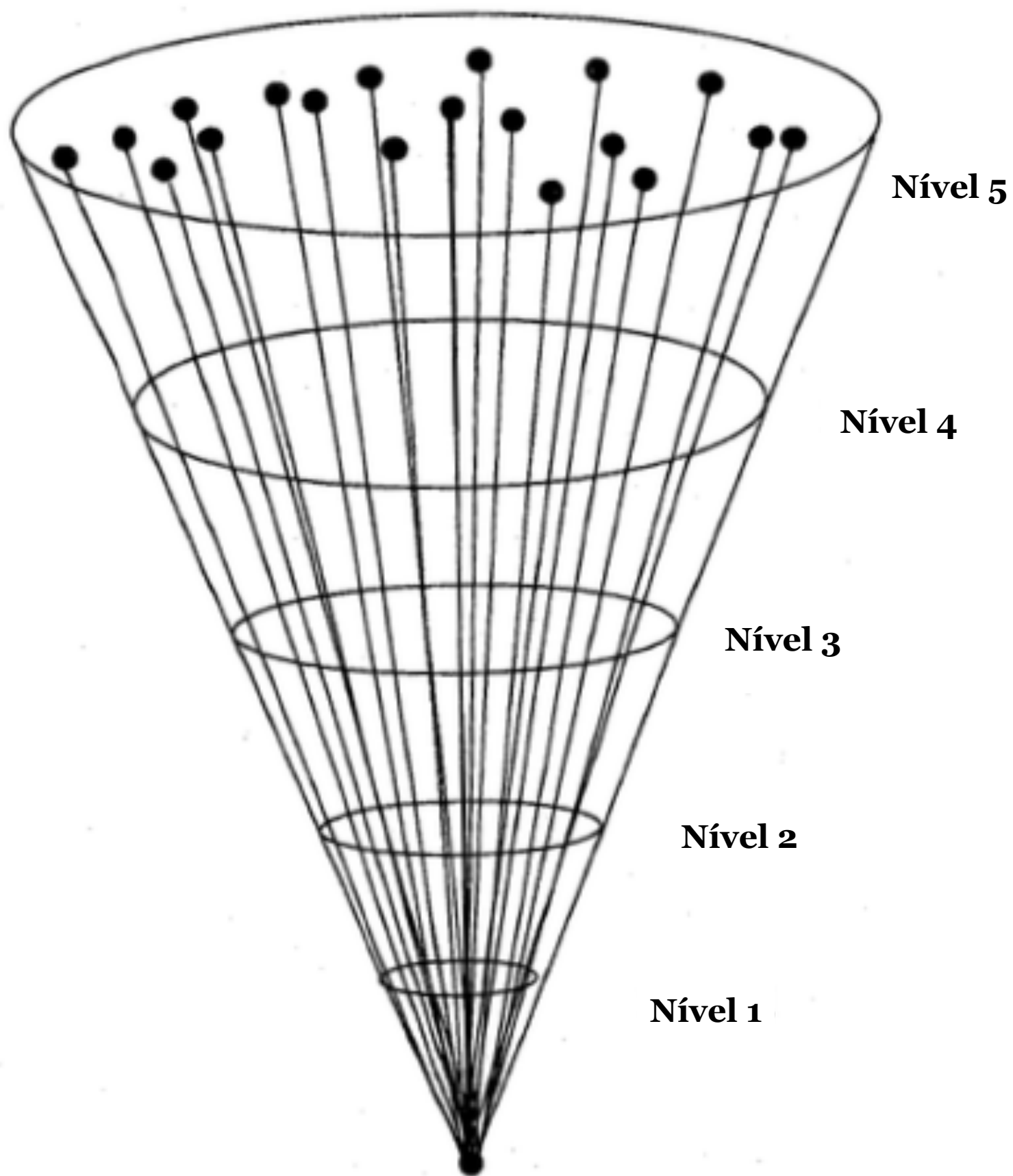
Em suma, há pelo menos cinco teorias causais relativas à alienação: a econômica, a tecnológica, as sociológicas, filosóficas/existenciais e as psicológicas. Karl Marx é identificado com a teoria econômica. Marx viu a alienação como resultado da propriedade privada dos meios de produção e da expropriação do trabalho do homem pelos capitalistas – resultando em exploração dos trabalhadores e na luta de classes, dinheiro e mercadorias se tornando as coisas mais significativas na existência do homem e, portanto, a alienação do homem pelo homem. Teorias tecnológicas atribuem a alienação ao estilo de vida do homem ajustado às máquinas e à automação. Teorias sociológicas vêem o declínio da limitada comunidade local, o surgimento da sociedade de massas e o simultâneo crescente sentimento de impotência individual como a causa da alienação. Teorias filosóficas/existenciais enfatizam que a alienação é inerente ao caráter finito e isolado da existência do homem como um estranho e um alienígena no mundo. Teorias psicológicas são dominadas pelas opiniões de Sigmund Freud, que via a alienação ou a auto-estranhamento como uma resultante da cisão entre as forças inconscientes e as conscientes na personalidade – o indivíduo sendo, portanto, fora do toque, no sentido de que os desejos reprimidos e não reconhecidos motivam seu comportamento. Mais especificamente, Freud identificou o conflito edipiano e as frustrações inerentes à sociedade civilizada, como expresso em seu *Civilização e seus Descontentes*, como fonte de alienação.

A seguir são apenas alguns itens de uma longa lista de sugeridas manifestações de alienação: abuso infantil, psicose, suicídio, depressão

neurótica, inadimplência, distúrbios psicossomáticos, preconceito, tumultos civis, greves e a ascensão do fascismo. Todos são acreditados de terem sido derivados de um ou mais dos seguintes estados: isolamento social, auto-estranhamento, uma sensação de impotência, insignificância, ausência de normas e estranhamento cultural.

Embora concorde com a existência da alienação dinâmica da civilização e da cultura ocidental, eu discordo de todas as teorias de seu nexos de causalidade supracitadas. Estas teorias permanecem superficiais nas suas análises, como cada uma não consegue atingir o núcleo da origem da civilização ocidental. A multiplicidade de teorias sobre uma dinâmica tão básica e universal como a alienação reflete a incapacidade de compreender a origem e a natureza do homem ocidental, que criou – em níveis conscientes e inconscientes – a totalidade do imperativo cultural ocidental.

Com uma investigação suficientemente profunda, os inumeráveis aspectos da dinâmica da alienação que na superfície parecem desconexas são reconhecidas como altamente inter-relacionadas e vinculadas a um núcleo central – uma causalidade unitária. Angústia e narcisismo são vinculados a esse mesmo núcleo fundamental, como ilustrado no diagrama a seguir. A figura em forma de cone tridimensional representa os vários níveis em que a realidade (fenômenos) podem ser decodificados. Os pontos na superfície do nível de 5 representam os vários fenômenos, aparentemente isolados que podem ser examinados em níveis cada vez maiores de profundidade, indicados dos Níveis 4 a 1. As interligações básicas entre os fenômenos isolados são menos evidentes no nível 5 do que no Nível 2 ou Nível 1. As inter-conexões, no entanto, tornam-se cada vez mais claras quando uma maior profundidade de penetração de fenômenos é obtida. (Veja o Diagrama 1.)



Realidade e Níveis de Compreensão

Diagrama I

O termo ocidental significa "branco". "Ocidental" tornou-se um confortável (e para alguns, confuso), ofuscado eufemismo ou código para a palavra "branco". Os termos "civilização ocidental" e "cultura ocidental" se referem especificamente à civilização e cultura evoluída, determinada, dirigida, desenvolvida e controlada por pessoas que se classificam como "brancas".

Como mencionado na Teoria da Cor-Confrontação, pessoas de pele branca, que não têm qualquer nível substancial de melanina permanente na sua pele, historicamente, têm-se contrastado com todas as pessoas no mundo que têm níveis substanciais, reconhecíveis e permanentes de melanina. Estas pessoas de pele pigmentada são referidas pelos brancos como pessoas "não-brancas", ou quando elas são subdivididas pelos brancos, elas são referidas como pessoas "negras", "marrons", "vermelhas" e "amarelas". Pessoas não-brancas coletivamente constituem a maioria numérica global. Essa maioria global de pele pigmentada é geneticamente dominante aos geneticamente recessivos brancos, e geneticamente eles podem aniquilar os brancos. Esses fatos são essenciais para uma compreensão completa não só da alienação, mas bem como da angústia e do narcisismo. Não se pode compreender a alienação, a angústia e o narcisismo como principais fenômenos da civilização e da cultura ocidental, sem uma compreensão da origem das pessoas de pele branca e dos seus pensamentos e sentimentos (conscientes e inconscientes) evoluídos sobre si mesmos.

A pele branca é uma forma de albinismo. Não há nenhuma diferença, microscopicamente falando, entre a pele branca de uma pessoa branca e a pele de uma pessoa designada como albina. Minha tese central aqui é que os povos de pele branca passaram a existir milhares de anos atrás, como os descendentes mutantes albinos de mães e pais de pele negra na África. Um número considerável desses pais negros tinham produzido, rejeitado e, em seguida, expulso da comunidade na seus descendentes albinos com defeito genético, para viverem longe da população normal negra de pele pigmentada com a consciência de sua rejeição e alienação (como em colônias de leprosos).

A eventual migração da tribo branca para o norte, para escapar da intensidade do sol equatorial do hemisfério sul, deixou os albinos eventualmente situados na região do mundo conhecida como Europa – agora conhecida como o lar das tribos brancas. Esta primitiva rejeição das proles de albinos pode ser vista como uma pré-histórica (civilização pré-ocidental) instância de rejeição parental, negligência e abuso infantil.

A relação sexual entre os mutantes albinos isolados produziu uma raça branca – compreendendo raça como uma população isolada partilhando de um número significativo de genes comuns que se identifiquem. Este padrão de isolamento de indivíduos com padrões genéticos defeituosos não é diferente da prática atual de colocar indivíduos geneticamente anormais em instituições, longe do grupo da população "normal"; uma outra prática atual

é o isolamento das pessoas que são geneticamente diferentes em "guetos", que é um paralelo exato ao isolamento albino.

Suporte à minha posição é encontrada em um artigo intitulado "Albinismo", de Carl Witkop, Jr., em 1975 publicação da *Natural History Magazine*.

Historicamente, as pessoas com diferentes condições de despigmentação, incluindo albinismo, têm ocupado um espectro de posições sociais, que vão desde párias a semi-deuses. Montezuma, imperador dos astecas no momento da conquista de Cortez, manteve um museu de curiosidades biológicas humanas vivas; proeminente entre essas pessoas eram inúmeros albinos. Povos com hanseníase, que frequentemente provoca uma despigmentação irregular da pele e do cabelo, são descritas na literatura bíblica como os párias mais marginalizados... Entre os San Blas, albinos são semi-párias; eles participam menos de atividade tribal durante o dia e não têm permissão para casar. Investigações biológicas mostram que como grupo, eles são um pouco menores e seus músculos não estão tão bem desenvolvidos como os da San Blas* pigmentada.

Similarmente, em seu artigo intitulado "Albinismo Crianças-Lunares de Cuna", em *The Journal of Heredity* (O Jornal da Hereditariedade), Clyde Keeler observa (entre outras conclusões sobre o albinismo):

A qualidade de voz dos homens albinos é macia e mais aguda do que em morenos (marrons normais) do sexo masculino. Além disso, eles parecem ser deficientes em hormônio sexual masculino, e, embora possam ser férteis, eles têm uma postura fálica inferior, devido à flacidez. Os albinos geralmente têm músculos flácidos e diminuição da força muscular, como mostrado por leituras de manômetro... Um exame psiquiátrico de seis albinos mostrou seu trabalho para estarem geralmente em uma esfera intelectual onde sobre compensação é a regra. A religião serve como um importante suporte para muitos albinos que têm uma visão fatalista da vida e culpam seus fracassos em seu albinismo como sendo a vontade de Deus. Como uma coisa usual, a experiência sexual é muito mais limitada nos albinos, que até recentemente, não eram autorizados a se casar. Enquanto os homens albinos têm a reputação de serem fracamente sexuados, as mulheres albinas são ditas serem sexualmente tão ativas quanto os morenos, e elas freqüentemente têm filhos ilegítimos.

Deve-se notar que muitos dos albinos San Blas eram indistinguíveis dos escandinavos ou outros do norte da Europa.

O filósofo alemão do século XIX, Arthur Schopenhauer, fez a seguinte declaração sobre a pele branca, em *A Filosofia de Schopenhaur, Metafísica do Amor de Sexos*, que ilumina resultados tanto de Witkop, quanto de Keller:

..a cor branca da pele não é natural ao homem, mas que, por natureza, ele tem uma pele preta ou marrom, como nossos antepassados, os Hindus; que, conseqüentemente, um homem branco nunca originalmente surgiu do ventre da natureza, e que, portanto, não existe tal coisa como uma raça branca, tanto como isto é falado, mas cada homem branco é algo desbotado ou branqueado..

Um suporte adicional é encontrado no trabalho do Dr. Cheikh Anta Diop, o antropólogo e egiptólogo senegalês altamente respeitado, fundador do Instituto de Radiocarbono do Instituto Fundamental da África Negra (Dacar, Senegal). Dr. Diop, em uma entrevista no inverno 1976 emitido para o *Black Books Bulletin*, declarou: “Não há absolutamente nenhuma dúvida de que a raça branca que apareceu pela primeira vez durante o Paleolítico superior – cerca de 20.000 a.C. – foi o produto de um processo de despigmentação.” Além disso, Dr. Diop informa-nos que bem mais tarde, os brancos começaram seus movimentos migratórios em direção às áreas do sul em torno de 1.500 a.C. Portanto, não deve ser surpresa que nas profundezas da mitologia histórica e atual e simbolismo da civilização e cultura ocidental (sistema/cultura da supremacia branca) é evidência para apoiar fortemente o modo acima descrito de origem como que realmente atravessada pelo coletivo albino (branco) global.

Uma maior evidência para esta teoria do albinismo (brancura) é encontrada no simbolismo da mitologia bíblica de Adão e Eva. A civilização ocidental olha para essa mitologia no Livro de Gênesis como a descrição de seu início. Os elementos essenciais da história de Adão e Eva são de que Adão e Eva estavam no Jardim do Éden, comeram o fruto proibido (a maçã), tiveram relações sexuais, tornaram-se envergonhados de sua nudez e foram perseguidos do Jardim do Éden.

Minha decodificação dessa mitologia fundamental e simbolismo para a civilização ocidental é a seguinte: Adão e Eva são as figuras simbólicas dos primitivos mutantes albinos produzidos por pais negros; o Jardim do Éden é a África, lugar onde todos os antropólogos e paleontólogos conhecedores estão nos informando que a vida humana começou (e que os primeiros seres humanos eram de pele negra); a maçã comida por Adão e Eva é o suposto veneno, ingerido oralmente, encarado como a causa da mutação para o albinismo; esta ingestão foi seguida do ato do intercuro sexual, que também é considerado como sendo responsável pela mutação de albinismo e, portanto, o pecado original; A vergonha de Adão e Eva por sua nudez indica sua rejeição e vergonha de seus corpos brancos pálidos – incolores ou nus – quando comparados com normais de pele negra e marrom normais; o uso de folhas de figueira para cobrir seus genitais (como eles são retratados) implica a vergonha e a rejeição do seu aparelho genital, incluindo os seus genes; sua expulsão do Jardim do Éden representa o isolamento dos mutantes albinos longe dos normais de pele pigmentada e sua migração voluntária ou involuntária para fora da África, para o norte para a Europa.

A cultura ocidental vai adiante no simbolismo de sua filosofia religiosa para identificar o comer da maçã por Adão e Eva, seguido do seu ato sexual, como "o ato do pecado original." Devido a este ato, a cultura ocidental concebe todas as suas pessoas como sendo "nascidas no pecado" e na necessidade de "nascer de novo." Da mesma forma, existem várias outras referências bíblicas à mudança de cor da pele através da punição de Deus e da hanseníase, em que a pele é descrita como tornando-se "branca como a

neve" (2 Reis 5:27). É claro, a implicação é que a pele inicialmente deve ter sido negra, significando melanina pigmentada. Caso contrário, como ela poderia se tornar branca? Em Números 12:10 é afirmado,

E a nuvem se retirou de sobre a tenda; e eis que Miriã se tornara leprosa, branca como a neve; e olhou Arão para Miriã e eis que estava leprosa. E Arão disse a Moisés: Ah, meu senhor, peço-te, não ponhas sobre nós este pecado, em que fizemos tolamente e pecamos.

Contrariamente a esta filosofia ocidental, não há relatos de povos de pele pigmentada, em seus textos religioso e/ou filosóficos básicos, concebendo a eles próprios como tendo nascido no pecado ou visualizando seu aparelho genital (e, portanto, seus genes) como a base do pecado e do mal.

Além disso, a filosofia secular e religiosa da civilização ocidental aponta a atividade de Adão e Eva no Jardim do Éden como o ponto da "queda do homem". "A queda" é a expressão simbólica para a mutação genética ao albinismo e as projeções negativas em relação à própria pele embranquecida, em uma população global, onde a norma era de cor de pele negra ou marrom. Da mesma forma, hoje, a moderna ciência da genética visualiza mutações mais espontâneas como negativas e prejudiciais em termos de bem-estar do organismo no ambiente, pelo menos na população humana.

Adicional Simbolismo na civilização e cultura ocidental dá mais apoio a esta tese. Por exemplo, o *cão*, ao invés de *Deus*, proverbialmente é considerado o melhor amigo do homem ocidental. Isto é contrário às crenças dos povos de pele pigmentada acerca de sua relação com Deus. Este conceito ocidental do cão como o melhor amigo do homem está ligado à mitologia da fundação de Roma. De acordo com essa mitologia, Roma foi fundada por dois órfãos, Rômulo e Remo, que foram amamentados por uma loba. (Tanto o lobo e o cão são caninos.) Essas duas crianças presumivelmente brancas são ditas terem fundado o estado que deu início à civilização e cultura ocidental. Quando é decodificado, Rômulo e Remo são os representantes simbólicos dos primeiros albinos que foram abandonados por suas mães negras na África como defeituosos mutantes genéticos e, no processo de sua migração para o norte para a sobrevivência, foram "deixados aos cães" – amamentados por Lobas. Esta decodificação explica a adoração e amor ao cão (canino) na civilização ocidental.

A afeição do homem ocidental pelo cão se reflete no fato de que em 1978, em Nova York, foram cães permitidos de despejarem cerca de 114.000 quilos de matéria fecal nas ruas a cada dia, contaminando o ambiente para os seres humanos. E, seria isto amor e adoração ao cão refletidos nas imagens espelhadas das palavras "God" e "dog" ("Deus" e "cão") - mesmo nesta fase "avançada" na expressão e evolução da civilização e cultura ocidental? Além disso, como as relações entre as pessoas tornam-se mais alienadas, povos ocidentais e os povos não-brancos que foram influenciados

mais fortemente pela cultura ocidental estão ganhando mais satisfação alimentando, vestindo, amando e beijando caninos, do que na alimentando, vestindo, amando e beijando seres humanos.

Os originais relacionamentos da civilização ocidental com o canino simbolizados, seguidos da rejeição das proles de albinos mutantes das mães Africanas (negras), sem dúvida, têm influenciado o uso frequente de expressões maldizendo “bitch” (“cadela”) e “son-of-a-bitch” (“filho-de-uma-cadela”). Essas expressões degradantes são usadas pejorativamente, porque profundamente dentro da psique inconsciente ocidental (albina, branca), seu rejeitado estado mutante é visto de forma pejorativa (em um mundo onde a norma humana seja ter “cor”).

Um maior introspecção dentro do senso de alienação na cultura ocidental é fornecida pelo uso da palavra “mammy” (“mamãe”) quando os brancos se referem

a uma cuidadora do sexo feminino negro, enquanto que ao se referirem à zeladora feminina branca como (nanny) “babá”. Claramente, “nanny” é algo menos do que “mammy”. E ainda, as palavras “uncle” (“tio”) e “auntie” (“tia”), usadas pelos brancos para com os negros, indicam uma consciência involuntária de uma relação familiar profunda e antiga. O relacionamento interrompido é a origem da alienação, tal como defendida pelos rituais simbólicos de organizações fraternais ocidentais, como os maçons e as fraternidades e sororidades gregas. O ato fora do “cruzamento das areias escaldantes” dá referência a expulsão dos mutantes albinos da África, através das areias escaldantes do deserto do Saara, da África até a Europa. Esta foi a experiência de alienação original dos primeiros brancos albinos gerados na África.

A partir de uma obra literária mais recente do que a Bíblia, o famoso romancista do século XIX, Herman Melville, em sua obra profundamente simbólica sobre o sistema/cultura da supremacia branca, *Moby Dick*, afirma:

O que é que no homem Albino peculiarmente repele e muitas vezes choca o olho, como que às vezes ele é detestado por seus próprios amigos e parentes! É essa brancura que o envolve, uma coisa expressa pelo nome que ele carrega. O Albino é tão bem feito quanto os outros homens – não tem nenhuma deformidade substantiva – e ainda assim este mero aspecto de de toda a brancura que permeia o torna mais estranhamente horrível do que o aborto mais feio: Por que deveria ser assim?

Um outro famoso autor americano, Mark Twain, em uma coletânea de artigos intitulada *Mark Twain sobre a Condenada Raça Humana*, complementa a avaliação de Melville em seu ensaio, “À Flor da Pele”. A análise de Twain sugere a profundidade da alienação vivida pelos brancos (albinos).

Quase todas as peles negras e marrons são bonitas, mas uma pele branca bonita é rara. O quão raros, pode-se aprender por andar por uma rua em Paris, Nova York ou Londres, em um dia de semana – particularmente, uma rua

antiquada – e manter a contagem das tez satisfatórias encontradas no curso de uma milha. Onde as tez escuras estão reunidas, elas fazem as brancas parecerem desbotadas, doentias e, às vezes, francamente, medonhas. Pude perceber isso como um menino indo para o sul nos dias de escravidão antes da guerra. A esplêndida pele de negra cetim dos zulus sul-africanos de Durban pareceu-me vindo muito próxima da perfeição. Eu ainda posso ver esses Zulus... criaturas lindas e intensamente negras, vestidas moderadamente em peças de verão cuja brancura de neve fez o negro mais negro por contraste. Mantendo esse grupo em minha mente, eu posso comparar essas tez com os brancos que estão fluindo fora desta janela Londres agora...

Twain continua, detalhando os atributos negativos de pele branca:

A vantagem está com o zulu, eu acho. Ele começa com uma tez bonita e ela vai durar com ele até o fim. E, como para o índio, marrom – firme, liso, imaculado, encantador e repousante para os olhos, medo de nenhuma cor, harmonizando-se com todas as cores, e acrescentando graça a todas elas – Eu acho que não há nenhum tipo de chance para a medíocre tez branca contra essa rica e perfeita tonalidade.

Finalmente, a principal documentação no simbolismo literário ocidental que explica a origem da alienação do coletivo branco mundial – e consciência involuntária desse fato - é o rígido simbolismo da profundamente importante obra de Edgar Rice Burroughs, o autor da série *Tarzan*. O primeiro desta série, *Tarzan dos Macacos*, foi registrado em 1912 e publicado em 1914. Antes de Burroughs morrer em 1950, ele havia produzido 26 livros de *Tarzan*. Tão significativo é o simbolismo *Tarzan* para a civilização e cultura ocidental, que a empresa Burroughs continua a ser uma indústria muitos milhões de dólares em todo o mundo.

Edgar Rice Burroughs é um dos autores mais vendidos no mundo. Em 1975, sua empresa estimava que mais de 150 milhões de cópias de seus livros haviam sido impressos em 50 idiomas em todo o mundo. Em 1980, toda a série *Tarzan* estava sendo reeditada. *Tarzan* é a história de um bebê britânico, Lorde Greystoke, que foi abandonado na África com nove meses de idade depois que seus pais morreram. Os grandes “símios” negros, então, cuidaram dele, como uma passagem de *Tarzan dos Macacos* relata: "A fome diminuiu a diferença entre eles e [Lorde Greystoke] nutrido no seio de Kala, a grande macaca." É um salto curto através do simbolismo para decodificar que nove meses após a concepção, um mutante albino branco nasceu de pais Africanos (negros) e, em seguida, é abandonado. A criança, em sua raiva e alienação, mais tarde retorna à cena de sua rejeição a dominar os africanos e todos os outros povos não-brancos. Burroughs afirmou que o nome de *Tarzan* significa "pele branca" na língua dos símios. Na cópia registrada de 1929, *Tarzan no Centro da Terra* (13ª na série), de Burroughs explica em mais detalhes:

O sol batendo sobre seu corpo nu, não tinha tal efeito sobre sua pele como o teria o sol do mundo exterior em condições semelhantes. Mas concedeu a ele

uma nova confiança semelhante à que ele teria sentido se ele tivesse sido capaz de recuperar o seu vestuário perdido. E neste fato, ele viu o que ele acreditava ser a causa real de seu primeiro embaraço em sua nudez – foi a brancura de sua pele que tinha feito com que ele parecesse tão nu em contraste com outras criaturas, por isso a brancura sugeria suavidade e fraqueza, despertando nele uma sensação perturbadora de inferioridade; mas agora como ele assumiu sua densa pele bronzeada e os seus pés se tornaram mais rijos e acostumados às novas condições, ele já não andava em constante percepção de sua nudez.

Assim como Burroughs revela esta profunda preocupação do coletivo branco em *Tarzan*, ainda encontramos o coletivo branco neuroticamente preocupado com a nudez de sua pele branca, no desenvolvimento de salões de bronzeamento, de modo a produzir um estado permanente de pele de coloração marrom. Por exemplo, a revista *Newsweek* publicou um artigo em dezembro de 1979, intitulado “90-Second Suntans” (“90 segundos bronzeado”), em que um devoto da lâmpada ultravioleta, quando lembrado dos perigos do bronzeamento declarou: “Se bronzeamento vai me matar, pelo menos, eu vou ser um cadáver de boa-aparência”.

A Sociedade Americana do Câncer estima que em 1980 o número para novos casos de câncer de pele seja de 14.001, enquanto uma estimativa de 6.200 pessoas morrerão do específico câncer de pele melanoma. Apesar destas advertências, o bronzeamento persiste. Um rápido olhar em qualquer praia ou piscina hoje dará uma indicação clara do número atual de pessoas de pele branca que são auto-alienadas ao ponto de aumentarem seu potencial de morte causada por câncer. Eles continuam a buscar a pigmentação da pele temporária, mesmo até morte, para se tornarem membros da família “hue-man” (de homens de cor).

A profundidade simbólica de todos os itens acima deve deixar poucas dúvidas de que a consciência dos brancos da origem da sua alienação é, em nenhum sentido, superficial. Essa consciência vai fundo ao núcleo genético do status dos povos brancos como variantes de albinismo mutante e ao núcleo de seu conceito e imagem de si mesmo como tal. O computador-cerebral Ocidental (individual e coletivo), em seguida, gera padrões de sua específicos alienação nos seus mitos, símbolos, lógica, pensamento, discurso, ação, reação emocional e percepção em todas as áreas de actividade de pessoas: economia, educação, entretenimento, Trabalho, Direito, política, religião, sexo e guerra.

Angústia. Mais brevemente, os aspectos principais da angústia e do narcisismo na civilização e cultura ocidental, que são integralmente associados à dinâmica da alienação, devem ser discutidos. Dr. Rollo May, em seu livro *The Meaning of Anxiety* (O Significado de Angústia), nos informa corretamente no prefácio à edição de 1950:

Nos últimos cem anos, ... psicólogos, filósofos, historiadores sociais, e outros estudantes da humanidade têm estado cada vez mais preocupados com este mal-estar sem nome e sem forma que tem perseguido os passos do homem moderno. No entanto, em todo esse tempo, a meu conhecimento, apenas duas

tentativas foram feitas em forma de livro – um ensaio de Kierkegaard e um de Freud – para apresentar uma imagem objectiva da angústia e para indicar métodos construtivos de lidar com ela.

Vinte e sete anos depois, no prefácio para a edição revisada, o Dr. May afirma,

Eu acredito que uma teoria arrojada seja necessária qual compreenderá não só a nossa angústia normal e neurótica, mas a angústia na literatura, arte e filosofia também. Esta teoria deve ser formulada no nosso mais alto nível de abstração. Proponho que essa teoria seja fundada sobre a definição de que a angústia é a experiência do Ser afirmando-se contra Não Ser. Este último é o que reduziria ou destruiria o Ser, como a agressividade, a fadiga, o tédio, e finalmente a morte. Rescrevi este livro na esperança de que sua publicação vá ajudar na formação dessa teoria da angústia.

Dr. May continua em sua declaração sobre propósito do livro:

Apesar do fato de que a angústia tornou-se um problema central a tantas áreas diversas da nossa cultura, o ataque ao problema tem sido prejudicado pelo fato de que as várias teorias e estudos da angústia têm, até à data, sido descoordenados. A despeito do zeloso trabalho por psicólogos especializados, isso é tão verdadeiro em 1977, quanto era em 1950. Como é evidente para qualquer um que lê os artigos de vários simpósios sobre a angústia, nós ainda não usamos a mesma linguagem. A descrição de Freud do estado do problema no parágrafo de abertura de seu capítulo sobre a angústia publicado em 1935 ainda é em grande parte preciso: ‘Você não vai se surpreender ao saber que eu tenho uma grande quantidade de novas informações para dar-lhe sobre as nossas hipóteses sobre a tópicos angústia... e também que nenhuma das informações pretendem fornecer uma solução definitiva para estes problemas duvidosos.’ O que é necessário no atual estágio da compreensão da angústia é a introdução das idéias abstratas certas, e da sua aplicação à matéria-prima de observação, de modo a trazer a ordem e a lucidez a ela.

É claro que o distinto Dr. May, a respeito da angústia neurótica, levou em conta a discussão de Freud sobre angústia neurótica como a mais fundamental relacionada ao trauma do nascimento e ao medo da castração. Dr. May depois ampliou o conceito, escrevendo: “É muito sugestivo também que o primeiro estado de angústia surgiu por ocasião da separação da mãe.” Dr. May continua, referindo-se o perigo de castração como “...uma reacção a uma perda, a uma separação, cujo protótipo é a experiência do nascimento.” Ele também inclui as análises de outros psicólogos notáveis em matéria de angústia: a visão de Otto Rank de angústia como decorrente do problema central da individuação – e, em seguida, o medo da vida e o medo da morte; A visão de Alfred Adler de angústia como relacionada a sentimentos de inferioridade; A crença de Jung de que a angústia é a reação do indivíduo à invasão de sua mente consciente por forças irracionais e imagens do inconsciente coletivo; A visão de Karen Horney de angústia como uma reação a uma ameaça de algo que pertence ao núcleo da personalidade juntamente com uma resposta hostil; e, finalmente, a visão de Harry Stack Sullivan de angústia como apreensão de desaprovação interpessoal. No

entanto, Dr. May reconheceu que essas teorias, incluindo a sua própria (“Ser afirmando-se contra o Não-ser”), continuam a ser insuficientes.

Eu também visualizo essas abordagens como insuficientes e concluo, como argumentado em minha discussão anterior de alienação, que a angústia na civilização e cultura ocidental, decorre da origem dessa cultura – que repousa mais fundamentalmente na produção de mutantes albinos por pais negros na África. Angústia, como alienação na cultura ocidental, é o resultado da rejeição destes albinos por causa de seu status de deficiência genética e de seu posterior abandono e migração para o norte para formar o que é agora reconhecido como a raça branca. Este coletivo branco mundial mantém uma aparência diferente do resto da humanidade, e eles não gostam dessa diferença. Portanto, eles se bronzeiam e usam maquiagem. Eles continuam a ser uma minoria de pessoas no mundo, rodeados globalmente por uma maioria global negra, marrom, vermelha e amarela. O coletivo branco global permanece geneticamente recessivo à maioria global, negra, marrom, vermelha e amarela, e vive cada dia e cada minuto de cada hora no contínuo temor da aniquilação branca pela maioria global de dominantes genéticos. Este medo fundamental do isolamento albino, abandono e aniquilação genética, é o cerne da civilização ocidental – uma civilização estruturada para garantir a sobrevivência genética branca. Este plano de sobrevivência exige a subjugação e controle de todos os povos não-brancos. Defino esta subjugação e controle como o sistema de supremacia branca.

Por conta do diálogo aberto consciente de toda a civilização e cultura ocidental nunca seja sobre o seu status de minoria branca global, o seu recessivo (portanto, vulnerável) status genético, ou sua rejeição inicial pelos pais negros e a maioria negra, estes sentimentos sobre si mesmo e os medos de inadequação e de vulnerabilidade residem no subterrâneo do computador-cerebral. Esses pensamentos subconscientes e inconscientes se tornam a base para a angústia neurótica generalizada que caracteriza a cultura ocidental. Tal é a natureza específica e causa deste "mal-estar sem nome e sem forma que tem perseguido os passos do homem moderno." O homem moderno significa o homem ocidental, significa homem branco, significa o coletivo branco global.

Esta é a razão pela qual o valium (diazepam) é a droga mais prescrita nos EUA, a unidade chave da civilização e cultura ocidental. É esta mesma angústia que causa a preocupação da civilização ocidental com armas, gastando mais dinheiro em armamentos do que em qualquer outro item orçamental de uma vez. Estas armas cercam todos os povos não-brancos do mundo. Os brancos esperam que as armas venham a impedir a aniquilação genética branca e, assim, a garantir a sobrevivência genética branca, mas, em seguida, os brancos mantêm o medo contínuo generalizado de que eles serão destruídos na conflagração também.

Esta fundamental angústia em relação à aniquilação global da genética branca permeia todos os padrões de símbolos, lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção em todas as áreas de atividade de

peças dentro da cultura e civilização ocidental. E também, ela permeia todos os aspectos da vida familiar, para brancos e todas as vítimas não-brancas da supremacia branca. Todas as teorias acima mencionadas de angústia – por Freud, Jung, Rank, Adler, Horney, Sullivan e May – estão englobadas na acima afirmada tese Cress-Welsing sobre a angústia na civilização e cultura ocidental.

Narcisismo. Assim como alienação e angústia, tornou-se foco de atenção chave para cientistas comportamentais e sociais ocidentais e outros estudiosos, o narcisismo se tornou o mais recente abstração para intenso envolvimento intelectual.

Um artigo de 30 de janeiro de 1978, da *Newsweek* intitulado "The New Narcissism" ("O Novo Narcisismo"), descreve várias qualidades de narcisismo:

Muito antes do crítico social Tom Wolfe ter rotulado os anos 70 de "A Década do Eu", os estudiosos estavam explorando o narcisismo como um novo – talvez até mesmo dominante – padrão psicológico de ambos os comportamentos, individual e social. De acordo com esta teoria, o Novo Narciso sofre e morre emocionalmente porque – como seu protótipo mitológico – ele não pode retornar à afeição de alguém. Sua falha fatal, no entanto, não é realmente o amor próprio, mas uma expectativa grandiosa de si mesmo que não pode ser sustentada e torna-o vulnerável a crises crônicas de tédio e vazio interior. Aos olhos do Novo Narciso, o mundo exterior é essencialmente um espelho que reflete seus próprios sentimentos alternados de onipotência pessoal e desintegração.

Para o Dr. Ernest Wolf, do Instituto de Psicanálise de Chicago, a identificação dos novos sinais de narcisismo são 'uma grande revolução na psicanálise', em que a auto-estima é vista como tão importante quanto a sexualidade. Para o historiador social Christopher Lasch, o narcisismo é a chave para entender por que a 'auto-preservação e a sobrevivência psíquica' permeiam o clima moral da sociedade contemporânea... Em uma conferência recente sobre 'Narcisismo na Sociedade Moderna' da Universidade de Michigan, vários psiquiatras argumentaram que ainda não há dados clínicos sólidos que comprovem que o narcisismo tem aumentado em relação às neuroses tradicionais. Outros, como o psicólogo Kenneth Keniston, se perguntam se um termo clínico como narcisismo pode explicar adequadamente os padrões de comportamento social... No entanto, através de uma série de livros, ensaios e simpósios, o novo narcisismo surgiu como uma preocupação intelectual central. Uma escola de psicanálise pós-freudiana, com sede em Chicago, proclamou o narcisismo patológico o distúrbio psicológico que assedia a cultura ocidental moderna e desenvolveu uma 'psicologia do eu' para explicar suas causas. E alguns cientistas sociais adotaram descrições clínicas do narcisismo para ajudar a explicar o crescente desinteresse na política, na ação social e na educação das crianças, e o aumento correspondente de uma ética de sobrevivência individual.

'Narcisistas patológicos simplesmente não pode depender dos outros, o que para mim é uma característica fundamental', diz o psicanalista de Nova York, Otto F. Kernberg, autor de um influente estudo, 'Condições Fronteiras e Patológica do Narcisismo'. Por mais que eles anseiam admiração, diz o Dr.

Kernberg, narcisistas exploram de forma sistemática e desvalorizam os outros. Frequentemente charmosos e carismáticos, eles tendem a apreciar apenas contatos emocionais transitórios, ao invés de uma genuína intimidade de longo prazo. Os narcisistas são muitas vezes altamente bem sucedidos nos negócios, burocracias, ou outras em organizações impessoais; Normalmente, tais situações recompensam aqueles que podem manipular os outros, enquanto desencoraja apegos pessoais e fornece retorno emocional suficiente para satisfazer a auto-estima.

O terceiro *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (1980), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria, contém uma descrição do transtorno de personalidade narcisista, com os seguintes critérios enunciados:

- A. Um senso grandioso de auto importância ou singularidade
- B. A preocupação com fantasias de sucesso ilimitado, poderoso brilho, beleza ou amor ideal
- C. Exibicionista: requer constante atenção e admiração
- D. Responde às críticas, a indiferença dos outros, ou a derrota ou com fria indiferença ou com sentimentos marcantes de raiva, inferioridade, vergonha, humilhação, ou vazio.
- E. Dois dos seguintes:
 - 1. Falta de empatia: Incapacidade de reconhecer como os outros se sentem
 - 2. Direito: Expectativa de favores especiais com reações ou surpresa e raiva quando os outros não cumprir
 - 3. Utilitarismo interpessoal: Leva vantagem dos outros para satisfazer seus próprios desejos ou para o auto-engrandecimento, com desrespeito à integridade pessoal e direitos dos outros
 - 4. Relações caracteristicamente vacilam entre os extremos de idealização e desvalorização excessivos.

Qualquer pessoa não-branca que tenha tido uma vasta experiência com os brancos, coletiva ou individualmente, vai encontrar no acima uma descrição dessas relações. Em um nível superficial, parece irônico que os responsáveis por este transtorno incluídos no *Manual Diagnóstico e Estatístico* tenha falhado em reconhecer isso como uma afirmação que

caracteriza a relação global dos brancos para com os não-brancos, uma descrição da dinâmica supremacia branca (racismo).

Para uma maior compreensão desse fracasso perceptual, vamos retornar ao mito grego de Narciso. Segundo a mitologia grega, Narciso era o filho do deus-rio, Céfiso, e da ninfa Liríope; Ele era distinguido por sua beleza. Sua mãe foi avisada de que ele teria uma vida longa, desde que ele nunca olhasse para seu próprio rosto. No entanto, sua rejeição ao amor da ninfa Eco ou de seu amante Anemias atraiu sobre ele a vingança dos deuses. Ele se apaixonou por seu próprio reflexo nas águas de uma nascente e definhou (ou se matou). Este antigo simbolismo mitológico mostra a dificuldade que o coletivo branco tem em olhar no espelho para se ver para o que ele realmente é em relação à grande maioria dos povos do mundo.

Este antigo simbolismo mitológico mostra a dificuldade que o coletivo branco tem em olhar no espelho para se ver para o que ele é em relação à grande maioria dos povos do mundo. Na verdade, se ele encarar a si, com sua soberba atitude de superioridade branca, ele vai se desintegrar. Narcisismo, como descrito, mas não profundamente compreendido por Freud, é a engrenagem principal para esta tese. Freud via o narcisismo como um distúrbio de caráter no qual houve fixação de energia libidinal sobre o si. Por conta de uma falta de amor ou de resposta por parte dos pais, a energia libidinal nunca pode ser descarregada sobre outra pessoa com satisfação. O receoso caráter narcisista prefere o auto-erotismo (ou seja, a masturbação) à relação sexual normal.

Freud e outros não conseguiram entender que o fracasso do amor parental está enraizado na rejeição inicial pelas mães negras e pais negros na África dos seus descendentes mutantes albinos (brancos), que foram forçados a tentarem a amar a si mesmos se sobrevivessem; mas eles não puderam chegar a um ponto de verdadeira auto-aceitação, porque nunca houve aceitação ou validação dos pais e do grupo no momento em que os brancos tiveram mutado dos negros. E porque os brancos não conseguiram ser aceitos pelos pais negros originais, eles evoluíram o posterior padrão de compensação da supremacia branca. No entanto, sob a postura de supremacia branca e grandiosidade branca, a insegurança de inadequação, inferioridade e vulnerabilidade continua a ser exibida alternadamente. Muito, muito tempo atrás, os gregos foram advertidos pelo Oráculo de Delfos – a quem os gregos retrataram no homônimo herói Delphas, como um negro – a “Conhece a Ti Mesmo.” Claramente, até à data, o coletivo ocidental falhou nessa tarefa.

Teoria Psiquiatria do Campo Unificado (1980)

Ainda maravilho-me com esta coisa curiosa, de fazer um negro poeta e convidá-lo a cantar.

– **Countee Cullen**

É concebível que uma negra que é também uma mulher possa criticar e dismantelar toda a psiquiatria ocidental?

Vou começar este ensaio um pouco diferente do que foi originalmente concebido há vários anos. Esta alteração é ocasionada por ter lido o artigo, “Recuar Por de Trás de Novas Paredes com Vista a Levantar Risco à Psiquiatria”, que apareceu na edição de junho 1980 da *Clinical Psychiatry News*. É um relatório de San Francisco no endereço dado pelo Dr. Alan M. Stone, como presidente cessante na reunião anual da Associação Psiquiátrica Americana. Dr. Stone declarou:

As novas paredes estão sendo construídas como psiquiatras tentam lidar com as questões do racismo, da homossexualidade, e da situação das mulheres... Estas são todas as questões que nos confrontam na nossa prática, desafiou os pressupostos morais que jazem escondidos em nossas teorias, e nos confundiu com disputas e amargor em nossa associação. Não é por acaso que cada (problema) convida a psiquiatria a tomar uma posição sobre os valores humanos. Valores humanos, afinal de contas, são um elo crucial na corrente que liga o si à sociedade. Tomar uma posição sobre eles revela algo sobre nós mesmos, nossas próprias relações com a sociedade e nossa própria visão do que significa amar e trabalhar. Muitos psiquiatras acreditam que a AAP deveria limitar-se a questões que são claramente psiquiátricas, mas muitos outros acreditam que essas questões sociais são claramente psiquiátricas. Eu devo sugerir que o que separa esses dois grupos só pode ser entendido como parte do dilema teórico profundo em que a psiquiatria americana encontra-se: sua falta de clareza conceitual. Essa ambigüidade teórica é o núcleo do conflito que confronta a psiquiatria. Como pragmáticos ecléticos, incertos que colocamos as peças da imagem juntas corretamente, nunca podemos estar confiantes de que podemos distinguir entre o paciente doente e a sociedade doente. A contribuição da psiquiatria para o que significa ser uma pessoa é seu aspecto mais poderoso. Essa contribuição não pode estar sob o controle da psiquiatria em uma sociedade livre. No entanto, a profissão tem uma responsabilidade para os valores escondidos em suas teorias e terapias, que contribuem para a formação da ‘consciência contemporânea’. É nas questões que envolvem o tema das mulheres que talvez o ataque mais convincente sobre os valores ocultos em psiquiatria tem sido feito.

Dr. Stone continuou essa discussão, perguntando se estas questões cortam mais profundo na psiquiatria americana do que o racismo e a homossexualidade:

Tanto quanto eu possa ver, o caso contra a psiquiatria, em como considera as mulheres, é muito mais prejudicial, requer muito mais do que um pequeno ajuste de nosso retrato falado; de fato, ela obriga cada um de nós a reexaminar não só as nossas teorias, mas também nossas vidas e relacionamentos. Não pode haver nova psicologia das mulheres que não requeira uma nova psicologia dos homens. Isso torna necessária uma nova concepção de todos os nossos valores humanos e todos os paradigmas da psiquiatria. Psiquiatria fica de fora da história ou moral, mas como psiquiatras decidem que história e que a moral aceitar? As regras sobre que história e que a moralidade aceitar não são claramente descritas nos paradigmas biológicos, psicodinâmicos, e comportamentais. O que é exigido de nós é ambição moral. Até o nosso retrato falado torna-se um verdadeiro retrato da humanidade, temos de viver com a nossa incerteza. Vamos apalpar; vamos lutar; e nossa compaixão pode ser o nosso único guia e conforto.

Originalmente, o meu ensaio começava com a declaração: “Está claro para muitos que graves problemas estão confrontando o campo da psiquiatria em níveis teóricos e conceituais. Esta crise tem implicações importantes para o tratamento, bem como os problemas encontrados na formulação de categorias diagnósticas como evidenciado nas controvérsias em torno da tarefa de desenvolver o *“Manual de Diagnóstico e Estatística III”*. Mas quem melhor deve indicar os problemas enfrentados na psiquiatria na América, do que um presidente cessante da Associação Americana de Psiquiatria? Na verdade, quem seria mais prontamente crente do que ele?

Enquanto não aceito tudo o que foi dito pelo Dr. Stone (mais especificamente, a sua visão do sexismo como uma questão mais problemática do que o racismo), eu partilho de sua consciência de um caos se debatendo no atual estado teórico e conceitual da psiquiatria. Foi esta mesma consciência que me levou à consideração de uma teoria do *campo unificado* na psiquiatria.

O conceito de uma teoria do campo unificado é derivado do trabalho do grande físico, Albert Einstein (14 de março de 1879 - 18 de abril de 1955). Einstein, um físico matemático, o cientista mais reconhecido e altamente renomado na história da civilização ocidental, passou a maior parte de seus anos produtivos em busca de uma teoria do campo unificado, uma teoria que, em termos matemáticos (por um único conjunto de equações), combinaria todas as diferentes manifestações de fenômenos energéticos no universo.

Einstein estudou a força da gravidade e produziu a Teoria Geral da Relatividade. Ele estudou as forças do eletromagnetismo e produziu a Teoria da Relatividade Especial, que se tornou um critério mais preciso para medir as características do mundo físico. Em seguida, Einstein questionou a possibilidade de generalizar os fundamentos matemáticos da teoria para

derivar não apenas as propriedades do campo gravitacional, mas também as do campo eletromagnético.

Seu trabalho é revisto em *Einstein: Vida e Época*, 1971, de Ronald Clarke. Nas próprias palavras de Einstein:

Durante anos, tem sido a minha maior ambição resolver a dualidade das leis naturais em unidade. Esta dualidade reside no fato de que os físicos até então eram obrigados a postular dois conjuntos de leis - aquelas que controlam a gravitação e aquelas que controlam os fenômenos da eletricidade e magnetismo... Muitos físicos suspeitaram que dois conjuntos de leis devem estar baseados em um lei geral, mas nem experiência nem a teoria tem, até agora, conseguido formular esta lei... A teoria da relatividade reduziu a uma fórmula todas as leis que regem o espaço, tempo e gravitação, e, portanto, correspondeu à procura por simplificação dos nossos conceitos físicos. O objetivo do meu trabalho é promover esta simplificação, e particularmente reduzir a uma fórmula a explicação do campo de gravidade e do campo do eletromagnetismo. Por esta razão, eu chamo isso de uma contribuição para "*uma teoria do campo unificado*"... Agora, mas só agora, sabemos que a força que move os elétrons em sua elipse sobre os núcleos dos átomos é a mesma força que move a nossa terra em seu curso anual sobre o sol, e é a mesma força que nos traz os raios de luz e calor que tornam a vida possível neste planeta.

Não apenas Einstein morre antes de atingir este objectivo, como antes de sua morte, sua conceituação de uma teoria do campo unificado estava sendo dispensada por físicos mais jovens como as idéias de um homem velho cuja utilidade científica havia passado há muito tempo. A física quântica e física do acaso e das probabilidades estatísticas (a física de Born e Heisenberg) foram suplantando a física de Einstein do todo. Esta foi a nova física da *indeterminação*. Esta nova física poderia ser caracterizada por declarações seguintes de Sir George Thompson, que aparecem em *Einstein: Vida e Época*:

Sempre que um sistema é muito complicado, como no cérebro ou numa comunidade organizada, entra a indeterminação, não necessariamente por causa de 'h' (a constante de Planck), mas porque, para fazer uma previsão, muitas coisas devem ser conhecidas que as consequências soltas de estudá-las perturbará o status quo, o que nunca pode, portanto, ser descoberto. A história não é e não pode ser determinante. As supostas causas só podem produzir as consequências que esperamos.

Estou quase certa de que a maioria dos trabalhadores no campo da psiquiatria não são conscientes de que eles também têm assegurado uma posição nos respectivos campos científicos, ou de Albert Einstein, ou de Born e Heisenberg. O campo de indeterminação detém, como articulada por Sir George Thompson, que (em um sistema tão complicado como o cérebro ou em uma comunidade organizada) não se pode descobrir uma lei unitária ou uma causa unitária das muitas formas complexas de comportamento, o conhecimento de que iria permitir uma previsão de consequências esperadas. Pelo contrário, o campo de determinação conclui que, em

qualquer sistema de energia finita – não importa quão aparentemente complexo ao nível da superfície – uma lei unitária pode ser discernida simplesmente porque não há ordem específica no universo e, portanto, há ordem em qualquer sistema de energia. Uma lei unitária iria revelar a natureza dessa ordem específica. Eu resido no campo de Albert Einstein – o campo da determinação.

O esforço de Einstein no sentido de detectar o campo unificado tem um grande significado para mim como psiquiatra/cientista comportamental, porque é minha convicção em desenvolvimento que a atual confusão é em grande parte resultado da nossa incapacidade de ver as interligações que existem entre muitos, aparentemente isolados e desconectados, fenômenos de energia-comportamental da cultura ocidental. Na verdade, existem muito poucos, se houver, profissionais em ciência comportamental que percebam a necessidade de procurar, por um lado, essas interconexões e, por outro lado, de desvendar a forma unificada total que é estruturada por essas interconexões e sua causa fundamental (etiologia). Isso pode ser dito em ordem inversa: porque existe a falha por parte da maioria dos investigadores em perceber o arcabouço total da dinâmica cultural do Ocidente, é difícil, se não impossível, para que façam sentido dos padrões de comportamento isolados dentro do âmbito total do sistema comportamental. Cientistas comportamentais, deste modo frustrado, têm tentado encontrar as respostas em estatísticas, moléculas e genes neuroquímicos. Foi esta mesma limitação e dependência do método estatístico de análise dos fenômenos de energia que deprimiu Einstein com trabalho de seus colegas na física. Ele lamentou que eles simplesmente não podiam ver a imagem maior. Faltava-lhes a faculdade intuitiva de ver em um nível mais profundo e mais abrangente.

Isso pode ser melhor compreendido se olharmos para as peças separadas de um quebra-cabeças de 1.000 peças quais as fronteiras ainda não foram colocadas no lugar. De um modo geral, não se pode fazer cara ou coroa das dispersas peças minúsculas. Uma vez que o contorno ou o contexto tenham sido estabelecidos, a ordem em que os pedaços pequenos devem ser colocados imediatamente torna-se clara. Eu uso essa introdução particular para este breve ensaio porque um sistema total de energia-comportamental também pode ser visto e entendido como um campo unificado de fenômenos energéticos. Uma vez que o campo unificado da energia-comportamental seja percebido e descrito, estabelecendo sua etiologia e dinâmica, os outrora aparentemente isolados, poucos compreendidos, muitas vezes não examinados, fenômenos individuais de energia-comportamental de dentro do campo, são vistos em brilhante coerência, enquanto que antes, eles não eram nem visualizados, nem compreendidos adequadamente. Um processo paralelo pode ser visto nas recentes descobertas na física de estranhos objetos celestes, tais como quasares, pulsares e buracos-negros, a descoberta do que pode ser visto como dependente do conceito de Einstein de um campo unificado - o âmbito do seu conceito de relatividade.

O sistema global da supremacia branca (racismo) é um sistema altamente específico de energia-comportamental. A força e energia deste sistema, através do sua meta objectiva final e seus padrões de lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional, percepção e símbolos, em todas as áreas de actividade de pessoas (economia, educação, entretenimento, trabalho, direito, política, religião, sexo e guerra), determina os padrões dominantes de comportamento no mundo de hoje. O sistema global da supremacia branca é eufemisticamente chamado de "civilização ocidental".

No capítulo 1, eu expliquei que o padrão comportamental global do racismo é uma necessidade ao coletivo branco. Essa atividade racista uma tentativa compensatória de prevenir contra a aniquilação genética branca em um planeta onde a grande maioria das pessoas são geneticamente dominantes aos melano-deficientes brancos. A consciência de si (no coletivo global branco), como uma população mutante genética branca, que foi rejeitada por seus pais negros na África (ver Capítulo 2), e a determinação consciente e/ou inconsciente subsequente para sobreviver como uma minoria mundial tornou-se a subjacente lei que determinou a evolução do sistema/cultura de supremacia branca agora global.

Todas as maiores e menores cristalizações de energias comportamentais unidades comportamentais no coletivo branco mundial – não importa o quão simples ou complexo, velho ou novo, de curta ou longa duração – devem estar de acordo, em última análise, à equação básica de energia comportamental do branco sobre o não-branco (ou poder branco sobre a impotência não-branca). Esta é a equação de poder ou a energia necessária para a sobrevivência genética branca. Esta equação de energia comportamental é expressa em manifestações de energia dos padrões da lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção em todas as áreas de atividade de pessoas.

A partir desta lei básica, torna-se possível prever a força definitiva dos computadores cerebrais individuais e coletivos dos brancos a nível local e global. Em termos de energia, isso significa que é possível prever os padrões fundamentais ("a linha de fundo") de toda a energia que flui a partir do coletivo branco em suas interações dinâmicas com o coletivo não-branco. Essa soma total de expressão de energia comportamental é sempre a cristalização energética da supremacia branca (sobrevivência genética branca) - independentemente da miríade de formas comportamentais grosseiras ou sutis que assuma. Além disso, esta formação energética pode ser entendida como um campo unificado de energia finita ou campo de força, ainda que a força que seja uma energia comportamental.

Esta nova teoria da psiquiatria é o que eu chamo de Teoria Psiquiatria do Campo Unificado. É uma psiquiatria que percebe um todo definível, sistema global de energia comportamental, em que os eventos de comportamento se prestam a previsão, porque o objectivo final do sistema permanece constante. As considerações básicas que Einstein propostas para energia física em seu conceito de uma teoria do campo unificado podem ser

aplicadas facilmente à energia comportamental no conceito da Teoria Psiquiatra do Campo Unificado. Assim, o papel de todos os maiores e menores padrões comportamentais dentro do campo podem ser compreendidos e ainda previstos.

Agora, as subjacentes inter-relações entre os padrões comportamentais aparentemente desconexos são visíveis. É como se ao fim de uma bola de laços ou de fios embolados fosse descoberto que, com paciência, permite-se desemaranhar por completo sem quebrar o fio. Até aqui, nenhum cientista comportamental ocidental havia reconhecido o fio condutor único de lógica que permeia fenômenos aparentemente não relacionados, tais como linchamentos, objetos de fumar, touradas, doce de chocolate com nozes, café, armas, guarda-chuvas, automóveis, esquí, raça, corridas e corridas (cavalo, a pé e de carro), a mitologia de Adão e Eva, Moby Dick, Drácula, Frankenstein, a peça "Equus", de Peter Schaffer, papel-moeda, ouro, simbolismo religioso cristão, a suástica nazista, anti-semitismo, perversões sexuais, apartheid, abuso de criança, o capitalismo, o nudismo, o Holocausto, a alienação, o sexismo, o homossexualismo, a pornografia, o narcisismo, jogos de azar, violação, bandeiras, as gravatas dos homens, etc. Todos os itens acima são apenas alguns dos principais mitos e símbolos das entidades de energias comportamentais incluídas no sistema/cultura de supremacia branca que estão relacionadas com a lei única subjacente que rege a origem e existência da civilização ocidental.

As ciências sociais e comportamentais ocidentais, particularmente a psiquiatria, se contentaram com a análise de fragmento de comportamento e várias explicações teóricas para diferentes comportamentos. Isso demonstra uma incapacidade de compreender toda a floresta, enquanto se concentra em árvores isoladas ou grupos de árvores. A incapacidade em compreender o campo de força de energia comportamental inteiro resultou em técnicas e programas de modificação de comportamento isolados, a inaptidão em compreender a maneira pela qual a estrutura Social total determina o comportamento da personalidade individual, e a tendência em se concentrar em sequências neuroquímicas isoladas e mecanismos como causando certas constelações do comportamento. Este padrão limitado de percepção e o aparentemente necessário padrão de abstração interminável, com uma inaptidão em sintetizar o todo, pode ser atribuído a um padrão de recepção de dados no sistema nervoso das pessoas que possuem níveis insuficientes de melanina em seus sistemas nervosos. A falta de melanina resulta do estado de deficiência genética do albinismo ou de suas variantes, que por sua vez influencia padrões básicos de percepção de mensagens de energia a partir do ambiente físico/social. (Examinarei essa possibilidade em um trabalho futuro.) Compreendendo isto, é evidente que a incapacidade atual da psiquiatria ocidental para identificar as inter-relações existentes entre racismo, homossexualidade e sexismo (articulado pelo Dr. Alan Stone) é devido a uma inadequada base teórica e conceitual.

Como foi referido anteriormente, o racismo é a evolução do sistema de energia comportamental baseado na necessidade de sobrevivência genética branca. Tanto a homossexualidade e o sexismo são derivados dessa dinâmica fundamental. As forças no sistema de supremacia branca que levam a um aumento maciço de passividade, efeminação, bissexualidade e homossexualidade na população masculina preta como necessidades para a sobrevivência genética branca são discutidas no Capítulo 6. No entanto, ao concentrar-se especificamente sobre a homossexualidade masculina branca no sistema/cultura de supremacia branca, temos de voltar à consciência do mutante albino masculino de si mesmo em contraste com o arquétipo masculino humano - o homem preto, o pai dos mutantes albinos iniciais. Na verdade, este fato é a verdadeira base para a mitologia de Édipo.

Historicamente, os homens brancos em todo o mundo sofreram o profundo sentimento de inferioridade e inadequação masculina, porque eles representam uma minoritária população mutante, geneticamente recessiva, que pode ser geneticamente aniquilada por todas as pessoas não-brancas - homens e mulheres. Em última análise, essa consciência no coletivo branco produziu altos níveis de auto-dúvida masculina, medo, ansiedade e auto-alienação. Estas dificuldades foram intensificadas pela consciência de que a reprodutividade branca é muito menor do que a reprodutividade natural de qualquer população não-branca.

Assim, o coletivo de masculino branco se sente vulnerável ao coletivo não-branco global, mas mais especificamente ao coletivo masculino preto por causa da habilidade dos pretos em produzir os mais altos níveis de melanina e, assim, o maior potencial de aniquilação genética branca. Esta lógica básica de desgosto com a genética e genital branco auto-impulsiona o computador-cerebral no coletivo masculino branco a padrões de auto-negação de comportamento. Além disso, é a base para a contínua questão no coletivo branco, "Quem tem o maior pênis - o homem preto ou o homem branco?"

A outro nível, a homossexualidade masculina branca pode ser vista como a tentativa simbólica de incorporar no corpo masculino branco mais substância masculina senão por chupar o pênis de outro homem e oralmente ingerir o sêmen, ou por ter ejaculação masculina depositada na outra extremidade do canal alimentar. Através de relações sexuais anais, o homem branco auto-degradante pode fantasiar que ele pode produzir um produto de cor, ainda que o produto da cor seja matéria fecal. Essa fantasia é significativa para os homens brancos, porque os homens que são capazes de produzir cor na pele são vistos como os verdadeiros homens.

Este mesmo sentimento de deficiência de masculinidade na cultura da supremacia branca faz com que os padrões comportamentais de fumar tanto símbolos fálicos brancos pequenos chamados cigarros, quanto grandes símbolos fálicos marrom-escuros ou pretas conhecidos como charutos, cachimbos e os longos cigarros marrons chamados Mores. (Ou será que significa mouros?) Estes são sugados, tragados, baforados e,

senão, fisicamente ingeridos, levando finalmente à auto-negação através de mortes em potencial causadas pelo câncer. Além disso, deve-se notar que, para o coletivo masculino branco, o maior senso de poder masculino vem de fumar os grandes, marrom-escuros, objetos de fumo fálicos – charutos e cachimbos. Assim, os charutos são dados no nascimento de um filho! (Veja o Capítulo 11.) De maneira semelhante, este senso de deficiência na masculinidade eleva a arma a tal estado importante na cultura da supremacia branca. (Veja o Capítulo 8.)

A homossexualidade do homem branco é reforçada na família branca, a qual o senso de inadequação genética do homem branco faz com que esse projete seu sentimento de inferioridade genética na mulher branca. Ela é forçada a aceitar o conceito de sua própria inferioridade genética em comparação com os homens brancos. Numa reação de raiva ao ataque do homem branco, ela faz com que seus filhos brancos neguem sua masculinidade e se tornem mais como a si mesmo como uma mulher. Além disso, o homem branco deve oprimir a mulher branca, porque esta última proclama que seu parceiro sexual ideal é, "alto, moreno e bonito." Caso a mulher branca seja permitida ter sua liberdade e agrida sexualmente o homem escuro (o homem não-branco), a aniquilação genética branca irá ocorrer.

Os dois fatores acima – 1) homens brancos projetam seu sentimento de inferioridade genética em mulheres brancas, e 2) o medo dos homens brancos de que mulheres brancas (em sua preferência por homens pretos e outros não-brancos) venham a se tornar participantes na aniquilação genética branca – resultaram no que a cultura ocidental agora se refere como "sexismo" – a repressão das mulheres brancas por homens brancos no sistema/cultura da supremacia branca.

Atualmente, as mulheres brancas estão respondendo coletivamente ao senso de inferioridade genética dos homens brancos através de sua luta por "igualdade" com os homens brancos. Um grande número de mulheres brancas estão proclamando-se lésbicas, acreditando que esta é uma resposta construtiva para o seu sentimento de inadequação. Elas, obviamente, falham em perceber que estes comportamentos surgem do fato de que elas foram ensinadas a degradar sua composição genética como mulheres brancas na sutil dinâmica da vida familiar branca. Assim, elas se movem em comportamentos de auto-não-reprodutividade e de auto-negação.

Além disso, no movimento das mulheres brancas para serem "iguais" aos homens brancos, elas têm aumentado muito a prática de sugar os símbolos fálicos brancos – cigarros – causando um aumento acentuado na sua incidência de auto-negação através do câncer de pulmão. Mulheres brancas não conseguem entender que, enquanto elas lutam para se tornar "o mesmo que" os homens brancos, elas se tornam mais alienadas de sua própria genética. Assim, elas se tornam vítimas da dinâmica de alienação

genética (o núcleo central do racismo) ao participarem no finito campo de energia unificada de sobrevivência genética branca.

Se se examina o microcosmo da personalidade individual branca ou o macrocosmo do coletivo branco global, a lei da sobrevivência genética branca permanece. Essa lei pode ser indicada na seguinte equação: poder branco sobre a impotência não-branca, ou b/Nb . No entanto, a implicação da lei para os brancos é uma falha de auto-respeito branco individual e coletiva, com base no conceito e imagem negativa de si mesmo.

No coletivo branco, há auto-estima, que é um senso inflado compensatório de si, mas não há respeito fundamental pela própria genética branca. As implicações para a psiquiatria são as seguintes: nas bases de uma imagem negativa e conceito do si, o computador cerebral evolui padrões de neuroquímica, lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção que são auto-negação e grupal, e produtores de desarmonia no universo. Estes são os padrões de neuroquímica e comportamento consistentes com vários graus de doença mental. Nas bases de uma auto-imagem e auto-conceito positivos, o computador-cerebral evolui padrões de neuroquímica, lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção que são grupal e autossustentáveis e produtores de harmonia no universo. Estes são os padrões de neuroquímica e comportamento consistentes com a saúde mental.

O diagrama a seguir mostra os fatores ambientais que atuam sobre a base genética e constitucional para formar a auto-imagem e o auto-conceito. Fatores que apoiam a auto-liderança a positivas auto-imagens e auto-conceitos, considerando que os fatores que negam a si levam a negativas auto-imagens e auto-conceitos.

A tarefa de psiquiatria é ajudar o indivíduo e o coletivo a alcançarem genuíno auto-respeito genético e, assim, respeito pelos outros e por todos os aspectos do universo. Outra tarefa da psiquiatria é demonstrar que o sistema de supremacia branca (civilização ocidental) é incapaz de produzir um ambiente no qual a saúde mental possa evoluir e florescer. Portanto, esse sistema de poder precisa ser abandonado por um mais produtivo.

Este conceito de da saúde mental e doença mental da Teoria Psiquiatra do Campo Unificado desafia a máxima de Sigmund Freud – de que a saúde mental é a capacidade de trabalhar e de amar, O sistema/cultura de supremacia branca mundial constitui um finito campo de energia-comportamental unificado. A lei única, unitária de sobrevivência genética branca rege a sua origem e sua continuidade. *Homossexualidade* e *sexismo* são necessários derivados deste campo de energia e, assim como todos os outros comportamentos significativos no coletivo branco global e local, podem ser entendidos como derivados deste finito campo de energia-comportamental unificado. É do conhecimento da lei unitária causal que rege este campo e permite a previsão de futuro de padrões de energia-comportamental dentro dele.

A discussão acima serve, então, como pano de fundo para os ensaios que se seguem. Todos os comportamentos dominantes no sistema/cultura da supremacia branca são derivados desta preocupação central e suas elaborações e compensações secundárias e terciárias, que também estão preocupadas com a sobrevivência genética branca. Juntos, esses padrões comportamentais produzem campo comportamental unificado da supremacia branca. Albert Einstein percebeu que precisávamos de uma lei para guiar-nos dentro e em torno dos fenômenos no sistema de energia organizada do universo físico, de modo que os nossos movimentos e interações nesse universo pudessem ser facilitados. Semelhantemente, precisamos de uma lei para nos guiar na evoluída organização do sistema de energia comportamental da supremacia branca, a fim de facilitar o nosso movimento nesse sistema, com o objetivo final de existir verdade, justiça, harmonia e paz. Contrariamente aos receios do Dr. Alan Stone, novas paredes estão sendo construídas na psiquiatria. As antigas paredes de abstrações artificiais estão sendo derrubadas, e em seu lugar ergue-se um novo edifício, um campo unificado, que pode ser usado para diagnosticar, tratar e curar.

Aprendendo a Enxergar os Símbolos (Fevereiro de 1979)

Uma cultura pode ser comparada a uma colcha de desenho geométrico complexo na qual todas as muitas partes coloridas, as suas formas e costura fluam um ao outro, constituindo o conjunto. Esta analogia é apto ainda por uma segunda razão. Muitas vezes, o desenho sobre o lado superior da colcha é diferente do padrão da superfície inferior. Ainda assim, a concepção da superfície inferior é essencial para a aparência da superfície exterior.

Tenho dado-me a tarefa de decodificar a cultura em que eu me encontro no tempo e no espaço. Essa cultura é o sistema de poder/cultura global dominante da supremacia branca (racismo). Esta decodificação equivale a revirar, examinar e revelar as peças padrões intrincadas subjacentes à cultura e ao sistema de poder – mostrando em relevo acentuado suas linhas de força e determinação e, portanto, sua concepção global. Só assim é possível vermos para onde estamos indo na densa névoa branca existente.

A psiquiatria contra-racista define saúde mental como padrões da lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção conscientemente praticados pelas vítimas da supremacia branca (racismo) – com o objetivo de erradicar o racismo a nível global. Funcionalmente falando, para as vítimas da supremacia branca, isto significa agir com um respeito e forma de apoio a si e grupal em todas as áreas de atividade de pessoas, apesar das condições específicas de dominação e opressão racista. Submissão à e cooperação com a vitimização e a opressão são sinais de doença pessoal ou mental, ou de auto-negação.

Uma vez que as vítimas da opressão precisa e completamente decodifiquem o sistema e o seu objetivo de opressão e uma vez que analisem completamente os símbolos e padrões da lógica, pensamento, fala, ação, reação emocional e percepção (consciente ou inconscientemente determinados) que constituem o sistema, o oprimido será capaz de reorganizar o seu próprio comportamento de forma eficaz. Esta reorganização resultará em respeito e apoio de si e grupal, e, assim, acabar com a sua opressão.

O processo de decodificação de um sistema de poder e sua cultura é um primeiro passo necessário para alcançar o domínio comportamental sobre esse sistema/cultura. A obtenção de tal domínio é um passo essencial no processo de libertação total para as vítimas que desejem acabar com essa opressão e recuperar a sua auto-estima e saúde mental. Sem este processo de decodificação, os oprimidos falham em entender completamente com o que

eles estejam lidando; eles têm níveis mínimos de consciência e de respeito de si e de grupo, e eles são, funcionalmente falando, doentes mentais.

**O Simbolismo de Cristo, da Cruz, do Crucifixo,
da Comunhão e dos Feriados Cristãos
(Agosto de 1977, Fevereiro de 1979)**

**As Políticas por Trás da Inércia do Homem
Negro, Efeminação, Bissexualidade e
Homossexualidade
(Agosto de 1974)**

**O que Freud Realmente Falava a Respeito...
O Conceito de “Inveja do Pênis”
(Fevereiro de 1975)**

**Armas como Símbolos
(1975-1977)**

**O Filho da Puta e o Filho da Puta Original
(Junho de 1976)**

**Jogos de Bola Como Símbolos:
A Guerra das Bolas
(Agosto de 1976)**

**O Simbolismo de Fumar Objetos
(Março de 1977)**

**O Medo dos Negros e o Fracasso Negro
no Compromisso Analítico (Ideológico)
(Março de 1977)**

**O Conceito e a Cor de Deus
e a Saúde Mental dos Negros
(Novembro de 1979)**

**O simbolismo e o Significado de Estupro
(Outubro de 1980)**

**O Simbolismo, Lógica e Significado
de "Homicídio Justificável" nos anos 80**

**Notas e Ouro como Símbolos
(1980)**

**O Simbolismo do Pugilismo
e do Couro Preto
(Julho de 1982)**

**A Teoria Cress do Holocausto
(1980)**

**As Bases Neuroquímicas da Maldade
(Julho de 1988)**

Crianças Negras e o Processo de Inferiorização (Junho de 1974)

As pessoas negras, como um coletivo, estão se tornando cada vez mais sofisticadas. Estamos nos tornando fortes o suficiente para enfrentar muitas realidades desagradáveis e verdades sobre nós mesmos e sobre sistema social e o mundo em que vivemos, sem recusa ou pânico. Essa habilidade de analisar nós mesmos, nosso comportamento e nossa realidade criticamente é um dos sinais de verdadeira saúde mental. Outro aspecto igualmente importante da saúde mental é a nossa plena aceitação da responsabilidade de reorganizar o nosso próprio comportamento, a fim de mudar as coisas que estão erradas.

As crianças negras são o nosso bem mais precioso e nosso maior recurso potencial. Qualquer discussão significativa da sobrevivência ou futuro do povo negro deve implicar em plano dos negros para o desenvolvimento máximo de todas as crianças negras. As crianças são o único futuro de qualquer povo. Se as vidas das crianças são desperdiçadas, e se os filhos de um de um povo não está totalmente desenvolvido a qualquer custo e sacrifício, as pessoas terão se entregue à morte certa. Elas serão destruídas de fora ou de dentro – pelo ataque de seus próprios filhos contra elas. E elas podem ser destruídas por ambos. Os negros agora estão sendo atacados nas ruas (de dentro) por nossos próprios jovens, bem como sendo atacados (de fora) pelo nosso opressor coletivo. Esta realidade revela as questões centrais deste ensaio, que as pessoas negras devem responder: 1) Será que as crianças negras nos EUA nunca desenvolvem seu potencial genético máximo? 2) Se sim, quem assumirá a responsabilidade final de provocar esse desenvolvimento máximo – as próprias pessoas negras ou as brancas? 3) Se as crianças negras não estão maximamente desenvolvidas, o que as pessoas negras realmente acham que vai acontecer a esta grande massa negra subdesenvolvida de seres humanos? E, 4) estão as pessoas brancas, de qualquer forma, olhando para as pessoas negras para o desenvolvimento máximo das crianças brancas?

Na tentativa de compreender exatamente o que está acontecendo conosco, sejamos muito claros sobre o seguinte: A função do encontro entre o recém-nascido e os vários elementos da experiência social/ambiental, que continuam durante toda a vida do indivíduo, é para moldar e modelar a criança recém-nascida para ajustar (ele ou ela) em seu papel social predeterminado. Com efeito, isto é conseguido pela experiência social total atuando sobre o potencial genético da criança. Qualquer sistema social

estabelecido tem atribuído papéis sociais para cada criança que nasça no sistema, na medida em que as crianças sejam filhos de pais que já estejam ocupando "seu lugar" no sistema social estruturado. Os papéis sociais estão fundamentalmente relacionados com a quantidade de verdadeiro poder se terá ou não em um determinado sistema social. O verdadeiro poder é o fator chave na determinação de "identidade", que é a relação do indivíduo ao poder vigente. Em um sistema social opressivo, a identidade de alguém ou é a do opressor ou a dos oprimidos.

Em um sistema social projetado para alcançar a dominação branca, a experiência desse sistema molda crianças brancas, para que possam funcionar no papel dos opressores, ou os "superiores funcionais" (porque é isso que a supremacia branca supostamente significa: que os brancos *funcionarão* de uma maneira superior, em comparação com os não-brancos). Através de funcionamento superior estruturado, os brancos serão capazes de oprimir os outros. O mesmo sistema social simultaneamente irá moldar todas as crianças classificadas como "não-brancos" ou "outros" para que desempenhem o papel de "inferiores funcionais", ou oprimidos. É por isso que um sistema social racista branco é completamente incapaz de proporcionar total igualdade de oportunidades para negros. Este sistema deve, para sua manutenção, produzir níveis diferenciais de funcionamento para brancos e não-brancos. Se, por exemplo, a igualdade aparente for concedida na área da educação, essa é negada no histórico familiar. Se for dada na renda, é negada na oportunidade de habitação. Se for concedida nos serviços de saúde, ela é negada em termos de níveis de renda dos pais. Se for concedida pela lei (Brown, 1954), ela é negada através da prática social. Et cetera.

Devemos salientar a utilização do termo "inferioridade funcional", qual está em contraste com "inferioridade genética". "Funcional" é usado porque o material genético das crianças não-brancas na realidade não é prejudicado, mas a experiência social racista pré-determinada e estabelecida é projetada deliberadamente para destruir o potencial genético para o funcionamento social. A destruição de material genético não-branco (que é o significado fundamental da palavra "genocídio" - ação de matar genes) leva ao aspecto de inferioridade nos não-brancos.

Para descrever o processo social pelo qual o potencial genético negro é destruído, assim, influenciando profundamente a toda a experiência de vida de cada criança negra, o termo "inferiorização" é usado. inferiorização é o processo consciente, deliberado e sistemático utilizado especificamente por um sistema social (supremacia branca) racista, conduzido através de todas as suas instituições maiores e menores (incluindo a instituição da família), para moldar pessoas específicas dentro desse sistema (ou seja, todas as pessoas classificadas pelo sistema racista como não-brancas) em "inferiores funcionais", apesar de seu verdadeiro potencial genético para o seu funcionamento. Sob o sistema de supremacia branca, quanto mais pigmentação de melanina presente na pele e, portanto, quanto mais escuro o

indivíduo, maior a pressão de "inferioridade" imposta pelo sistema racista. Assim, entre todos os povos não-brancos, os negros são mais vitimados por este processo. Particularmente, os negros mais escuros recebem extrema vitimização - mesmo entre as próprias pessoas negras. Este código de coloração da pele estabelecido pelo coletivo branco global, assim como outros métodos de subjugação dos negros, é essencial para a sobrevivência genética branca. Este mesmo código faz com que as pessoas negras digam "Não se case com alguém mais escuro que a si mesmo", preferindo pessoas de pele clara como companheiras. Tais padrões socialmente impostos de pensar deu ao bebê Preto sua primeira experiência direta com a rejeição e negação pelo sistema social racista que ele ou ela nasça; esta negação vai continuar por toda a vida.

De maneira simplificada, inferiorização significa que através da estruturação do pensamento, padrões e experiências sociais, como habitação precária, falta de cuidados de saúde, os sistemas escolares, famílias desestruturadas e baixos níveis de rendimento, a criança Preta ou outra não-branca – que poderia ser um gênio com base na herança genética – pode ser transformada em um criminoso que deve passar seus anos produtivos trancado atrás das grades de uma cela de prisão. Inferiorização deliberadamente torna uma criança negra, que poderia tornar-se um estadista universal brilhante, um forte pai apoiador e um amoroso protetor que cuida de sua esposa, em um viciado em drogas. Torna uma criança negra do sexo feminino, que poderia se tornar uma médica, cientista e excelente mãe, em uma prostituta. Torna pais negros, que poderiam ser maduros, apoiadores, amorosos e gentis para seus filhos, em imaturos espancadores de criança e abusadores sexuais de seus próprios filhos. Transforma alguns professores negros, que poderiam amar e educar crianças negras, em professores que odeiem e não possam educar. Isso estrutura a experiência social total de jovens negros para que eles acreditem que seja “legal” e mais importante fumar maconha, usar linguagem chula e aprender a dançar do que seja aprender a ler e se tornarem matemáticos especializados. Torna pessoas negras em “palhaços”, em vez de em verdadeiros construtores da nação. Molda muitos negros, que poderiam dar o máximo de serviço às pessoas negras, em pessoas cuja preocupação principal seja a acumulação de dinheiro e bens materiais. Faz os homens se preocuparem mais em vestirem roupas “descoladas”, do que aprenderem a como ser excelentes pais e guias para seus filhos, especialmente meninos. Faz com que as pessoas negras se vejam como máquinas de sexo, em vez de construtores de uma humanidade mais elevada.

Este processo social de distorção destrutivo é alcançado através da imposição, do nascimento à morte, de uma experiência social/ambiental estressante, negativa e não favorável sobre as pessoas que estão a ser inferiorizadas. A experiência social negativa e estressante, que é estruturada de forma a afetar todos os aspectos da atividade de vida, leva ao desenvolvimento de um auto-conceito negativo, uma perda de auto-estima e

o desenvolvimento de padrões de comportamento individuais e de grupo auto-destrutivos. Alguns desses padrões negativos de comportamento desenfreado entre pessoas negras hoje incluem exibir bens materiais, fofocar uns sobre os outros, xingamentos, maldizer, disputas, delatar e ser rude e desrespeitoso com o outro. Quando esses comportamentos são direcionados a pessoas que são um reflexo de si mesmo (ou seja, pessoas negras em relação a outras pessoas negras), eles indicam a auto-aversão e auto-insatisfação. As elevadas taxas de homicídio e suicídio masculino preto são extremas, mas exemplos por demais comuns deste fenômeno. As pessoas negras que usam drogas e as vendem um ao outro é um outro exemplo do mesmo padrão homicídio e suicídio.

Todos esses padrões de comportamento de auto-negação e grupal, além de muitos outros, tornam-se as correntes invisíveis e algemas ao redor dos pescoços e os tornozelos do preto oprimido, segurando todos nós em uma continuamente destrutiva escravização. Com justificação completa, podemos chamar todos estes comportamentos de doença mental, uma vez que impliquem em auto e grupal destruição. Esses comportamentos impedem unidade do grupo e eficiente esforço de grupo. Quando os pais, professores e outros adultos praticam estes comportamentos em relação um ao outro, eles ensinam as crianças a praticá-los também. Crianças negras aprendem que as pessoas negras não respeitam uns aos outros, o que também significa que as pessoas negras não se respeita e não devem se respeitar. As crianças, por sua vez, ensinarão os de gerações seguintes como desrespeitar a si mesmos e uns aos outros – assim, a como permanecerem oprimidos. Inferiorização é essencial para o processo de opressão. Ela garante que os opressores não precisem ser incomodados para manter os oprimidos constantemente sob arma e a chave para mantê-los no estado oprimido; ela mantém os oprimidos de efetivamente desafiar o processo e sistema opressivo. Desta forma, os opressores moldam os oprimidos para compartilharem plenamente no processo de sua própria opressão. Em última análise, o processo de inferiorização é projetado especificamente para prevenir o desenvolvimento máximo do potencial genético dos oprimidos não-brancos. Os negros devem aprender que nenhum sistema de opressão jamais desenvolve maximamente aqueles a quem o sistema é estruturado especificamente para dominar. Tal sistema só permite que os oprimidos sobrevivam, para que possam continuar a ser oprimidos. Nenhum sistema de opressão está estruturado de forma consciente para se destruir. O desenvolvimento máximo de todas as pessoas negras provaria ser falsa a ideologia de superioridade branca. Assim, se as crianças negras e os negros como um todo jamais estejam a ser desenvolvidos plenamente, os próprios negros terão de decretar esse desenvolvimento. Dados e provas suficientes estão em: depois de 127 anos da chamada emancipação, o coletivo branco demonstrou que não tem a intenção de desenvolver ao máximo crianças negras. Ainda assim, os brancos estão falando sobre as crianças negras e negros como sendo geneticamente inferiores a eles, e eles

estão a desenvolver políticas sociais abrangentes com base unicamente em tal padrão de raciocínio e lógica.

Em vez de desenvolver padrões de comportamento para protesto inútil, as pessoas negras deveriam estar cultivando padrões de auto-ajuda para o autodesenvolvimento. Uma vez que o ambiente familiar Preto seja a primeira instituição social no âmbito do sistema racista em que a criança negra começa a experimentar a inferiorização, é fundamental que todas as pessoas negras comecem a compreender 1) a verdadeira função da vida familiar, 2) como alguns dos aspectos mais importantes da inferiorização podem ocorrer lá e 3) que a família preta é a única instituição social sobre a qual nós, como pessoas negras, podemos começar a exercer algum controle. O controle da família Preta será evidente, uma vez que ganhemos um pouco de domínio sobre nossas vidas individuais. Vamos aprender que comportamentos disfuncionais podem ser alterados através do exercício da força de vontade. Assim, dentro do ambiente familiar, as pessoas negras podem começar a alterar a inferiorização dinâmica e criar um processo para o desenvolvimento máximo das crianças negras.

A unidade familiar funcional é composta por pai, mãe e filhos. O papel final desta unidade social vital é instruir as crianças sobre a forma como os homens e mulheres adultos funcionam, geralmente em conjunto e harmoniosamente para o desenvolvimento máximo de uma pessoa. Unidades familiares individuais, porém, são unidades celulares de um organismo inteiro chamado de um povo ou de uma nação. Todas as unidades devem funcionar de forma eficiente e eficaz se todo o organismo é para viver uma existência saudável. Se uma unidade familiar não pode instruir o jovem em padrões harmoniosos de relacionamento entre homens e mulheres adultos, então, em última análise, as pessoas perecerão porque a alienação do adulto do sexo masculino e do feminino, eventualmente, levam ao fim do processo de procriação. Sem os jovens, as pessoas não terão futuro.

O processo de instruir os jovens em padrões harmoniosos mutuamente respeitosos de se relacionar bem como nos padrões apropriados e construtivos de funcionamento é chamado *socialização* – a moldagem de seu comportamento para o desenvolvimento e funcionamento máximo em um dado contexto ambiental. A principal tarefa do pai em relação aos filhos é a de ensinar o padrão de funcionamento do adulto do sexo masculino através de exemplo diário, com amor e bondade com respeito para com os filhos – amor e bondade sendo essenciais para a aprendizagem eficiente. A principal responsabilidade do homem adulto é a de “provedor” e a proteção da unidade familiar e do povo em geral. A principal tarefa da mãe em relação aos filhos é a de ensinar o papel de funcionando da mulher adulta através do exemplo diário, com amor e bondade. A maior responsabilidade da mulher adulta é socialização da criança e cuidados com o lar. Estas divisões de trabalho são fundamentais e necessárias para o funcionamento família eficiente e eficaz em condições

ambientais/sociais hostis, e o racismo é um ambiente social hostil e agressivo.

Hoje, há muito grito e histeria sobre essas prioridades de papéis de funções, principalmente por mulheres brancas. No entanto, nós, como povo negro, não podemos permitir que os brancos continuem a definir as nossas prioridades. Se ignorarmos estas necessidades como negros, vamos fazê-lo por nossa conta e risco. E isso serve bem para lembrar que o desempenho intelectual das crianças brancas é diretamente proporcional ao tempo que suas mães passaram com elas na socialização durante os primeiros cinco anos de vida, enquanto os pais brancos desempenham o papel de família primário "chefes de família" e de protetores familiares e do grupo. O poder branco foi baseada em cima da agressão masculina e atividade "de provedor" branca, enquanto as mulheres brancas cuidam das responsabilidades fundamentais da casa e da vida familiar.

A natureza dotou os homens com a maior massa muscular, o que faz dos homens agressores e protetores de pessoas mais eficientes e eficazes, assim como as mulheres são mais eficazes e eficientes em dar à luz e amamentar o jovem. No âmbito de qualquer ambiente externo hostil e agressivo, tal qual a opressão, o membro da unidade familiar mais importante é aquele a quem a natureza deu a maior massa muscular contra o ataque físico externo, sempre que deva ser necessário. O sistema social racista compreendeu que o método mais potente para a opressão e inferiorização de um povo é atacar a estrutura da unidade familiar, diminuindo assim a sua capacidade de funcionar como uma unidade fundamental para o desenvolvimento e socialização dos jovens. Se houver socialização deficiente, o comportamento do jovem será caótico e desorganizado com estrutura de personalidade dependente, fraca e imatura. Isto pode ser realizado melhor, através do ataque e enfraquecimento ao apoio principal e defensor definitivo da unidade familiar – o homem adulto. As mulheres podem ser controladas pelo opressor do sexo masculino, uma vez que os homens do grupo oprimido sejam enfraquecidos e/ou destruídos. Isto é verdade, não importa quantos diplomas universitários as mulheres possam ter; não importa o quão dura, alta ou grosseira sua linguagem possa vir a ser; não importa o quão "forte" possam parecer. Em última análise, as mulheres devem depender da força física, disciplina e força de vontade de seus homens para proteção máxima. Assim, os homens sempre representam a maior ameaça potencial e desafio aos opressores masculinos.

O sistema do racismo nos EUA especificamente rotulou seu alvo número um para ser atacado o homem preto. O homem negro não está apenas a ser intimidado e muitas vezes destruídos fisicamente, mas mais importante, ele deve ser destruído funcionalmente através da negação de sua principal atividade de provedor para a família negra. Quando os homens não estão autorizados a se tornarem os principais chefes de família e os verdadeiros protetores funcionais para as suas famílias, um grande desequilíbrio é criado entre a importância dos papéis masculinos adultos

negros e os femininos adultos negros. Da mesma forma, a importância do funcionamento masculino é desacreditado e, assim, sutilmente desrespeitado. Como resultado, o caos e a desorganização se sucedem sobre a vida da família, deixando a família como uma disfuncional “unidade-de-sobrevivência”, onde as mães são forçadas a se envolverem em tempo integral em atividades de provedora e protetoras e não estão livres para realizar suas tarefas principais de cuidados da criança e na socialização.

O desequilíbrio subsequente produzido entre o poder financeiro e o poder pseudo-social (e familiar) da mulher negra, quando em comparação com o do homem negro, eventualmente, leva à alienação entre os dois. Esta alienação, seguida de separação e/ou divórcio, causa o desequilíbrio que leva à agora epidêmica síndrome sócio-patológica nos negros: a então dita forte mulher negra e homem negro fraco. A causa fundamental da síndrome é o sistema de poder da supremacia branca. Além disso, este sistema leva à “síndrome do homem negro mulherengo”, em que os homens negros procuram compensar um senso de masculinidade perdido, tentando provar que eles ainda são homens através do número de mulheres que podem seduzir e conquistar. Mas essa síndrome só aumenta a alienação entre o homem negro e a mulher negra, e isso falha em convencer o homem de sua masculinidade.

Cada vez mais, as mulheres negras estão sendo deixadas sozinhas para cuidarem das crianças. Elas, junto a o mito da então chamada “forte mulher negra”, estão desmoronando sob esse fardo impossível. No entanto, as unidades-de-sobrevivência tornam-se dominadas pela presença feminina adulta e todas as crianças são feminizadas, meninos e meninas, igualmente. Mesmo quando não há separação física ou divórcio (porque o sistema social racista não ataca a mulher negra com a mesma ferocidade como que faz com o homem negro), uma relativa passividade masculina negra é produzida, deixando um tom geral de maior poder feminino do que de poder masculino entre pessoas negras.

Esta análise não deve ser vista como uma condenação do homem negro ou da mulher negra. É apenas uma descrição da intenção do sistema opressivo do racismo. Mais profundamente afetados são crianças negras que crescem neste sistema, especialmente crianças negras do sexo masculino. Crianças negras do sexo masculino sistematicamente privadas de modelos masculinos fortes através dos quais eles possam desenvolver orgulho, úteis padrões de comportamento de suporte de grupo e de si, e verdadeiro respeito pela posição do sexo masculino negro adulto. Um grande número de crianças negras do sexo masculino jovens podem dizer-lhe que é muito mais fácil e mais gratificante ser uma mulher negra do que um homem negro. (Veja o Capítulo 6.)

O sistema social racista pode sobreviver apenas se a masculinidade negra for destruída. Ele constantemente removeu fortes imagens masculinas pretas, como aquelas apresentadas por Malcolm X e Martin Luther King, Jr. Inicialmente, ele substituiu essas imagens poderosas, progressivas e

construtivas pelas poderosas imagens de cinema e televisão de "Geraldine" e "Superfly". A mídia racistas, em seguida, seguiu com a mensagem para negros de que é uma "boa hora" para ver um patético homem negro adulto quem nunca consegue encontrar um trabalho pago decente e um filho homem negro adolescente que é um palhaço e um ladrão criminoso que nunca estuda, mas que agora tem um grande interesse em assuntos acadêmicos. Inúmeros seguiram como exemplo. Estas imagens da mídia negros do sexo masculino como fracos persistem até o presente. Retornamos aos "tempos lamentáveis" da vida real para enfrentar o fato de que em média universitárias negras têm uma tabela salarial apenas 300\$ mais baixa do que sua contraparte, universitárias brancas, enquanto que o homem preto graduado na faculdade ganha \$ 3.000 menos do que o homem branco graduado no ensino médio.

Todos esses fatores são responsáveis por as, agora, proporções epidêmicas da passividade, efeminação, travestismo, bissexualidade e homossexualidade (ver Capítulo 6), a causa raiz do que é necessidade do sistema racista para selar a masculinidade negra através de distorcer a dinâmica da vida familiar negra. Os negros não devem ver esses padrões de comportamento como crimes isolados ou atos imorais. Eles devem ser reconhecidos como o subproduto da guerra social/política contra o desenvolvimento máximo de pessoas negras como um todo.

Os negros podem começar a parar o processo de inferiorização negra se as agora disfuncionais unidades de sobrevivência de predominância feminina puderem ser transformadas em verdadeiras unidades familiares. Um equilíbrio deve ser estabelecido entre o papel do homem adulto de sustento da família e o papel feminino de socialização da criança, com igual respeito mantido para ambos os papéis. Isso não pode ser realizado por homens que tentem forçar as mulheres a andar sete passos atrás. Nem isso pode ser alcançado por homens que forçam as mulheres em sua numa submissão silenciosa. Isso pode ser alcançado por homens negros que se recusem a se contentar com menos do que adequados papéis de provedores. Assim, todos os homens negros terão de recusar serem passivos, dependentes e sustentados por mulheres em qualquer grau. Eles terão de exigir do opressor, e irão alcançar, o direito de serem chefes de família em igualdade com os homens brancos antes que às mulheres brancas ou às mulheres pretas sejam dadas papéis iguais de chefe de família como homens brancos. Deve-se iniciar um movimento de libertação dos homens negros por salários e oportunidades de emprego iguais em todos os aspectos com o de homens brancos. Como um coletivo, homens negros devem perceber que eles foram enganados em acreditar que as mulheres brancas são suas aliadas mais amorosas. Enquanto mulheres brancas estão atraindo os homens negros para a cama e para o altar, o coletivo de mulheres brancas está a privar os homens negros (por meio de movimento de libertação da mulher branca) de sua função oportunidade plena como chefes de família, e não apenas como "máquinas de sexo".

Mulheres negras devem começar a lutar para alcançar as oportunidades desfrutadas por mulheres brancas – de ficarem em casa enquanto estão a ser adequadamente apoiadas por seus maridos, fornecerem a socialização adequada e cuidados e atenção às crianças. Mulheres negras não devem ser enganados acreditando que o movimento de libertação das mulheres é a sua salvação. Eles devem deixar de acreditar no mito da "forte mulher negra" que é capaz de fazer tudo (de provedora e socializadora) sozinha. Mulheres negras devem entender que nós sempre seremos oprimidas, assim como nossos filhos e filhas, a menos que os homens negros sejam liberados para defenderem-se, as mulheres negras e as crianças negras, de todos e quaisquer ataques e insultos.

Quando essas questões fundamentais são colocadas em perspectiva, quando os homens negros e as mulheres negras estão lutando juntos para estes objetivos que têm tudo a ver com o desenvolvimento da vida familiar negra, crianças negras do sexo masculino serão capazes de crescer respeitando-se como futuros homens. Assim, elas irão reconhecer a finalidade do estudo disciplinado para se realizarem academicamente, e elas deixarão o desejo de serem mulheres. Crianças negras do sexo feminino crescerão respeitando a si mesmas como futuras mulheres apoiadas, protegidas e respeitadas pelos seus próprios homens, e elas aprenderão a respeitar os homens negros como homens. Focalizando nesses objectivos externos comuns, homens e mulheres negras serão libertados da presente competição destrutiva uns com os outros e, em vez disso, aprenderão a trabalhar em equipe, a fim de competir com sucesso com os seus opressores comuns para o desenvolvimento máximo de si de sua crianças.

Porém, as pessoas negras não só devem comprometerem-se em combater a inferiorização através da luta pelo desenvolvimento máximo, devemos, como parte desse esforço, começar a estabelecer padrões de conquista acadêmica e códigos de conduta comportamental para as crianças negras. Esses padrões e códigos servirão como a base fundamental para o desenvolvimento respeito de si e grupal. Sem verdadeira auto-respeito, todos os esforços para a realização serão em vão. Mantendo-se com esse objetivo, todas as crianças negras, antes da idade de seis anos, devem ser ensinados os seguintes exercícios fundamentais de auto-respeito como exemplos por adultos negros adultos em casa, na escola, igreja e vizinhança:

1. Pare de xingar um ao outro.
2. Parar de maldizer um ao outro.
3. Pare de disputar um com o outro.
4. Pare de fofocar sobre o outro.
5. Pare de dedurar sobre o outro.
6. Pare de ser descortês e desrespeitoso um com o outro.
7. Pare de roubar um do outro.
8. Pare de furtar um do outro.

9. Pare de lutar um com o outro.
10. Pare de matar um ao outro.
11. Pare de usar e vender drogas um ao outro.
12. Pare de jogar lixo e sujeira nas ruas e em locais onde as pessoas negras vivam, trabalhem e aprendam.

Com esse comportamento fundamento no auto-respeito, as crianças negras seriam ensinadas que a conquista acadêmica é a maior prioridade. Cada bairro deveria dar prêmios anuais para as crianças em cada faixa etária, com base no desempenho público em leitura e realização matemática. Isto indicaria para as crianças negras que o conhecimento e a informação são as bases importantes de poder, juntamente com auto-respeito.

Além disso, pelos seis anos de idade, as crianças negras devem aprender que as pessoas negras, como uma nação, não são altamente parecidas com os jovens com maternagem e patinagem de crianças negras antes que atinjam a maturidade emocional e sejam capazes de completamente cuidarem da nova vida negra. Fazer um bebê não deve mais permanecer o critério de masculinidade ou feminilidade negra. Masculinidade e feminilidade negra devem ser determinadas unicamente em função de sua capacidade de ser auto-sustentável e para funcionar eficazmente sob as pressões da supremacia branca.

Estes objectivos são apenas um começo, mas eles podem ser alcançados se todo adulto negro ver a ele mesmo/ela mesma como um dos muitos pais de todas as crianças negras. Estes pais devem assumir a responsabilidade para o desenvolvimento máximo de cada criança negra. Essa responsabilidade pode ser expressa em uma forma tão simples como nunca visualizadas a qualquer forma de comportamento de negação de si ou de grupo de qualquer criança negra. Com efeito, esta prática irá ensinar a criança a lição mais importante de todas: que as pessoas negras se respeitam.

**Racismo e a Inferiorização
dos Jovens e das Crianças Negras
(Julho de 1987)**

**Crianças Negras Pais: O Novo Fator do
Genocídio**

A Crise no Relacionamento Homem Negro/Mulher Negra: Esse Problema é Falso? (Julho de 1985)

Desencanto com a instituição do casamento. Desarmonia. Desrespeito. Separação. Divórcio. Famílias chefiadas por mulheres solteiras como norma. A ausência de modelos masculinos para o desenvolvimento de crianças do sexo masculino e jovens negros. Níveis epidêmicos de gravidez na fase da adolescência. Milhares de crianças abandonadas para o fomento de cuidados e de adoção. Bissexualidade e homossexualidade no gênero masculino negro. Bissexualidade e homossexualidade no gênero feminino negro. Um número crescente de mulheres negras com mais escolaridade e renda do que suas contrapartes masculinas negras. Dificilmente qualquer pessoa negra conhece cinco casais negros felizes.

Tendo em conta estas realidades dinâmicas como sempre presentes na comunidade negra, parece que há uma crise de proporções imensas e graves na relação Homem Negro/Mulher Negra nas décadas finais do século 20. Esta crise tem profundas ramificações que tocam todos os aspectos da vida negra, estendendo-se para as facetas da ordem social mais ampla. Durante a última década, este aparente problema tem sido seminariado, dialogado, discutido, debatido, sondado e exclamado por cerca de todos os ângulos possíveis. Inúmeros remédios têm sido propostos. Não importa de que ângulo este assunto seja abordado, os problemas não desaparecem. Em vez disso, eles parecem se multiplicar, e a alienação entre o Homem Negro e a Mulher Negra só aumenta. Se a alienação Homem Negro/Mulher Negra não for resolvida, há esperança para um futuro significativo para a raça negra?

Caso em questão: alguns negros já estão discutindo "a relação entre o homem negro e a mulher branca" ou "a mulher negra e o homem branco." Essas discussões indicam que a alienação tem crescido ao ponto do suicídio racial Negro.

No título deste capítulo, eu pergunto se esse dilema entre o gênero masculino e o feminino Negro é um problema "falso". Será que estamos, talvez, com foco nas questões erradas na tentativa de acabar com a alienação masculina/feminina Negra? Um problema "falso" é aquele que, na superfície, parece ser válido, mas sobre um exame mais minucioso, é apenas um sintoma do verdadeiro problema. Na presente discussão, isso significa que a discórdia entre os homens negros e mulheres negras e o fracasso em estabelecer duradouras relações harmoniosas são causados por um outro

problema. Quando a dinâmica subjacente é exposta, analisada e compreendida, é possível sanar o sintoma (falso problema). Só então poderão táticas de curto prazo e de longo prazo serem desenvolvidos. Quando a causa subjacente for descoberta, dirigida e neutralizada, o falso problema começa a definhar. Se formos bem sucedidos em encontrar a verdadeira causa da alienação e neutralizar essa causa, então a alienação masculina/feminina negra renderá a verdadeira harmonia.

O maior movimento unificado ocorrendo atualmente entre as pessoas negras são as manifestações contra o "apartheid" na África do Sul. Embora muitas pessoas usem a palavra "apartheid" apenas em referência à África do Sul, o significado fundamental de apartheid é supremacia branca – governo e dominação branca sobre os negros e outros não-brancos. Essa mesma dinâmica (com suas muitas variações, dependendo da localização geográfica particular) – nas suas mais altamente refinadas formas – existe no mundo inteiro, seja onde quer que e seja quando for que os brancos tenham entrado em contato com os povos que possuam o potencial genético para produzir melanina em sua pele; Entre muitas outras coisas horríveis, o sistema de governo da minoria branca na África do Sul "legalmente" impõe a separação prolongada entre homens e mulheres negras, causando a fragmentação da vida familiar Negra. Da mesma forma, no âmbito do sistema da escravidão americana (uma fase no estabelecimento da dinâmica da supremacia branca), homens negros e mulheres negras eram proibidos por lei de se casarem e estabilizarem suas relações. Para evitar ainda mais a sua unidade, muitas vezes os homens negros e mulheres que se tornaram íntimos foram enviados para diferentes plantações por seus proprietários de escravos.

Além do exemplo da África do Sul, a aparência superficial do domínio branco, durante os últimos 125 anos, foi alterada. No entanto, a dinâmica fundamental da supremacia branca permaneceu intocada. Tragicamente, muito poucas pessoas desejam chegar a um acordo com uma análise em profundidade do fenômeno comportamental global de supremacia branca, embora a grande maioria das pessoas do mundo (não-brancas) sejam vítimas em todas as áreas de sua atividade de vida: economia, educação, entretenimento, trabalho, direito, política*, religião, sexo e guerra.

Falhar em analisar profundamente a dinâmica da supremacia branca é uma tragédia, porque esta dinâmica é a causa fundamental dos relacionamentos fracassados entre homens negros e mulheres negras. Ela impediu o casamento de negros do sexo masculino e feminino durante a escravidão americana, e atualmente separa homem negro e mulher negra durante 11 meses fora cada ano na África do Sul. Esta mesma dinâmica de supremacia branca tem mantido Nelson e Winnie Mandela separados por mais de 20 anos.

* Aqui, a palavra "política" inclui todas as relações de pessoas. O relacionamento entre o gênero masculino/feminino negro está incluído neste título, bem como no título sexo. Outros aspectos dessas relações são abrangidos por qualquer outro título

Por conta dos brancos temerem a aniquilação genética branca, e porque apenas os machos podem iniciar a relação sexual forçosamente, durante a escravidão, os homens negros foram oprimidos mais severamente, do as mulheres negras. Este padrão de maior pressão sobre os homens não-brancos é histórico e continua. Isso explica por que os homens negros são duramente vítimas da brutalidade policial e da prisão e também ilumina porque eles são vitimados mais duramente pelo sistema educacional. Devido à sua extrema vitimização nestas duas áreas, os homens negros têm os mais altos níveis de desemprego e de sub-emprego e maior incidência em taxas de abandono escolar e de insucesso escolar, a maior incidência de alcoolismo, as mais altas taxas de uso de drogas e toxicodependência, as taxas de homicídio mais altas, a taxa de suicídio mais rapidamente crescente e mais curto espaço de tempo de vida. Além disso, o homem negro, na maioria das vezes, encontra-se fora da estrutura familiar negra na condição epidêmica de falta de moradia.

Esta pressão excessiva e desproporcionada sob o gênero masculino preta pelo sistema mundial de supremacia branca produz um grave desequilíbrio entre o homem negro e a mulher negra, mesmo que ambos sejam vítimas da supremacia branca. Este desequilíbrio produziu o que alguns chamam incorretamente de "matriarcado Negro." No entanto, este não é um matriarcado negro, mas a necessidade da sobrevivência genética branca e o seu receio do potencial genético da aniquilação que o homem negro representa.

Esta luta consciente e inconsciente para a sobrevivência genética branca pelo coletivo branco mundial exige certos padrões de relacionamentos básicos e específicos entre homens brancos e homens negros e entre mulheres brancas e mulheres negras em todas as áreas de atividade da vida. Uma analogia apropriada é encontrada no jogo de xadrez. O rei branco, a companheira rainha branca e todas as outras peças brancas no tabuleiro de xadrez devem mover-se em certos padrões específicos contra o rei preto, a rainha preta e todas as outras peças pretas se o rei branco for dar xeque-mate ao rei preto. Isto é, com certeza, o principal objetivo do jogo de xadrez. E no jogo de xadrez, o branco sempre faz a o movimento (agressivo) de abertura.

O rei preto e a rainha preta devem mover-se em harmonia tática e estratégica um com o outro para que possam conter o ataque branco com êxito e defender o seu lado do tabuleiro de xadrez de forma eficaz. Essa harmonia é particularmente crucial se quiserem dar xeque-mate ao rei branco!

Se alguém sem conhecimento aprofundado sobre o jogo de xadrez se senta no tabuleiro de xadrez para jogar do lado preto do tabuleiro, enquanto um especialista no jogo de xadrez se senta no lado branco do tabuleiro, o jogador no lado preto do tabuleiro certamente vai perder o jogo. Ele ou ela vai sofrer xeque-mate repetidamente. O jogador do lado preto simplesmente não entende o jogo.

Se, no entanto, aquela mesma pessoa, que repetidamente perdeu toda a jogada anterior, leva-se ele/ela a se sentar e dominar o jogo de xadrez (e depois de dominar a jogar no lado negro do tabuleiro), através do trabalho duro contínuo e estudo, ele/ela terá uma excelente chance de ser vitorioso. Com o estudo consistente e contínuo, ele/ela pode se tornar um especialista, estabelecendo um padrão de vitórias e sucessos contínuos.

É muito mais fácil para a supremacia branca controlar as famílias chefiadas por mulheres, em que mulheres negras devam enfrentar uma predominância masculina no sistema de poder branco sozinhas. Além disso, estas unidades de sobrevivência chefiados por mulheres, eventualmente, produzem proles masculina mais passivas e efeminadas ou descendentes do sexo masculino com padrões comportamentais disfuncionais, que, em muitos casos, eventualmente, serão encarcerados como anti-sociais, dando continuidade à necessária separação masculina/feminina negra.

União estabilizada entre o homem negro e a mulher negra significa o eventual fim à supremacia branca. Quando o homem negro e a mulher negra simplesmente definirem sua luta conjunta em termos de alcançarem educação, moradia, empregos e dinheiro, em vez de combatermos especificamente a dinâmica global e local para da sobrevivência genética branca (supremacia branca), estamos tentando funcionar com o manual do jogo errado e com todas as regras erradas. Embora tenhamos permanecido confusos, os coletivos brancos locais e globais de forma consciente e/ou inconsciente tem dominado as estratégias de sobrevivência genética brancas - em todas as áreas de atividade da vida. Assim, como os negros estão sofrendo "xeque-mate" continuamente pelos coletivos brancos locais e globais. Nós somos as vítimas da supremacia branca que passam a maior parte do nosso tempo em brigas, lutando e disputando uns com os outros. Assim, as coisas vão de mal a pior, especialmente em áreas críticas como nos relacionamentos homem negro/mulher negra, a própria fundação da nação Negra.

Até agora, temos tentado funcionar como homens negros e mulheres negras unidos sem o conhecimento de como exatamente a dinâmica da supremacia branca deve conduzir o homem negro e a mulher negra para distancia. Portanto, nós falhamos no passado e continuamos a falhar nesta relação. Se compreendêssemos a supremacia branca, a prioridade número um para cada homem negro e mulher negra não seria de estender a mão ao outro com aparência de dependência, amor, luxúria ou casamento. Em vez disso, nós procuraríamos dominar padrões específicos de percepção, lógica, pensamento, fala, ação e reação emocional que iriam conter a dinâmica da supremacia branca cientificamente. Decodificaríamos tais comportamentos e os praticaríamos dia e noite. Estaríamos com um foco-único em nossa atividade, sabendo que, a menos que a supremacia branca global e local seja atacada continuamente e de forma eficaz, o relacionamento masculino/feminino negro não tem chance de sobreviver.

Homens negros e mulheres negras estariam em uma contínua troca de informação, conhecimento e compreensão (como os membros de uma verdadeira equipe) sobre como conter a supremacia branca de forma mais eficaz. Esta qualidade de intercâmbio poderia ter lugar tanto quanto trocamos números de telefone, piadas, passos de dança, curiosidades e (em todas as demais instâncias) drogas. Haveria muito menos tempo para olhar nos olhos uns dos outros e se aborrecer, e depois iniciar brigas e lutas. Em vez disso, ambas as pessoas estariam olhando para fora, para além de si, para lutar contra a supremacia branca local e global, que é o verdadeiro problema aniquilando o coletivo negro.

Na verdade, as pessoas se aproximam mais juntas, desde que mantenham o foco para fora no mesmo sentido. Ao manter um foco mental síncrono, Nelson e Winnie Mandela da África do Sul tiveram evoluídos possivelmente no casamento mais forte conhecido para as pessoas negras em todo o mundo. Eles merecem o reconhecimento como o modelo para o relacionamento feminino/masculino negro. Eles estão olhando para fora, para além de si, para lutar contra a supremacia branca. Por lutarem especificamente contra a supremacia branca, eles impedem essa a força da injustiça que os move para a separação.

Quando ambos, o homem e a mulher negra, assumem a luta por justiça contra a supremacia branca, eles estão dotados com a mais forte segurança possível que eles vão permanecer unidos. Eles estão unidos em um esforço comum contra a injustiça, e, simultaneamente, eles expressam a mais forte indicação possível sobre respeito e o amor por si mesmos como indivíduos. Ao fazer isso, o homem negro e mulher negra estão declarando que tenham conferidos a eles mesmos o valor mais alto possível, que é essencial se aqui é para defesa própria – e grupal.

A nova resposta para o dilema do relacionamento masculino/feminino negro é para o homem negro e a mulher negra tornarem séria a luta consciente contra a supremacia branca sua prioridade número um. Felizmente, Neely Fuller escreveu um livro-texto para vítimas de supremacia branca (The United Independent Compensatory Code/System/Concept) que detalha comportamentos específicos que o homem negro e a mulher negra devem adotar a fim de combater eficazmente a força que está dirigindo-os para separação. Fuller sugere que a questão mais crítica é a forma como os homens negros e mulheres negras estendem o seu tempo (energia), como eles usam cada uma das 24 horas no dia. Ele recomenda: 1) conversa construtiva, 2) um trabalho construtivo, 3) dormir e se alimentar suficientemente, e 4) relação sexual não mais do que duas vezes por semana. Estas sugestões merecem a nossa total consideração. Se o consumo de energia for limitado a apenas estas actividades por cada homem negro e mulher negra, certamente que nos tornaríamos mais responsáveis em relação a nós mesmos como indivíduos, o que se traduziria em uma interação mais responsável com o outro. É fundamental que nós percebamos que nossos padrões atuais de comportamento permite que a supremacia

branca exista. Direcionada a mudança radical no comportamento negro, como sugerido acima, vai alterar para sempre a face da supremacia branca, sua vitimização do homem negro e da mulher negra e a destruição da relação masculina/feminina negra.

Mulher Negra Rumo ao Século XXI (Maio de 1975)

Hoje, o mundo está passando por um período de grande turbulência e mudança. Individualmente, estamos conscientes desta turbulência porque o caos social e ambiental traz um aumento atendente no estresse que sentimos em nossas vidas diárias como mulheres trabalhadoras em todos os cargos: esposas, mães e membros individuais de um coletivo total que durante 400 anos foi oprimido. Sim, este é um período difícil para todos nós, “pessoas de cor”, e que não seria um exagero dizer que estamos em um momento não só de turbulência, mas de crise.

Durante os períodos de crise e stress, a coisa mais fácil a se fazer como uma expressão da nosso sofrimento, desespero e desesperança é se lamentar, murmurar, chorar ou tentar escapar através do álcool, outras drogas, fantasiar, do riso ou apenas da diversão e dos jogos. No entanto, uma outra possível resposta comportamental, que canaliza a energia do corpo para cima e adiante ao invés de para baixo, é o uso da crise como um estímulo para a análise, desafio, responsabilidade, crescimento e grande criatividade.

A palavra crise evolui a partir da palavra grega, "Krisis", que significa decisão. Um período de crise é um momento de decisão: um tempo instável ou fundamental ou estado de coisas em que as decisões que são tomadas e postas em prática tornam-se muito importantes para determinar eventos futuros. Ambos, homens e mulheres de todo o mundo, têm um papel fundamental a desempenhar na resolução desta crise, mas a minha ênfase aqui é singular sobre o papel das mulheres negras.

Antes de definir especificamente o nosso período atual de crise e nossa resposta a isso, temos de contemplar nossa identidade, a auto-imagem que carregamos em nossos computadores-cerebrais. Para tudo que possamos imaginar fazer e tudo o que venhamos a fazer ou deixar de fazer é o resultado dessa a imagem de "si", derivada de nossas totais experiências desde o nascimento. Esse quadro torna-se a base para todos os nossos padrões de comportamento. Infelizmente, uma grande parte destas imagens de si – e de grupo – para muitos de nós negros consiste de uma história breve e imprecisa. Por conseguinte, esta história começou há 400 anos, quando foram trazidos para a América do Norte nos porões dos navios negreiros pelos "muito avançados" europeus (brancos); continua com o "avanço" que temos feito desde a nossa emancipação em 1863 em tornarmo-nos “americanos” de pleno direito; e, por fim, esta história insiste em que muitos de nós agora somos como os brancos. Há um provérbio que diz: "A árvore cresce forte e alta apenas na medida em que suas raízes são profundas e

firmemente plantadas no solo." Se as pessoas negras estão em tudo decepcionadas em nosso nível atual de realização, pode ser porque as nossas raízes não estão plantadas profundamente o suficiente descansando sobre tal entrada de apenas 400 anos de história de dados superficiais, inadequados e deficientes.

O fato da nossa verdadeira identidade é que nós, como pessoas negras, somos pessoas cujas as raízes genéticas e históricas dominante se estendem à África, "a Terra dos Negros". Homens e mulheres da ciência hoje, com poucas exceções, estão satisfeitos de que a África foi o local de nascimento da raça humana e que, por muitas centenas de séculos, posteriormente, africanos, ou seja, pessoas negras, estavam na vanguarda de todo o progresso humano. Como John Henrik Clarke declara: "Pode-se dizer com um forte grau de certeza que a África teve três Idades de Ouro. As duas primeiras atingiram o seu clímax e estavam em declínio antes que a Europa como uma entidade de funcionamento na sociedade humana tivesse nascido."

Efetivamente falando, isso significa que as mulheres negras e os homens negros são os pais de toda a família de pessoas - negro, marrom, vermelho, amarelo e variedades brancas. Os negros podem e têm produzido todas as cores da humanidade, incluindo o branco. A pele branca é simplesmente o produto de uma mutação genética recessiva para pele com albinismo. Os brancos não podem ser os pais da humanidade porque os brancos só podem produzir brancos. Mas os negros podem produzir uma gama de cores da tão negra como o proverbial ás de espadas, quanto da tão branca quando a neve movimentada.

Os negros não apenas são os pais genéticos de todas as pessoas no mundo hoje, mas os negros produziram os primeiros cientistas, arquitetos, músicos, matemáticos, astrónomos, astrólogos, filósofos, estadista, sacerdotes, profetas e generais. Na verdade, a África produziu algumas das primeiras mulheres combatentes generais. Lembro-me de alguma sabedoria antiga e importante de África, como visto nos dois provérbios seguintes: 1) "Quando você educar as mulheres, você educa uma nação" e 2) "A mão que balança o berço governa a nação e seu destino." Com esta sabedoria dos nossos antepassados negros em mente, vamos examinar a atual crise mundial e o papel da mulher negra na sua resolução. Qual é a natureza desta crise?

Fundamental na história da supremacia branca foi a decisão de não controlar negras e outras mulheres de cor, mas de controlar os homens de cor. Os homens são os iniciadores do ato de reprodução. Em última análise, as mulheres são dependentes de seus homens para proteção devido à maior força física dos homens em relação às mulheres. Se alguém simplesmente controla os homens de um povo, as mulheres também são controladas. Assim, o coletivo branco esteve sobre o negócio de desenvolver sistematicamente um plano e mecanismo e poder mundial para trazer todos os homens de cor do mundo sob o seu controle final. Uma vez que este tenha

sido estabelecido, os homens de cor foram informados abertamente, bem como sutilmente, de que toda vez que eles procurassem alterar a relação de poder dos brancos sobre os não-brancos, eles teriam que lutar e muitos morreriam. Milhares e milhares de homens negros nos EUA foram linchados e castrados para levarem para casa a mensagem de que os homens brancos estavam destinados a controlar as "bolas" neste mundo, dentro e fora da quadra!

Os homens brancos entenderam que precisavam de mulheres brancas, bem como das mulheres negras para ajudá-los a alcançar e manter essa relação de poder. As mulheres brancas sempre souberam o que tinham a ganhar – a sua própria sobrevivência como brancas. As mulheres negras têm sido confundidas e menos claras em compreender plenamente como elas têm sido levadas a cooperar neste jogo mortal de poder da supremacia branca. Além disso, as mulheres negras não entendem plenamente que elas não têm nada a ganhar e tudo a perder se este jogo mortal continuar.

As primeiras lições para as mulheres negras foram as duras e cruéis de violência e abuso sexual, levar seus filhos para longe e forçá-las a assistirem seus homens sendo linchados e castrados. Mas, então, essas lições duras foram seguidas de tratamento mais brando a mulheres negras em comparação aos homens negros. As mulheres negras receberam comida extra, dinheiro, roupas e outros presentes por seus favores pessoais especiais aos senhores. Elas foram recompensadas por ensinarem corretamente a seus filhos a estarem em conformidade com os desejos dos senhores, bem como por dizerem a seus homens para que se acalmassem e que fossem pacientes para que eles também pudessem ser recompensados. Talvez nós (mulheres negras) realmente tenhamos ficado seduzidas pela ilusão do poder, estando tão perto de homens brancos.

Temos dito-nos que esses comportamentos foram táticas de sobrevivência, e a única forma qual poderíamos ter "chegado tão longe." Mas como a nossa sobrevivência cada vez mais se torna ameaçada, somos forçadas a nos perguntar se nós temos nos enganado em nossa análise e em nossa estratégia. Mas, novamente, há algo a ser aprendido com o nosso passado Africano. E nunca devemos esquecer que aqueles que não aprendem com a "história", "toda a sua história," são obrigados a repeti-la.

A história específica a que me refiro é à da rainha Africana (negra), Cleopatra. Nascida em 69 a.C., Cleópatra chegou ao trono que ela dividia com seu irmão, Ptolomeu XIII, quando ela tinha 13 anos de idade. O Egito era, então, um protetorado romano. Ele estava cheio de conflitos internos e de intrigas. Cleopatra alinhou-se ao general romano, Júlio César, a quem ela pensava que fosse reforçar seu poder e ajudar seu povo. Ela via seu relacionamento político e sexual com César como uma manobra para salvar o Egito dos piores aspectos da dominação romana. Esta manobra falhou apesar de seu segundo amante romano Marco Antonio, quem veio depois da morte de César. Seu suicídio é uma declaração profunda sobre a série de decisões que ela fez. O Egito caiu e tornou-se uma colônia romana. E todos

os aspectos mais duros do domínio romano, que Cleópatra havia tentado impedir, caíram sobre o Egito e no Oriente Médio.

Houveram outras rainhas negras na África que lutaram contra os invasores brancos para sua morte; elas não se submeteram ou cooperaram com seus opressores. Em vez disso, elas se moveram para resistir e destruir esse processo opressivo. Incentivaram seus homens a fazerem o mesmo, deixando assim as suas marcas como heroínas e guerreiras para seu povo que morreram com honra. Essas mulheres negras não foram conhecidas simplesmente como "belas" rainhas que cometeram suicídio em sua própria desgraça.

Isso nos leva à questão pertinente: Devemos continuar nossa aliança com os atuais "romanos", ou, tendo aprendido com o passado, devemos escolher um curso alternativo? No contexto de tudo o que podemos querer chamar de progresso e prosperidade material, devemos enfrentar a realidade de que, hoje, os homens negros morrem mais cedo do que os homens brancos, que as mulheres brancas e negras. Os homens negros são as maiores vítimas de homicídio e eles estão sendo mortos uns pelos outros em números crescentes. A taxa de suicídio em jovens negros é a única taxa de suicídio negra maior do que as taxas de brancos. As mulheres negras e as crianças negras são as vítimas mais freqüentes de estupro e outras agressões físicas e violências. Mortalidade infantil negra permanece duas a três vezes à figurada para brancos. As mulheres negras são mais frequentemente deixadas sozinhas para cuidar de seus filhos do que qualquer outro grupo feminino no país. Quase um terço das nossas chamadas "unidades familiares negras", que me refiro como "unidades de sobrevivência", são as famílias monoparentais. Na área metropolitana de Washington, existem mais de 60.000 crianças negras do gênero masculino que crescem em lares sem pais ou outras figuras paternas que substituam. Continuamos a ter as maiores taxas de separação e de divórcio e, assim, a dissolução da família. Continuamos a ter uma das taxas mais elevadas de paternidade na adolescência, e, portanto, imatura e inadequada paternalidade da próxima geração. Continuamos a ter altos níveis de delinquência juvenil, guerras de gangues e dependência de drogas. Os jovens negros continuam a abandonar a escola em números recordes antes da formatura do ensino médio. Há uma epidemia virtual de baixa pontuação de leitura e matemática entre os nossos jovens, e, como resultado, esses jovens estão deixando a escola com uma preparação totalmente inadequada para este sistema social altamente tecnológico, computadorizado e industrializado.

Os negros estão em uma depressão econômica muito grave, enquanto os brancos ainda estão na fase de recessão. Os negros continuam sendo os últimos contratados e os primeiros demitidos, apesar das supostas realizações de "ação afirmativa". Os níveis relativos de desemprego de negros e de desemprego brancos não mudaram desde 1945. A situação da habitação para os negros urbanos não está melhorando. Os homens negros continuam a serem enviados para a prisão em números recordes, fora da

nossa proporção percentual populacional. Os homens negros constituem atualmente 90% da população prisional do estado. E nós agora testemunhamos o regresso em âmbito nacional da pena de morte.

O que devemos fazer como mulheres negras? É minha convicção de que o provérbio Africano "A mão que balança o berço governa a nação e seu destino" é verdadeira. As mulheres negras são as mães e, assim, as primeiras professoras de mulheres negras e de homens negros. Com o aumento da consciência de sua importância como primeiras professoras, mulheres negras podem determinar se as futuras gerações de crianças negras serão guerreiras ou se continuaremos a ser escravos que vivem em um estado altamente refinado de opressão psicológica, o que não é menos morte do que uma destruição física direta. As mulheres negras, como as mães e professoras, podem ensinar as primeiras lições poderosas de orgulho e respeito à negritude cultural, histórica e genética, enquanto firmemente se recusam a dar qualquer parte da lição de auto-ódio negro do opressor branco que aprendemos quando crianças: "If you're Black, stay back; if you're brown, stick around; if you're yellow, you're mellow; and if you're white, you are all right" ("Se você for preto, fica para trás; se você é marrom, ficar por aqui; se você for amarelo, você está maduro; e se você for branco, está tudo certo"). Mães negras devem cessar em fazer sua primeira preocupação se ou não seus bebês terão pele clara e cabelos lisos.

O recém-nascido pode dizer do primeiro toque da mãe se ela está satisfeita ou decepcionada com a sua cor, aparência e sexo. Certamente mais tarde a criança pode dizer o respeito da mãe pela negritude pelos comentários que ela faz sobre quem é uma menina bonita, quem é um belo garoto e quem tem o proverbial "bom" cabelo e o cabelo "ruim". Todas essas lições que foram ensinadas por nossos opressores brancos a ensinarmos nossos jovens devemos recusar-nos a ensinar outra vez mais!

Mas as mulheres negras como mães e primeiras professoras podem levar sua consciência a um nível ainda mais elevado. Elas podem dar a primeira lição sobre o que constitui a masculinidade negra. Elas podem ensinar todos os seus filhos que elas não são seus "bebezinhos" ou suas amantes substitutas. As mulheres negras podem ser as primeiras a informarem seus filhos, com bondade, de que não os trazem ao mundo para serem oprimidos. Em vez disso, elas os trouxeram ao mundo para serem homens livres, guerreiros que têm guerrear para serem livres, e morrerem, se assim acontecer de morrerem na luta pelo seu direito a serem homens plenos sob as estrelas. As mulheres negras devem parar de dizer a psiquiatras infantis, "Eu nunca vou dizer a meu 'bebê' qualquer coisa do tipo!"

As mulheres negras, como mães e professoras, conscientemente podem ensinar suas filhas que as mulheres negras, como as mães de toda a humanidade, são o alfa e o ômega das mulheres neste planeta. Eles estiveram aqui no início, e se mantida a humanidade, elas estarão presentes no fim. Mães negras podem ensinar suas filhas que elas nunca devem

procurar se parecer ou ser como algo diferente de si mesmas. Elas podem definir os padrões de como as mulheres serão neste planeta. Porque esta é a sua responsabilidade, vindo da tradição das primeiras mães e rainhas. As mulheres negras podem ensinar suas filhas que o respeito não é dado a mulheres pelos homens, mas que as mulheres negras trazem em si o mais alto nível possível de auto-respeito que impõe respeito de homens e mulheres de todas as raças. As mulheres negras podem ensinar suas filhas como elas possivelmente ajudam na destruição de homens negros e pessoas negras, permitindo que os homens negros se escondam na vagina. Para permitir que se escondam (tentem subir ao ventre para serem bebês ou fetos novamente) quando sabem que os homens devem se virar e enfrentar os seus opressores, é um nível extremo de auto-destruição.

Da mesma forma, as mulheres negras podem ensinar suas filhas a nunca se referir a homens negros como "bebê" e nunca permitir que homens negros se referiram a elas, quando mulheres adultas, como "mamãe". Assim, elas sistematicamente podem recusar-se a reforçar a imagem que o homem branco quer reforçada: um bebê negro masculino adulto e assim o proverbial "filho da puta". É claro que um "bebê" nunca acompanhará "O Homem". Finalmente, as mulheres negras podem ensinar suas filhas que podem mudar a maré do destino negro de apenas dando seus prazeres mais íntimos aos provedores que também provem a si mesmos serem guerreiros contra todos os inimigos do coletivo negro.

Estas lições não serão praticadas até que as mulheres negras alcancem um novo nível de respeito por nós mesmas. Devemos lutar como indivíduo para construir este novo auto-respeito negro essencial através dos seguintes exercícios: 1) Temos de parar de fofocar sobre os outros; 2) devemos parar com xingamentos de uns aos outros; 3) devemos parar de brigar um com o outro; 4) nós devemos parar de competir e comparar-nos uns com os outros; 5) devemos parar de tratar como bebês nossos filhos e amantes e, em seguida, chamando-os de incompetentes pelas costas; 6) e em vez de olhar para o espelho todas as manhãs perguntando: "Espelho, espelho na parede, eu sou a mais clara de todas?", devemos começar como, "Espelho, espelho na parede, que eu estou enganando minha própria negritude de um modo geral?

Não temos muito restando. O tempo é curto e a situação de crise, cogitação não de nossa própria fabricação, está sobre nós. Vamos continuar a ser a "cooperante Cleópatra" ou seremos as combates, lutadoras guerreiros-rainhas? O racismo, agora, como no tempo de Cleópatra, é a guerra contra o povo negro, contra a família negra, contra os homens negros, contra as mulheres negras e contra as crianças negras, em todo o mundo. Não há guerra na história que tenha acabado com um desejo ou uma oração. Guerra deve ser combatida com a força de vontade, conhecimento, coragem e determinação das pessoas.

Não há um problema negro que eu tenha mencionado neste livro que não está relacionado com a realidade da dominação branca ao povo negro.

Nós não somos "americanos", assim como os judeus não eram considerados "alemães". Em linguagem de código, tanto "alemão" e "americano" significa branco! Nós, como negros, somos as vítimas dos americanos, como os judeus foram as vítimas dos alemães. Nós somos as vítimas daqueles que se classificam como branco. Os judeus deram a sua resposta a seus opressores brancos. Qual será a nossa resposta como as mulheres negras? Como é que vamos decidir influenciar o curso do destino negro a medida em que nos aproximemos rapidamente do século XXI? Mães da humanidade, a decisão é nossa.

**O Sistema da Supremacia Branca,
A Mentalidade da Supremacia Branca
e o Holocausto da AIDS
(Maio de 1975)**